

# IHU ON-LINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos

Nº 522 | Ano XVIII | 21/5/2018



## A virada profética de Francisco

*Uma “Igreja em saída” e os desafios do mundo contemporâneo*

**Raniero La Valle**  
**Peter Hünermann**  
**Tina Beattie**  
**John O’Malley**

**José María Castillo**  
**Daniele Menozzi**  
**Gianni Valente**  
**Agbonkhianmeghe Orobator**

**Oscar Beozzo**

### Leia também

- Clítia Martins
- Anselmo Otavio

# A virada profética de Francisco

Uma “Igreja em saída” e os desafios do mundo contemporâneo

Os cinco anos do pontificado de Jorge Mario Bergoglio, o papa Francisco, são o tema do **XVIII Simpósio Internacional IHU. A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo**, realizado entre os 21 e 24 de maio de 2018, na Unisinos – campus Porto Alegre.

A revista **IHU On-Line** desta semana reúne diversos especialistas em temas relacionados com as religiões e as igrejas no mundo contemporâneo.

Para o jornalista, intelectual e político italiano **Raniero La Valle**, o Papa não tem promovido apenas uma virada profética, mas também messiânica, no sentido de que retoma os princípios do próprio Cristo, o Messias.

O teólogo alemão **Peter Hünermann** aponta que, além de forte pastoralidade, Francisco tem um senso de sinodalidade. Essa ação dessacraliza o pontificado e divide com as conferências episcopais e os próprios fiéis a escolha dos caminhos para a Igreja nesse tempo.

**Tina Beattie**, professora na Universidade de Roehampton, em Londres, e diretora do Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing, analisa como Francisco tem ouvido e buscado entender mulheres e comunidade LGBT+ que, antes, eram silenciadas pela Cúria Romana.

O historiador jesuíta **John O’Malley** analisa os desafios do atual pontificado à luz do Concílio Vaticano II.

**José María Castillo**, teólogo espanhol que, além de defensor do “estilo Bergoglio”, é lido por Francisco, diz que a novidade desse Papa é ser “mais humano” e, com isso, leva a uma essencial revelação de Deus através da figura terrena de Jesus de Nazaré.

Para o titular de História Contemporânea na Scuola Normale Superiore de Pisa, na Itália, **Daniele Menozzi**, o Papa operacionaliza suas ações centrado no Evangelho, que tem no seu núcleo o conceito de misericórdia. É esse o elo

que coloca a Igreja em perspectiva ao mundo no qual se inscreve.

**Gianni Valente**, jornalista e historiador italiano, observa como Francisco vai à igreja primitiva e sua inspiração no Jesus transformador. Assim, analisa como a ideia de “Igreja em saída” impulsiona à tarefa de “desfazer nós” também no cenário político internacional.

**Agbonkhianmeghe Orobator**, nigeriano, presidente da Conferência dos Superiores Maiores Jesuítas de África e Madagáscar - Jesam, destaca o pontífice pastor. Segundo ele, esse ponto alto de Francisco é que contribui para perceber as diferenças do mundo, especialmente de lugares particulares como a África.

Por fim, o teólogo e historiador **José Oscar Beozzo** analisa como Francisco e sua perspectiva pastoral têm sido recebidos ao longo desses cinco anos, especialmente na Igreja no Brasil.

Completam a edição as entrevistas com **Clítia Helena Backx Martins**, professora da Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS, e com **Joana Salém**, pesquisadora na University of California – UCI, Irvine mais a crítica internacional de **Anselmo Otavio**, professor de Relações Internacionais da Unisinos.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!



Foto: Juanca Guzman Negrini/ Governo do Peru

# Sumário

- 4 ■ Temas em destaque
- 6 ■ Agenda
- 8 ■ **Clítia Helena Backx Martins:** A necessária reconciliação entre uma boa vida e um mundo finito
- 16 ■ **Tema de capa | Raniero La Valle:** Francisco e o anúncio messiânico
- 22 ■ **Tema de capa | Peter Hünermann:** Sinodalidade é a grande novidade e também o desafio de Francisco
- 27 ■ **Tema de capa | Tina Beattie:** Avanços e os limites nos debates sobre o espaço da mulher na Igreja no pontificado de Francisco
- 34 ■ **Tema de capa | John W. O'Malley:** Críticas ao “estilo Bergoglio” não retratam a realidade do pontificado
- 38 ■ **Tema de capa | José María Castillo:** O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão
- 42 ■ **Tema de capa | Daniele Menozzi:** Misericórdia: caminho para compreender os dilemas da Igreja no mundo
- 48 ■ **Tema de capa | Gianni Valente:** Bergoglio e o a Igreja diante dos desafios globais de nosso tempo
- 53 ■ **Tema de capa | Agbonkhianmeghe E. Orobator:** O pastor com cheiro de ovelhas e sua busca pelos “outros”
- 57 ■ **Tema de capa | José Oscar Beozzo:** A “Igreja em saída” de Bergoglio: adesões e resistências do clero brasileiro
- 62 ■ **Joana Salém:** O maio de 1968 no Chile
- 68 ■ **Crítica Internacional | Anselmo Otavio:** O papel do *African Renaissance* na inserção da África do Sul no continente
- 70 ■ **Publicações | Gerson Leite de Moraes; Daniel Nagao Menezes:** A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval
- 71 ■ **Outras edições**

 <p>Revista do Instituto Humanitas Unisinos</p> <p>ISSN 1981-8769 (impresso) ISSN 1981-8793 (on-line)</p> <p>A IHU On-Line é a revista do <b>Instituto Humanitas Unisinos - IHU</b>. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no sítio <a href="http://www.ihu.unisinos.br">www.ihu.unisinos.br</a> e no endereço <a href="http://www.ihuonline.unisinos.br">www.ihuonline.unisinos.br</a>.</p> <p>A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da IHU On-Line é copyleft.</p>	<p><b>Diretor de Redação</b> Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)</p> <p><b>Coordenador de Comunicação - IHU</b> Ricardo Machado – MTB 15.598/RS (ricardom@unisinos.br)</p> <p><b>Jornalistas</b> João Vitor Santos – MTB 13.051/RS (joaovs@unisinos.br)</p> <p>Patricia Fachin – MTB 13.062/RS (prfachin@unisinos.br)</p> <p>Vitor Necchi – MTB 7.466/RS (vnechi@unisinos.br)</p> <p><b>Revisão</b> Carla Bigliardi</p> <p><b>Projeto Gráfico</b> Ricardo Machado</p> <p><b>Editoração</b> Gustavo Guedes Weber</p> <p><b>Atualização diária do sítio</b> Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia</p>	<p>Fachin, Cristina Guerini, Evlyn Zilch, Anielle Silva, Victor Thiesen, William Gonçalves, Stefany de Jesus Rocha, Wagner Fernandes de Azevedo e Eric Machado.</p>  <p><b>Instituto Humanitas Unisinos - IHU</b> Av. Unisinos, 950   São Leopoldo / RS CEP: 93022-000 <b>Telefone:</b> 51 3591 1122   Ramal 4128 <b>e-mail:</b> <a href="mailto:humanitas@unisinos.br">humanitas@unisinos.br</a></p> <p><b>Diretor:</b> Inácio Neutzling <b>Gerente Administrativo:</b> Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)</p>
--	--	--

Entrevistas completas em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)

Confira algumas entrevistas publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU na última semana.

## Mudança climática requer uma gestão policêntrica dos recursos hídricos



*“Além de mais frequentes, a intensidade destes eventos deverá ser muito maior, alterando a distribuição de chuvas e os padrões históricos. Isso exigirá uma abordagem distinta do que estamos acostumados, colocando a incerteza dentro do processo de tomada de decisão.”*

**Bruno Puga**, graduado em Ciências Econômicas pela Unesp, mestre e doutor em Desenvolvimento Econômico pela Unicamp.

## Falhas na transposição do São Francisco revelam a finalidade da obra



*“A obra da transposição do rio São Francisco sempre teve um viés muito mais político do que social ou científico.”*

**Altair Sales Barbosa** é graduado em Antropologia e doutor em Arqueologia. É coordenador do projeto Enciclopédia Virtual do Cerrado pelo Instituto Histórico e Geográfico de Goiás.

4

## Crise habitacional é consequência do modelo de desenvolvimento urbano



*“No Brasil, entre 2000 e 2010, a população cresceu 12,3%, e nesse período a população favelada cresceu cerca de 70%.”*

**Luiz Kohara** é engenheiro civil pela FAAP, mestre em Engenharia Urbana e Construções Cíveis e doutor em Arquitetura e Urbanismo pela USP. É fundador e colaborador do Centro Gaspar Garcia de Direitos Humanos.

## A cidade como negócio e a crise habitacional



*“Nós temos uma crise habitacional que vem de muito tempo atrás e não seria correto dizer que ela apareceu do nada nos últimos anos.”*

**Francisco de Assis Comarú** é engenheiro civil pelo Instituto Mauá de Tecnologia, mestre em Engenharia Civil e doutor em Saúde Pública pela USP. Leciona na Universidade Federal do ABC.

## Por “uma Igreja com rosto amazônico e com rosto indígena”



*“Faz tempo que Amazônia está na agenda da Igreja, porque na defesa da Amazônia está a defesa do futuro do planeta Terra.”*

**Paulo Suess** é doutor em Teologia Fundamental, assessor teológico do Conselho Indigenista Missionário – Cimi e professor em várias faculdades de Teologia.

**Textos na íntegra em [www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://www.ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias)**

Confira algumas notícias públicas recentemente no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU

**91% dos deputados alvo da Lava Jato vão disputar a eleição**

*Dos 55 deputados federais alvo de inquéritos e ações penais na Operação Lava Jato, 50 (91% do total) vão disputar as eleições deste ano. A maior parte (42) disse que disputará a reeleição; quatro pretendem concorrer a uma vaga no Senado; 2 a governos estaduais; um ao Legislativo estadual e um à Presidência da República. Três deputados não responderam ou estão indecisos, enquanto apenas dois disseram que não vão ser candidatos.*

Reportagem de Neila Almeida e Paulo Oliveira, publicada por O Estado de S. Paulo em 14-5-2018, disponível em <https://goo.gl/5CW7ac>.

**Orçamento para titulação de territórios quilombolas cai mais de 97% em cinco anos**

*Morosidade nos processos e falta de recursos revelam racismo institucional do Estado Brasileiro. Para 2018, estão previstos menos de R\$1 milhão para a titulação dos mais de 1,7 mil processos abertos no Incra.*

Reportagem de Franciele Petry Schramm, publicada por Terra de Direitos em 14-5-2018, disponível em <https://goo.gl/Z9XRae>.

**Marielle e o futuro dos feminismos**

*A disputa pelos espaços de poder é o front decisivo dos feminismos hoje.*

Artigo de Antonia Pellegrino e Manoela Miklos publicado por Folha de S. Paulo em 14-5-2018, disponível em <https://goo.gl/6MqBHu>.

**Protestos em Gaza contra mudança da embaixada dos EUA deixam dezenas de mortos**

*Gaza viveu o dia mais sangrento desde que a onda de protestos palestinos em massa começou em 30 de março. As manifestações de dezenas de milhares de moradores da Faixa — que lançaram pedras e pneus em chamas — devido à mudança da embaixada dos EUA para Jerusalém, matou pelo menos 55 manifestantes e deixou centenas de feridos a bala na fronteira.*

Reportagem de Juan Carlos Sanz, publicada por El País em 13-5-2018, disponível em <https://goo.gl/DfVpsq>.

**'Último prego no caixão de Geisel', diz coordenador da Comissão da Verdade sobre memorando da CIA**

*“É realmente um estrago extraordinário. Mas estrago maior nós já tínhamos feito na Comissão Nacional da Verdade, sem querer parecer pretensioso.” É assim que o diplomata Paulo Sergio Pinheiro classifica a revelação de um memorando secreto da CIA, que aponta que Geisel sabia e autorizava a execução sumária de opositores durante a ditadura militar.*

Entrevista de Ricardo Senra, publicada por BBC Brasil em 12-5-2018, disponível em <https://goo.gl/MVyoDM>.

**Chile. O Papa despede os bispos reunidos em Roma com uma carta**

*Às 18h40 desta tarde (17 de maio de 2018) terminou o último dos quatro encontros que o Santo Padre teve com os 34 bispos chilenos na ‘auletta’ da Aula Paulo VI. Ao término deste período de discernimento e encontro fraterno, o Papa Francisco entregou a cada um dos seus irmãos no episcopado uma seguinte.*

Acesse a íntegra da carta do Papa aos bispos, publicada pelo IHU, disponível em <http://bit.ly/2IWIP0F>.

Programação completa em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos)

**3º Ciclo de Estudos  
- A esquerda e  
a reinvenção da  
política no Brasil  
Contemporâneo**

28/mai

**Horário**  
8h30 às 17h30

**Conferencistas**  
Prof. Dr. Eduardo Gudynas  
(9h), Raúl Zibechi (11h),  
Prof. Dr. Pablo Miguez (14h)  
e Prof. Dr. Pablo Ortellado  
(16h15min)

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Oficina estatística  
avanzada**

29/mai

**Horário**  
14h

**Conferencista**  
Prof. MS Renato Luiz Ro-  
mera Carlson – Unisinos

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Violências e direitos  
humanos: perspectivas  
sobre o tráfico de  
drogas no Brasil**

29/mai

**Horário**  
19h30min

**Conferencista**  
Prof. Dr. Sérgio Adorno –  
USP

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

6

**Uma avaliação  
da trajetória  
macroeconômica  
brasileira no período  
2003-2017**

04/jun

**Horário**  
19h30min

**Conferencista**  
Prof. Dr. Pedro Cezar Dutra  
Fonseca – UFRGS

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Dos. La máquina de  
la teología política y el  
lugar del pensamiento.  
Obra de Roberto  
Esposito**

5/jun

**Horário**  
19h30min

**Conferencista**  
Prof. Dr. José Roque  
Junges – Unisinos

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**Revolução 4.0 e  
o trabalho. Dados  
esclarecedores e a  
necessária renda  
universal**

6/jun

**Horário**  
19h30min

**Conferencistas**  
Prof. MS Gilberto Faggion  
– Unisinos e Prof. Dr. Lucas  
Henrique da Luz – Unisinos

**Local**  
Sala Ignacio Ellacuría e  
Companheiros – IHU  
Campus Unisinos  
São Leopoldo

**ObservaSin**

OBSERVATÓRIO DA REALIDADE E DAS POLÍTICAS PÚBLICAS  
DO VALE DO RIO DOS SINOS





# A necessária reconciliação entre uma boa vida e um mundo finito

Clítia Helena Backx Martins analisa as possibilidades de desenvolvimento em uma economia de não crescimento em seu sentido hegemônico e de não degradação ambiental

João Vitor Santos | Edição: Ricardo Machado

8

A história humana é repleta de casos de fim de impérios, desde os Antigos, passando pelos pré e pós-coloniais. Em muitos casos a queda desses impérios tem a ver com o esgotamento político de seus líderes normalmente vinculados à escassez de recursos que leva as populações à pobreza e ao ecocídio, quando não à dizimação completa. O que torna o problema incontornável, nos dias atuais, é que em um planeta globalizado pensar o desenvolvimento e o declínio dos países requer pensar suas implicações em sentido mais amplo. “Para Tim Jackson, o dilema contemporâneo consiste em como ‘reconciliar nossas aspirações por uma boa vida com as reservas de um mundo finito’, ou seja, como viver dentro dos limites impostos pela natureza buscando uma prosperidade mais sustentável e equitativa. Ele assume que a crise econômica (e social, política, ambiental...) seria uma oportunidade única para investir na mudança”, analisa a professora e pesquisadora **Clítia Helena Backx Martins**, em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

Nesse sentido, Clítia lembra que o autor propõe uma outra noção de desenvolvimento. “Para ele, desenvolvi-

mento sustentável faz sentido para a economia apenas se entendido como desenvolvimento sem crescimento – a melhoria qualitativa de uma base econômica física que é mantida num estado estacionário pelo transumo de matéria-energia, no limite das capacidades regenerativas e assimilativas do ecossistema”, pontua. “Para definir o que é prosperidade, ele leva em conta dois fatores principais: coletividade e continuidade. O primeiro fator se relaciona à ideia de que o propósito e o progresso humanos apenas são possíveis se houver prosperidade social, coletiva, partilhada. O segundo fator tem a ver com a durabilidade da prosperidade, vinculada à questão fundamental dos limites ecológicos no planeta”, complementa.

**Clítia Helena Backx Martins** é graduada em Ciências Econômicas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ, mestra em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC e doutora em Sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. É diretora da Sociedade Brasileira de Economia Ecológica. Foi professora da PUCRS (1997-2011) e professora substituta na UFRGS (2007-2008).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – O conceito de “crise sistêmica” pode contribuir para a compreensão do momento atual? Como Tim Jackson avalia os enfrentamentos que vêm sendo feitos diante da crise global?**

**Clítia Helena Backx Martins** – Desde 2003, Tim Jackson<sup>1</sup> tem

<sup>1</sup> **Tim Jackson** (1957): é professor de desenvolvimento sustentável na universidade de Surrey. Faz parte de um comitê internacional de pesquisadores para pensar questões econômicas, sociais e políticas na perspectiva da prosperidade sustentável. (Nota da **IHU On-Line**)

dirigido suas pesquisas para as relações entre consumo, estilo de vida e sustentabilidade. Não obstante, é pertinente contextualizar seu livro *Prosperidade sem crescimento* (São Paulo: Editora Planeta Sustentável, 2013). Tendo sua versão original

## “A mensagem mais clara da crise financeira de 2008 é de que o nosso modelo de sucesso econômico é fundamentalmente falso”

em 2009, ele foi lançado em um momento em que o mundo enfrentava as repercussões de uma forte crise econômico-financeira, que teve seu epicentro inicial nos Estados Unidos, atingiu a Zona do Euro e se espalhou rapidamente para outros países.

Jackson sublinha que as raízes da crise vêm do esforço para liberar crédito com o intuito de financiar a expansão econômica no mundo, sendo o processo de crise apenas uma parte da “falha sistêmica no paradigma econômico corrente”. Como ele menciona em palestra no lançamento do seu livro no Brasil, em 2013, “a mensagem mais clara da crise financeira de 2008 é de que o nosso modelo de sucesso econômico é fundamentalmente falso. Para as economias avançadas do mundo ocidental, prosperidade sem crescimento não é mais um sonho utópico. É uma necessidade financeira e ecológica”.

A noção de crise sistêmica tem a ver com a complexa rede de eventos e de fatores que impactam a vida moderna, podendo-se pensar em crises em várias dimensões: econômica, social, política, ambiental, cultural, ética, e com abrangência geográfica diversa – local, regional, nacional, global. Pode abarcar também as crises nas comunidades, nas relações humanas, enfim, tudo o que afeta o tecido social em um determinado contexto.

Na abordagem da *Sociedade de Risco Mundial - Em Busca da Segurança Perdida* (Coimbra: Editora Almedina, 2015), Anthony Giddens<sup>2</sup>

e Ulrich Beck<sup>3</sup> destacaram os aspectos contemporâneos de risco e de incerteza, colocando-os como centrais no debate social. Por sua vez, Jared Diamond<sup>4</sup>, em seus diversos livros, mas principalmente em *Colapso* (Rio de Janeiro: Record, 2005), adverte que mesmo as sociedades mais ricas e tecnologicamente avançadas enfrentam problemas ambientais e econômicos crescentes que não devem ser subestimados.

Diamond demonstra as formas extremas de declínio levando ao processo de ecocídio (suicídio ecológico não intencional) ocorrido em algumas sociedades antigas e outras modernas, em decorrência de problemas ecológicos derivados da destruição de recursos ambientais essenciais para o suporte dessas sociedades. Como exemplos de sociedades antigas que entraram em colapso, ele cita os Maias, os Anasazis, os antigos habitantes da Ilha de Páscoa e os Vikings na Groenlândia; seus exemplos contemporâneos de colapso seriam a Somália e a Ruanda, na África.

de inúmeros artigos. Em 1985 foi cofundador da “Academic Publishing House Polity Press”. É também conhecido como o mentor da ideia da Terceira Via. Entre suas obras publicadas em português citamos *As Consequências da Modernidade* (Oeiras: Celta, 1992); *Capitalismo e moderna teoria social: uma análise das obras de Marx, Durkheim e Max Weber* (Lisboa: Editorial Presença, 1994); *Transformações da Intimidade – Sexualidade, Amor, e Erotismo nas Sociedades Modernas* (Oeiras: Celta Editora, 1996). (Nota da IHU On-Line)

<sup>3</sup> **Ulrich Beck**(1944-2015): sociólogo alemão da Universidade de Munique. Autor de *A sociedade do risco*. Argumenta que a sociedade industrial criou muitos novos perigos de risco desconhecidos em épocas anteriores. Os riscos associados ao aquecimento global são um exemplo. Confira na edição 181 da revista **IHU On-Line**, de 22-05-2006, intitulada *Sociedade do risco. O medo na contemporaneidade*, a entrevista exclusiva *Incertezas fabricadas*, concedida por Beck. O material está disponível para download em <http://bit.ly/ihuon181>. (Nota da IHU On-Line)

<sup>4</sup> **Jared Mason Diamond** (1937): é um biólogo evolucionário, fisiologista, biogeógrafo e autor de não-ficção estado-unidense, vencedor do Prêmio Pulitzer. (Nota da IHU On-Line)

Os desafios às sociedades atuais, a seu ver, são os mesmos das sociedades antigas, como impacto do crescimento demográfico, problemas com o desmatamento, e uso intensivo do solo e da água, acrescidos das ameaças mais recentes como as mudanças climáticas causadas por atividades antrópicas, o acúmulo de produtos químicos tóxicos no ambiente, a carência de fontes limpas de energia e a utilização total da capacidade fotossintética da terra, entre outras. Os efeitos nefastos emergiriam sob a forma de fome generalizada, guerras externas e conflitos internos, e perda da complexidade social.

Tim Jackson partilha dessas visões, embora não tão explicitamente, ao se referir a perdas humanitárias resultantes de crises. Sobre os enfrentamentos, ele coloca com frequência o poder público no relevante papel de estimular as atividades que sejam essenciais para a sociedade e de se contrapor de maneira adequada aos efeitos das crises, estimulando atividades *verdes*. Estas medidas podem incluir impostos ambientais e o lançamento de papéis verdes do Tesouro, ligados diretamente a investimentos de baixo carbono – mais sustentáveis do ponto de vista ambiental. Da mesma maneira, ele defende primordialmente a participação pública no setor de energia.

Jackson, entretanto, critica o fato de que na crise financeira de 2007-2008 o governo norte-americano tenha utilizado uma soma vultosa de dinheiro público para socorrer os bancos privados envolvidos na crise, enquanto as famílias que tiveram

<sup>2</sup> **Anthony Giddens**: sociólogo inglês, foi diretor da “London School of Economics and Political Science” (LSE). É autor de 34 obras, publicadas em 29 línguas, e

grandes perdas não receberam qualquer compensação.

Sobre a ação governamental, o autor indica ainda a necessidade de medidas de estímulo para os grupos mais pobres, reconhecendo que cortar gastos sociais “afeta a capacidade de as pessoas florescerem – um golpe direto na prosperidade”.

### **IHU On-Line – Quais os conceitos de “prosperidade” e “crescimento” na visão do autor? De que forma essa sua abordagem contribui para pensarmos na emergência de novas formas de desenvolvimento?**

**Clítia Helena Backx Martins** – Para Jackson, o que importa é o fato de que a prosperidade não se traduz necessariamente em crescimento do Produto Interno Bruto - PIB, uma vez que significa, na realidade, construir uma sociedade mais justa e melhor, alcançando o *bom viver*.

Para definir o que é prosperidade, ele leva em conta dois fatores principais: coletividade e continuidade. O primeiro fator se relaciona à ideia de que o propósito e o progresso humanos apenas são possíveis se houver prosperidade social, coletiva, partilhada. O segundo fator tem a ver com a durabilidade da prosperidade, vinculada à questão fundamental dos limites ecológicos no planeta. A noção de progresso baseada na expansão contínua de bens materiais, segundo Jackson, é indefensável. Além disso, a prosperidade de hoje deve levar em conta a prosperidade de amanhã.

Assim, ao argumentar que a noção de prosperidade transcende interesses materiais, o livro evidencia que, além de um certo ponto, o crescimento do consumo não aumenta o bem-estar humano, podendo inclusive contribuir para a redução do nível de satisfação total. Desse modo, ele defende a redefinição de prosperidade com base no que realmente contribui para o bem-estar das pessoas.

Para diversos autores da Economia Ecológica como Georgescu-Roegen<sup>5</sup> (1971), Herman Daly<sup>6</sup> (2004), Clóvis Cavalcanti<sup>7</sup> (2012), o termo crescimento sustentável seria paradoxal, pois constitui uma “impossibilidade biofísica”. O dilema, nesse caso, é: como um sistema econômico de crescimento contínuo pode caber em um sistema ecológico finito? De maneira similar, eles explicam que desenvolvimento significa trazer gradualmente a um estado mais completo/melhor, ou tornar-se diferente. Já crescimento é simplesmente ficar maior. Conforme Daly (2004), nessa ótica, a economia deveria parar de crescer, porém poderia continuar a se desenvolver, já que o ecossistema terrestre desenvolve-se (evolui), mas não cresce. Para ele, desenvolvimento sustentável faz sentido para a economia apenas se entendido como desenvolvimento sem crescimento – a melhoria qualitativa de uma base econômica física que é mantida num estado estacionário pelo transumo de ma-

téria-energia, no limite das capacidades regenerativas e assimilativas do ecossistema.

Assim, coloca-se o desafio fundamental – o sistema econômico depende de crescimento, de aumentar constantemente? Como fazer a economia funcionar, se as pessoas deixarem de consumir e exigir cada vez mais bens materiais?

Sobre isso, Tim Jackson pontua em diversas passagens do livro de que mais nem sempre é melhor: quantidade é diferente de qualidade. Citando o paradoxo do baixo nível de satisfação com a vida entre a população de economias avançadas, ele conclui que a opulência não traz necessariamente bem-estar subjetivo. Por outro lado, ele alerta sobre o crescimento desigual, com concentração crescente da renda e da riqueza no mundo. Conforme o autor, a desigualdade e a injustiça social são maiores hoje do que no passado. Em suas palavras: “(...) prosperidade para poucos, baseada na destruição ecológica e na persistente injustiça social, não é pilar para uma sociedade civilizada”.

O autor cita Amartya Sen<sup>8</sup>, cuja visão de desenvolvimento é a de que este corresponde a um processo de expansão das liberdades e oportunidades reais das pessoas, ou seja, uma mudança qualitativa no sentido da capacidade dos indivíduos de realizarem escolhas.

Para Jackson, uma sociedade próspera só pode ser concebida como aquela na qual as pessoas tenham a capacidade de florescer de certas formas básicas. Sua visão alternativa de prosperidade é, portanto, “aquela em que seja possível fazer com que os seres humanos cresçam, que se atinja maior coesão social, que se encontrem níveis mais altos de bem-estar e ainda se reduza o impacto

5 **Nicholas Georgescu-Roegen** (1906-1994): foi um matemático e economista heterodoxo romeno cujos trabalhos resultaram no conceito de decrescimento econômico. É considerado o fundador da bioeconomia (ou economia ecológica). Graduado em Estatística pela Universidade de Paris, exerceu importantes cargos públicos em seu país. Em 1946 migrou para os Estados Unidos, onde já havia estudado com Joseph Schumpeter, que o direcionou para os estudos de economia. Foi professor de economia na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee. Sua obra principal é *The Entropy Law and the Economic Process*, publicada em 1971. Nesse livro, com base na segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, Georgescu-Roegen aponta para a inevitável degradação dos recursos naturais em decorrência das atividades humanas. Criticou os economistas liberais neoclássicos por defenderem o crescimento econômico material sem limites, e desenvolveu uma teoria oposta e extremamente ousada para a época: o decrescimento econômico. A IHU vem publicando uma série de matérias sobre Roegen. Entre elas “Georgescu-Roegen, criador da bioeconomia, revisitado”, publicado na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/27ruYUy>; e “Entropia e Insustentabilidade: Georgescu-Roegen, o gênio redescoberto”, publicado nas Notícias do Dia de 17-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NvALLH>; e “A natureza como limite da economia – a contribuição de Nicolas Georgescu-Roegen”, publicado nas Notícias do Dia de 23-04-2010, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/24UJIAL>. Confira mais em <http://bit.ly/23USrIU>. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Herman Daly** (1938): economista e professor estadunidense na Escola de Política Pública de College Park, nos Estados Unidos. A ele é geralmente atribuída a ideia de crescimento deseconômico. Confira a entrevista concedida por Daly às Notícias Diárias do site do IHU, em 13-08-2011, disponível para download em <http://bit.ly/15ezMV>. A edição 485, de 16-05-2016, traz uma resenha do livro “Economia ecológica. Princípios e Aplicações” (Lisboa: Instituto Piaget, 2004), de Herman Daly e Joshua Farley, assinada por José Roque Junges. Confira em <http://bit.ly/2cMFwvU>. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Clóvis Cavalcanti**: é graduado em Economia pela Universidade Federal de Pernambuco - UFPE, e mestre em Desenvolvimento Econômico pela Universidade de Yale, EUA. Atuou na Superintendência do Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, junto com Celso Furtado e Francisco de Oliveira. (Nota da **IHU On-Line**)

8 **Amartya Sen** (1933): Economista indiano autor do livro *Desenvolvimento com liberdade* (São Paulo: Cia das Letras, 2000). Em 1998, a Real Academia da Suécia conferiu o prêmio Nobel de Economia a Sen “por devolver uma dimensão ética ao debate dos problemas econômicos vitais”. Foi galardoado com o prêmio em memória de Alfred Nobel das Ciências Econômicas, pelas suas contribuições ao *Welfare Economics*. Confira a entrevista *Amartya Sen e uma nova ética para a economia* publicada na edição 175 da IHU On-Line, de 10-04-2006, disponível em <http://bit.ly/2ctj9e>. (Nota da **IHU On-Line**)

material sobre o meio ambiente”. Essa visão abarca dimensões sociais e psicológicas, como trabalho útil, sensação de pertencimento e confiança na comunidade, com valores éticos de solidariedade e de responsabilidade social.

A ideia é de que a prosperidade como propósito de desenvolvimento e valor ético remeta a um estado de felicidade justificado e sustentável, algo que dure e seja coletivo; não apenas hedonismo passageiro de prazer pessoal (Cavalcanti, 2013). Na mesma linha de pensamento, Jackson, citando Avner Offer, reitera que “(...) a verdadeira prosperidade é um bom equilíbrio entre a excitação de curto prazo e a segurança de longo”.

**IHU On-Line – Há bastante tempo, o Brasil vem apostando no consumo como forma de crescimento econômico. Mas quais os limites dessa perspectiva? Quais os desafios para se superar esse estado de crises de forma alternativa à via do estímulo ao consumo?**

**Clítia Helena Backx Martins**  
– O Brasil, como se sabe, é um dos países que apresenta maior concentração de renda e desigualdade social no mundo. Embora do início da década de 2000 até 2015 tenha havido uma melhora relativa na distribuição de renda e conseqüente redução da iniquidade, ainda convivemos com carências graves nos setores de educação, saúde, habitação, saneamento e segurança. Assim, ao falarmos de consumo, temos que fazer uma distinção entre a questão de necessidade e a de desejo de consumir.

Em palestra proferida no lançamento do seu livro no Brasil, em 2013, Jackson questiona se são as necessidades que criam as inovações ou, ao contrário, as inovações é que criam novas e crescentes necessidades, invertendo a lógica. Ele argumenta que o desejo por novidades sempre teve um papel fundamental nas sociedades humanas, ancestrais ou atuais, porém nas sociedades anteriores mantinha-se uma pondera-

ção entre a adesão às novidades e o apego ao que era tradicional. No capitalismo moderno, entretanto, isso se dilui, aceitando-se muito mais rapidamente as inovações, no contexto da influência da propaganda que ele denomina de *Ciência do Desejo*.

Ao mencionar a desigualdade brasileira, contudo, cabe lembrar que, dadas as diferenças de renda existentes no país, uma parcela significativa da nossa população não tem acesso suficiente ao conjunto de bens essenciais que asseguram o mínimo de bem-estar físico e psicológico a indivíduos ou famílias. Desse modo, mesmo que Tim Jackson faça a advertência sobre a expansão sem precedentes do consumo mundial entre 1990 e 2007, ele comenta, em outras passagens do livro, que ainda é preciso haver uma melhora na qualidade de vida nos países considerados mais pobres e que isso contempla um aumento na renda e na capacidade de aquisição daqueles que estiverem em situação de indigência. Contudo, segundo o autor, esse movimento necessariamente deverá passar por uma redistribuição dos recursos entre nações do Norte e do Sul, assim como entre os habitantes de um determinado país ou região.

O modelo de crescimento adotado no Brasil que tem início no século XX e se intensifica a partir dos anos 1930, acarretou um célere processo de urbanização, sem planejamento na maioria dos casos, e de gestação de uma classe média urbana que se somava às classes mais altas da elite brasileira, no acesso privilegiado a bens de consumo industrializados.

A expansão e integração nacional desse mercado interno de consumo foram fundamentais para todo o contexto de desenvolvimento da época e continuaram sendo até a atualidade, com algumas diferenças. Para a consolidação desse mercado, apostou-se em diversos tipos de produção e de consumo, como foi o processo de substituição de importações na primeira metade do século XX, principalmente com bens de consumo não duráveis, e, a partir dos

anos 1950, com bens de consumo duráveis, como automóveis e eletrodomésticos. As classes altas e médias permaneceram sendo o mercado-alvo por excelência da produção nacional e o motor da economia residiu por algum tempo no atendimento ao consumo conspícuo por bens posicionais. Por sua vez, no mundo rural e nas periferias das cidades, o subconsumo seguiu entre camadas da população desatendidas pelo poder público e vivendo quase sempre na informalidade.

No entanto, apesar das crises econômicas sucessivas no país, das altas taxas de juros ao consumidor e dos períodos de pico de inflação, essa situação se modificou, em parte, nas últimas décadas, com maior acesso da população de baixa renda aos bens de consumo, como alimentos e vestuário. A ênfase, todavia, foi mantida em bens de consumo duráveis, que vinham preencher o desejo reprimido de segmentos da população até então excluídos desse tipo de consumo, o que se vincula a uma questão de pertencimento à sociedade da qual participam. Por outro lado, as necessidades essenciais como o atendimento à saúde, educação, saneamento, transporte público e outras já mencionadas não foram devidamente contempladas; e, pior ainda, nos dois últimos anos, com as crescentes restrições orçamentárias a gastos sociais por governos nas três esferas – federal, estadual e municipal – os serviços públicos tais como escolas, creches, postos de saúde e centros de recreação vêm sendo desmontados ou sucateados, com conseqüências preocupantes para a população como um todo, mas em especial para os grupos de menor renda.

Em síntese, nosso modelo pautado no consumo de bens produzidos a partir de insumos não renováveis, com técnicas intensivas em recursos energéticos igualmente não renováveis e poluentes, na obsolescência programada e no uso individual de veículos automotores não logra dar qualidade de vida sustentável à maioria da população e ainda por

cima gera danos altíssimos e irreversíveis ao meio ambiente.

Os limites ecológicos desse modelo são claros, assim como a urgência de dotar a população mais carente com os bens e serviços necessários e essenciais à vida. Portanto, dentro da visão que Jackson apresenta, é importante que se dê mais espaço ao que realmente importa para alcançar a prosperidade: propósito, significado e qualidade de vida.

As alternativas são diversas e remetem a uma série de políticas de reeducação e conscientização ambiental, que priorize o trabalho útil e criativo, a produção de forma mais ecologicamente amigável, e a restrição de consumo para alguns itens, como alimentos produzidos com agrotóxicos, combustíveis contaminantes e itens desnecessários ou nocivos à vida no planeta.

**IHU On-Line – Outra marca brasileira é a política econômica de desenvolvimentismo. Quais os limites dessa política? É possível se conceber um “desenvolvimentismo sustentável”?**

**Clítia Helena Backx Martins** – Uma constatação óbvia é de que o modelo brasileiro não é, de forma alguma, sustentável no longo prazo, provavelmente nem no médio prazo.

Em um contexto de reconfiguração econômica global, observou-se no Brasil um forte crescimento produtivo no início dos anos 2000, de maneira similar à de outras economias latino-americanas, como a Argentina, o Uruguai, o Equador, a Bolívia e a Venezuela. Entretanto, essa nova etapa nada mais é do que um *revival* de uma arcaica divisão internacional do trabalho, em que os países da chamada periferia do sistema capitalista se especializariam na exportação de bens primários com baixo valor agregado para países centrais, ou, como no caso atual, para aqueles em processo de rápida e recente industrialização, como é o caso da China. A expressiva demanda chinesa por insumos como combustíveis fósseis, metais, minerais não metálicos e

água – embutida nos produtos agrícolas exportados para esse país, tem levado a América Latina, em especial o Cone Sul, a um retrocesso produtivo no sentido da reprimarização e desindustrialização, com base em uma economia neoextrativista.

Nesse cenário, coloca-se o chamado “Consenso das Commodities”, termo cunhado pela pesquisadora argentina Maristella Svampa (2013) para designar o velho/novo papel assinalado aos países ricos em recursos naturais, que têm fundamentado suas economias em monoculturas, por meio do agronegócio, e/ou na extração mineral, na maior parte das vezes de forma predatória. Evidentemente, essa situação leva a uma exploração crescente do capital natural, causando fortes impactos ao meio ambiente na forma de geração de resíduos tóxicos, bem como pela própria deterioração e exaustão dos recursos, além da ocorrência de graves conflitos socioambientais atingindo populações tradicionais, como indígenas e quilombolas, e de denúncias sobre a utilização de trabalho escravo.

Contudo, a grande vulnerabilidade da economia brasileira frente à conjuntura internacional, em especial às oscilações da economia chinesa e norte-americana, nos deixou reféns das políticas de importação desses países, e também de seus critérios quanto à produção das commodities, o que em parte explica a crise econômica e socioambiental que o país atravessa. Por critérios de produção, estamos nos referindo a que muitas vezes as empresas sediadas nos países centrais adotam medidas rígidas de regulação ambiental e de proteção ao trabalho nos seus territórios de origem, mas os conglomerados transnacionais, ao instalar suas unidades extrativas em outras regiões do planeta, não têm os mesmos cuidados em relação ao meio ambiente e à mão de obra desses locais. Nesse sentido, pode-se citar a tragédia de Mariana<sup>9</sup>, em que a

responsável pela ocorrência é uma *joint venture* em que 50% das ações pertencem à empresa brasileira Vale, e os outros 50%, à anglo-australiana BHP Billiton.

De modo geral, esse modelo de pretensão desenvolvimento baseado na intensa exploração de recursos não renováveis como petróleo, gás e minérios; em monoculturas de soja, cana-de-açúcar e outros agrocombustíveis; e em criação de gado para exportação tem contribuído aceleradamente para o desmatamento das nossas florestas, para a contaminação das águas, para o esgotamento das reservas e para a perda dos meios de sobrevivência de uma parcela expressiva da população brasileira, em especial na Amazônia. Assim sendo, os limites da política de crescimento a qualquer custo são visíveis, mas ainda não estão sendo computados no planejamento e na contabilidade econômica. Novamente, como na questão do consumo, os limites dessa política são essencialmente ecológicos, dados pela capacidade de suporte dos ecossistemas, mas ao mesmo tempo são sociais e econômicos. Portanto, a sustentabilidade e a prosperidade, nesse modelo, não são factíveis.

**IHU On-Line – Como avalia as políticas públicas de estímulo à gestão ambiental e desenvolvimento sustentável no Brasil de hoje?**

**Clítia Helena Backx Martins** – Historicamente, tivemos no Brasil um arcabouço exemplar em termos de leis e políticas públicas dirigidas ao meio ambiente. Contudo, nossos problemas consistem no não cumprimento dessas leis, na falta de fiscalização e na ausência de prioridade para a educação ambiental, por parte do poder público, dos setores produtivos e da sociedade em geral. Por outro lado, percebe-se que todas

<sup>9</sup> **Desastre de Mariana:** na tarde de 5 de novembro de 2015, a barragem de Fundão – localizada no subdistrito de Bento Rodrigues, a 35 quilômetros do centro do município de Mariana (MG) – rompeu e transformou toda a

localidade em um grande mar de lama e destruição. A Samarco é a empresa da área de mineração responsável pela barragem. A seção Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, publicou diversos materiais sobre o caso. Confira em <http://bit.ly/2b5Ser8z>. (Nota da IHU On-Line)

as conquistas feitas desde a década de 1980 vêm sendo contestadas e até derrubadas por *lobbies* parlamentares, representando setores produtivos que normalmente não internalizam seus custos ambientais – ao contrário, repassam para a sociedade todo o ônus da contaminação dos seus processos de produção. Para esses setores, as regulações ambientais são meramente entraves ao que eles consideram como desenvolvimento e por isso as políticas e a gestão ambiental deveriam ser restringidas para poder contemplar seus interesses. Um exemplo disso foi a revisão do Código Florestal<sup>10</sup>, que pendeu no sentido negativo à preservação ambiental. É uma situação lamentável, e, a continuar esse tipo de pressão político-econômica de grandes *lobbies* contrários à proteção ambiental, não podemos esperar que o Brasil implemente efetivamente as políticas públicas que levem a um processo de prosperidade no sentido conferido por Jackson.

Tomando o caso específico do Rio Grande do Sul, podemos dizer que o modelo atual do estado tampouco é sustentável no longo prazo.

Em termos do aumento de impactos ambientais, o avanço da monocultura na região da Campanha e a exploração de carvão são apontados como causa de prejuízos irreversíveis ao Bioma Pampa<sup>11</sup>.

10 **Novo Código Florestal:** O sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU realizou uma série de entrevistas sobre o tema. Acesso: 27/06/2012 - "Rio+20 é o piso, e não é o teto" é uma frase triste e o recibo oficial do resultado piffo'. Entrevista especial com André Lima, disponível em <http://bit.ly/MAzSD6>; 09/10/2011 - Mais estímulo ao desmatamento. Entrevista especial com André Lima, disponível em <http://bit.ly/1bOJHuv>; 28/05/2013 - Regulamentação do Código Florestal desagradada ruralistas, disponível em <http://bit.ly/19YXsZ>; 25/05/2013 - Código Florestal: 1 ano e pouco avanço, disponível em <http://bit.ly/154am-jw>; 23/05/2013 - Sociedade civil lança Observatório do Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/14UhnDq>; 22/05/2013 - Um ano do Código Florestal: tudo dito, nada feito, disponível em <http://bit.ly/18hmyj5>; 31/01/2013 - Subprocuradora propõe ações contra Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/Vy10fM>; 29/01/2013 - Bancada ruralista se articula para derrubar vetos ao Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/Vy10fM>; 23/01/2013 - Procuradoria-Geral da República considera inconstitucionais vários dispositivos do novo Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/WUxr1T>; 22/01/2013 - Procuradoria Geral questiona trechos do Código Florestal no Supremo <http://bit.ly/Ykc94u>; 20/10/2012 - Verdes e ruralistas divergem sobre vetos a pontos do Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/RL45C0>; 20/10/2012 - Depois da disputa do Código Florestal vem a da Mineração, aponta relator da Dhesca, <http://bit.ly/RL3SYy>; 19/10/2012 - Código Florestal: o que restou?, disponível em <http://bit.ly/WvY-Gog>; 27/09/2012 - Os velhos coronéis e o Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/RKPTld>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Bioma pampa:** nome de origem quechua generica-

Ademais, estudos que abordam mudanças climáticas preveem para o estado graves alterações nos próximos anos, com mais chuva, mais calor e mais enchentes.

Tanto como no Brasil, verifica-se no RS a ausência ou insuficiência de políticas públicas para a sustentabilidade: as cadeias de produção e consumo de produtos sustentáveis – a produção de alimentos orgânicos, por exemplo, desenvolve-se lentamente e tem mais dificuldade de obtenção de créditos financeiros e incentivos públicos do que a agricultura quimificada e transgênica. Outrossim, constata-se a falta de integração no sistema da gestão pública ambiental do Rio Grande do Sul e carência de planejamento para médio e longo prazo, assim como a ocorrência de previsões de investimentos sem a correspondente articulação com o sistema de licenciamento ambiental.

“Para definir  
o que é  
prosperidade,  
ele leva  
em conta  
dois fatores  
principais:  
coletividade e  
continuidade”

mente dado à região pastoril de planícies com coxilhas, entre o estado brasileiro do Rio Grande do Sul, as províncias argentinas de *Buenos Aires, La Pampa, Santa Fé, Entre Ríos e Corrientes* e a República Oriental do Uruguai. É também chamada de campos sulinos. Ecologicamente, é um bioma caracterizado por uma vegetação composta por gramíneas e plantas rasteiras, sendo encontradas algumas árvores e arbustos próximos a cursos d'água, que não são abundantes. Comparados às florestas e às savanas, os campos têm importante contribuição na preservação da biodiversidade, principalmente por atenuar o efeito estufa e auxiliar no controle da erosão. Sobre o pampa, confira a edição 247 da **IHU On-Line**, de 10-12-2007, intitulada *O Pampa e o monocultivo do eucalipto*, disponível em <http://bit.ly/ihuon247>. Outro tema afim é tratado na edição 183, de 05-06-2006, *Floresta de Araucária: uma teia ecológica complexa*, disponível em <http://bit.ly/ihuon183>. Leia, também, a edição 27 do **Cadernos IHU Em Formação**, cujo título é *Monocultura do eucalipto. Deserto disfarçado de verde?*, disponível em <http://bit.ly/ihuem27>. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line – Quais os maiores desafios para se promover o desenvolvimento sustentável hoje? E quais exemplos existem nesse sentido?**

**Clítia Helena Backx Martins** – Primeiramente, cumpre definir o que entendemos como desenvolvimento sustentável, já que existem diferentes versões sobre o que ele significa. Podemos defini-lo como um processo de desenvolvimento “que tenha durabilidade, seja economicamente viável, ecologicamente equilibrado, e capaz de propiciar às pessoas condições básicas para sua sobrevivência e exercício de cidadania” (Ibama, 2006).

Nesse contexto, os desafios para se promover o desenvolvimento sustentável e a transição para uma economia de baixo carbono dizem respeito a uma mudança profunda no atual paradigma econômico e à busca por outro modelo que propicie uma prosperidade real. Eles podem ser traduzidos em algumas questões básicas, que norteiem essa mudança. Podemos mencionar, entre outras: a manutenção das condições físicas ambientais dos constituintes do bem-estar; o fortalecimento da resiliência dos sistemas terrestres, capacitando-os a ajustar-se a choques e crises; e o empenho em evitar transferir dívidas de qualquer caráter, ecológicas ou financeiras, para gerações futuras (Streeten, 1995).

Para Tim Jackson, o dilema contemporâneo consiste em como “reconciliar nossas aspirações por uma boa vida com as reservas de um mundo finito”, ou seja, como viver dentro dos limites impostos pela natureza buscando uma prosperidade mais sustentável e equitativa. Ele assume que a crise econômica (e social, política, ambiental...) seria uma oportunidade única para investir na mudança.

Assim sendo, como evitar o colapso generalizado e promover a vida no planeta? O que torna certas sociedades especialmente vulneráveis? Por que algumas sociedades antigas cometeram eco-

cídio? Quais soluções foram bem-sucedidas?

Segundo Jared Diamond, a globalização torna impossível às sociedades modernas entrarem em colapso isoladamente, como ocorreu na Ilha da Páscoa ou com os Maias; enfrentamos, pela primeira vez na história, o risco de um colapso global!

Já, conforme Tim Jackson, as nações desenvolvidas devem dar espaço aos países pobres para crescerem, já que é nestes que o crescimento faz diferença. O autor assevera que as economias ricas precisam de um novo modelo que diga o que virá depois do crescimento, pois não há como bancar esse modelo para todos os países. A conta não fecha, em termos de recursos, de carbono e de gases de efeito-estufa e da biodiversidade, e a riqueza do mundo mais desenvolvido só é possível devido à pobreza do mundo menos desenvolvido.

Entretanto, como já questionava Aloísio Ely em 1992, “como romper e redimensionar as atuais relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre o Norte e o Sul? Até que ponto países emergentes, como o Brasil, têm autonomia e soberania para se lançarem num projeto nacional de desenvolvimento sustentável? Como se dará o acesso à tecnologia e às finanças, sob o controle dos países do Primeiro Mundo, imprescindíveis para as metas de desenvolvimento? Em que condições os países do Norte abrirão concessões para estes recursos estratégicos que garantem o seu modelo de desenvolvimento?”

Na palestra de lançamento da edição brasileira do livro, em 2013, Jackson menciona os casos de Brasil, China e Índia, que estariam chegando ao limiar dessa mudança, apesar das desigualdades. A questão, no entanto, é de como ir além? Seguiremos o modelo ocidental ou haveria um modelo mais vinculado à realidade do país? Ele atenta para que o Brasil e outros países não fiquem presos no ciclo de dívidas, trabalho e gasto com consumo, como nos países mais ri-

cos. Quais seriam nossas próprias soluções? Como garantir a manutenção do capital natural, o desenvolvimento do capital humano e a resolução das graves questões de desigualdades sociais?

### **Democratização da informação**

Algumas saídas apontam para a democratização da informação e educação ambiental, o desenvolvimento de tecnologias ecoeficientes, porém adequadas local e regionalmente e a discussão sobre a participação do Estado e da sociedade na gestão do meio ambiente. Essas propostas envolvem, essencialmente, o incentivo à pesquisa, políticas públicas e gestão ambiental, estrutura de financiamento, participação e cidadania.

Sobre exemplos de desenvolvimento sustentável, há inúmeros registros sobre comunidades intencionais ou tradicionais que buscam viver de maneira mais sustentável. É o caso das ecovilas, existentes em muitos países, mais e menos desenvolvidos. Uma das mais conhecidas é a comunidade de Findhorn, situada na parte nordeste da Escócia, que é citada no livro de Jackson como um dos modelos de vida partilhada e de simplicidade voluntária.

Como exemplos de países, não se pode dizer que haja algum que esteja completamente voltado ao desenvolvimento sustentável, mas sim que tenha uma visão mais ampla nessa direção. Aqui podemos nos referir a países bem diferentes como Butão, Cuba, Nova Zelândia, Islândia e Noruega.

No caso do Butão, trata-se de um país isolado, montanhoso, com forte identidade cultural, e com regime de monarquia parlamentarista, diferenciando-se de outros países asiáticos por nunca ter sido invadido, anexado ou dominado por potências estrangeiras. Como país de tradição budista, sua população incorpora valores como compaixão, simplicidade e desapego. A

base da prosperidade nesse país é o lema oficial de *felicidade humana alcançada com uso sustentável da Natureza*. Assim, de forma coerente, no Butão, as políticas para proteger a natureza não ocorrem em detrimento do desenvolvimento humano e social. Cerca de 80% do seu território correspondem a florestas e 52% são reservas biológicas, a desigualdade social e a violência são baixas, não havendo extremos nem de pobreza, nem de riqueza aparente.

Cuba é um país mencionado por Tim Jackson no livro, por seus indicadores de qualidade de vida: mesmo com a recessão econômica em 1989, com o fim do petróleo soviético subsidiado, nos anos seguintes a saúde no país melhorou, a obesidade caiu pela metade e o percentual de adultos ativos mais que dobrou. O país apresenta baixos níveis de mortalidade infantil e de analfabetismo, sendo que o provimento de serviços sociais pelo Estado garantiu as melhoras de saúde que se seguiram ao colapso econômico. Simultaneamente, o país tem, em comparação com a maioria dos países da América Latina e do Caribe, uma boa colocação no Índice de Desenvolvimento Humano; menor desigualdade de gênero quanto à participação feminina no parlamento (quase 50%); pegada ecológica reduzida; e um índice de segurança urbana relativamente alto.

Nos casos da Islândia, Noruega e Nova Zelândia, são todos países que contam com boas estruturas em termos de políticas públicas e gestão ambiental, além da participação social para a sustentabilidade.

Enfim, a resposta de cada sociedade a esses desafios depende de suas instituições políticas, econômicas, sociais e de seus valores culturais: as instituições e valores afetam o modo como as sociedades resolvem (ou tentam resolver) seus problemas. Percebe-se, desse modo, que mesmo em um ambiente hostil, a crise/colapso é evitável, mas isso depende das escolhas de cada sociedade. ■

# UNISINOS LAB

Se você é aluno de graduação da Unisinos, o IHU disponibiliza 10 vagas gratuitas para o Simpósio através da plataforma Unisinos LAB.

Confira a relação dos nossos eventos em [ihu.unisinos.br/eventos](http://ihu.unisinos.br/eventos) e matricule-se pela plataforma do LAB.

# Francisco e o anúncio messiânico

Raniero La Valle compreende o Papa muito mais do que profético, como aquele que verdadeiramente segue o messias

João Vitor Santos | Tradução: Luisa Rabolini

16

**E**m agosto de 2017, durante uma conferência em Assis, o jornalista e político italiano Raniero La Valle definiu o pontificado de Francisco como uma verdadeira “virada profética”. Ele reconhece que essa é uma interpretação possível, mas sugere ir além. Aliás, ainda no Encontro de Assis, já aprofunda a questão do messianismo. “Se fosse apenas profética, não haveria nada de realmente extraordinário”, reavalia na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**, lembrando que a Igreja é cheia de profetas. “Acredito que seja possível dar outra interpretação, não apenas de um papado profético, mas de um pontificado messiânico”, completa. Tendo em Jesus a figura do messias, La Valle destaca que o próprio cristianismo é messiânico. “Quando se fala de um pontificado messiânico, fala-se da verdadeira missão (embora raramente cumprida) de um papa cristão”, explica. “Isso comporta necessariamente uma descontinuidade, uma ‘virada’, porém não de coisas secundárias, mas da própria direção da história, descontinuidades da qual já podem ser percebidos os sinais (os ‘sinais do tempo’).”

Na entrevista a seguir, o italiano ainda reflete sobre os desafios de “ser Igreja” na atualidade. “Ser Igreja no século XXI significa dizer, não só aos movimentos populares, mas para o mundo todo, que a história não termina aqui, não termina nesse sistema que descarta e nessa economia que mata, não termina com o dinheiro no poder e os pobres nos guetos, não termi-

na com o mundialismo das guerras e globalização da indiferença”, destaca. Além disso, pontua que Francisco tem, ainda, o entendimento de que a Igreja Católica não é a única voz da razão no nosso tempo. “O Papa disse que o papel da Igreja não é o de reivindicar a sua primazia na Europa, mas de ‘lavar os pés’, lavar os pés de todo o mundo, ser seu ‘hospital de campanha’.”

**Raniero La Valle** é jornalista, intelectual e político italiano. Formou-se em Direito, mas imediatamente se dedicou ao Jornalismo. Atuou em jornais como *Il Popolo*, *L’Avvenire d’Italia*, onde foi diretor durante os anos do Concílio Vaticano II, entre outros. Continua sua atividade jornalística produzindo documentários e investigações para RAI [Radiotelevisione Italiana Spa]. Em 1976 tornou-se membro da Esquerda Independente. Também foi senador pelo Partido Comunista por três legislaturas. Atualmente é diretor da *Vasti – Scuola di critica delle antropologie*, é presidente do *Comitato per la Democrazia Internazionale* e, ainda, escreve para a revista *Rocca*. Em 2015, publicou um livro sobre o papa Francisco intitulado *Chi sono io, Francesco? Cronache di cose mai viste* (Milano: Ponte alle Grazie). Entre outras publicações, ainda destacamos *Se questo è un Dio* (Milano: Ponte alle Grazie, 2008), *Paradiso e libertà. L’uomo, quel Dio peccatore* (Milano: Ponte alle Grazie, 2010) e *Quel nostro Novecento* (Ponte alle Grazie, Milano 2011).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – No que consiste a chamada “virada profética” de Francisco?**

<sup>1</sup> IHU, no seu sítio, publicou um artigo em que La Valle

**Raniero La Valle** – Todo mundo está falando sobre a “virada profética”

explica essa interpretação de “virada profética”. Acesse o texto em <http://bit.ly/2jLJZxs>. (Nota da **IHU On-Line**)

do pontificado de Francisco. É certamente uma interpretação correta, que não pode ser desmentida nem pela oposição que o pontificado está sofrendo, porque, aliás, é pró-

# “Quando se fala de um pontificado messiânico, fala-se da verdadeira missão (embora raramente cumprida) de um papa cristão”

prio da profecia ser combatida. Porém, se fosse apenas profética, não haveria nada de realmente extraordinário, porque a história da Igreja, tanto pelo aspecto da sucessão apostólica como das tradições dos discípulos, está cheia de profetas, incluído os papas: basta pensar em Leão Magno<sup>2</sup>, que com seu Tomo a Flaviano<sup>3</sup> doa para a Igreja a fé em Calcedônia, ou em Gregório Magno<sup>4</sup> que, através da figura de São Bento<sup>5</sup> é o verdadeiro pai da Europa.

Contudo, em minha opinião, acredito que seja possível dar outra interpretação, não apenas de um papado profético, mas de um pontificado messiânico. O próprio cristianismo, aliás, é messiânico, e Cristo significa justamente Messias. Portanto, quando se fala de um pontificado messiânico, fala-se da verdadeira missão (embora rara-

mente cumprida) de um papa cristão. Como existem várias figuras de messianismo, entretanto, devemos dizer que não se trata nem de um messianismo apocalíptico (o bem virá, mas só depois de uma catástrofe) nem de messianismo que posterga o bem prometido a um futuro que virá, de forma que, como disse Gershom Scholem<sup>6</sup> sobre os judeus, transformaria a vida do crente em uma vida vivida em diferimento. Francisco, ao contrário, anuncia o “hoje” de Deus, a irrupção do tempo de Deus no tempo histórico, no tempo de agora, na nossa história. Isso comporta necessariamente uma descontinuidade, uma “virada”, porém não de coisas secundárias, mas da própria direção da história, descontinuidades da qual já podem ser percebidos os sinais (os “sinais do tempo”).

## Época do descarte

A primeira descontinuidade é que está se encerrando a época do descarte. Está se encerrando todo um ciclo da história que foi fundado e se desenvolveu na esteira do pensamento da desigualdade entre os homens, um ciclo que vai desde Aristóteles<sup>7</sup> até os racismos e os genocídios do século XX. O papa Francisco

anuncia que hoje, e não amanhã, ninguém deve ser descartado, ninguém deve ser excluído, não existem tantas humanidades quantos são os Estados, as línguas ou as religiões, existe uma única e só humanidade, e é o próprio Deus quem atesta isso, porque ele se fez humanidade no Filho, cobriu-se de humanidade como de uma túnica que, de modo algum, pode ser rasgada e dividida.

É nessa guinada, nessa descontinuidade messiânica que reside o paradoxo de uma teologia missionária, que rejeita o proselitismo, de um papa que “está em Roma, mas sabe que os índios são seus membros”, como já recordava o Concílio, citando São João Crisóstomo<sup>8</sup> e, portanto, considera um absurdo integrá-los, porque eles já estão, de fato, na unidade de Deus. É o ecumenismo de Deus, além do ecumenismo das Igrejas.

**IHU On-Line – De que Deus fala o Papa? Em que medida esse Deus dialoga com o Deus que a humanidade moderna demanda?**

**Raniero La Valle** – Esta pergunta leva-nos à segunda descontinuidade messiânica. Trata-se da saída da ideologia do contrapasso. O contrapasso é a justiça de igual medida, como a chamava Isaac de Nínive<sup>9</sup>: você fez algo a mim, eu farei algo a

<sup>2</sup> **Papa Leão I** (São Leão Magno ou Magno, o Grande): papa de 29 de setembro de 440 até 10 de novembro de 461. É um doutor da Igreja e um dos padres latinos. É conhecido por ter convencido Átila, o Huno em Roma, em 452, a voltar atrás de sua invasão da Europa Ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Flaviano**: foi um arcebispo de Constantinopla de 446 até 449. Ele é venerado como um santo pela Igreja Católica e pela Igreja Ortodoxa. Na Igreja Católica, São Flaviano é comemorado em 18 de fevereiro, a data atribuída a ele no Martirológio romano. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Papa Gregório I**: conhecido como Gregório Magno ou Gregório, o Grande, foi papa entre 3 de setembro de 590 e sua morte, em 12 de março de 604. É conhecido principalmente por suas obras, mais numerosas que as de seus predecessores. Gregório é também conhecido como Gregório, o Dialogador na Ortodoxia por causa de seus “Diálogos” e é por isso que seu nome aparece em algumas obras listadas como “Gregório Dialogus”. Foi o primeiro papa a ter sido monge antes do pontificado. Gregório é reconhecido como um Doutor da Igreja e um dos Padres latinos. É também venerado como santo por católicos, ortodoxos, anglicanos e alguns luteranos. Foi canonizado assim que morreu, por aclamação popular, como era o costume. O reformador protestante João Calvino admirava Gregório e declarou em seus “Institutos” que ele teria sido o “último bom papa”. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **São Bento de Núrsia**, nascido Benedito da Núrsia (480-547): foi um monge, fundador da Ordem dos Beneditinos, uma das maiores ordens monásticas do mundo. Foi o criador da Regra de São Bento, um dos mais importantes e utilizados regulamentos de vida monástica, inspiração de muitas outras comunidades religiosas. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **Gershom Scholem** (1897-1982): pesquisador da mística judaica e se estabeleceu no estudo da Cabala em Jerusalém. É autor de *Die jüdische Mystik in ihren Hauptströmungen* (Frankfurt am Main: Suhrkamp, 2000) e *Zur Kabbala und ihrer Symbolik* (Frankfurt am Main: Suhrkamp 1998). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Aristóteles de Estagira** (384 a.C.-322 a.C.): filósofo nascido na Calcídica, Estagira. Suas reflexões filosóficas – por um lado, originais; por outro, reformuladoras da tradição grega – acabaram por configurar um modo de pensar que se estenderia por séculos. Prestou significativas contribuições para o pensamento humano, destacando-se nos campos da ética, política, física, metafísica, lógica, psicologia, poesia, retórica, zoologia, biologia e história natural. É considerado, por muitos, o filósofo que mais influenciou o pensamento ocidental. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> **São João Crisóstomo** (347-407 d.C.): teólogo e escritor cristão, Patriarca de Constantinopla no fim do século IV e início do século V. Por sua retórica inflamada, ficou conhecido como Crisóstomo (que em grego significa “boca de ouro”). É considerado santo pelas Igrejas Ortodoxa e Católica. É um dos quatro grandes Padres da Igreja Oriental, e doutor da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>9</sup> **Isaque de Nínive** (ou Isaac de Nínive): também conhecido como Isaque, o Sírio, foi um bispo e teólogo do século VII d.C. Ele é considerado santo pela Igreja Ortodoxa e comemorado em 28 de janeiro. (Nota da **IHU On-Line**)

você. É a lei de talião, é a balança da justiça que em um dos pratos coloca o crime e, no outro, a vingança, que a civilidade jurídica acabou atribuindo ao Estado. Deus também está incluído nesse círculo do inferno. Se não condenar, não é justo. Se for ressarcido, se for agradado, se lhe for oferecida reparação, sacrifício, então pode perdoar. É a ideologia de Dante<sup>10</sup>, não há necessidade de ler o catecismo, é suficiente a *Divina Comédia*. O imaginário é aquele mesmo, inferno, purgatório e paraíso, contrapasso e ranger de dentes.

A novidade messiânica encontra-se em anunciar a misericórdia, como a totalidade de Deus. Não é a alquimia da retribuição, não há um *do ut des* divino. A divina comédia acabou. Deus é o pai que não só espera por você, mas reduz o tempo da espera, elimina o diferimento, a procrastinação, chega primeiro, “*primerea*”, como diz o Papa com seu neologismo argentino. E assim devem fazer os homens, de acordo com o Evangelho: setenta vezes sete, ou seja, sempre. Adiar isso para amanhã é o apocalipse, fazê-lo hoje é messianismo.

“O papa Francisco anuncia que hoje, e não amanhã, ninguém deve ser descartado”

<sup>10</sup> **Dante Alighieri** (1265-1321): escritor italiano. Estudou Teologia e Filosofia, sendo profundo conhecedor dos clássicos latinos e dos filósofos escolásticos. Pertenceu ao Partido Guelfo, lutou na Batalha de Campaldino contra os Gibelinos e, por volta de 1300, iniciou a carreira diplomática. Em 1302, foi preso por causa das suas atividades políticas. Iniciou-se então a segunda etapa da sua vida: o exílio definitivo, pois não aceitou as anistias de 1311 e 1315. Afastado de Florença, viveu em Verona e em Lunigiana. Sua principal obra é *A Divina Comédia*. Sobre Dante, confira a entrevista *Divina Comédia. A relação entre poesia e Deus*. Edição 301, de 20-7-2009, disponível em <http://bit.ly/LHKaXb>, concedida por Massimo Pampaloni à **IHU On-Line**. (Nota da **IHU On-Line**)

## IHU On-Line – O que significa ser Igreja no século XXI e qual é o seu papel na busca de soluções para os dilemas comuns no mundo, como as questões ambientais, financeiras, sociais e políticas?

**Raniero La Valle** – Ser Igreja no século XXI significa dizer, não só aos movimentos populares, mas para o mundo todo, que a história não termina aqui, não termina nesse sistema que descarta e nessa economia que mata, não termina com o dinheiro no poder e os pobres nos guetos, não termina com o mundialismo das guerras e globalização da indiferença. O novo pode acontecer e acontece.

E acontece porque é reativada a fé messiânica no fato que Jesus realmente retorna, e retorna hoje. O coração do messianismo cristão reside na confiança de que o Senhor retorna. Os cristãos aguardam o retorno de Jesus. Mas ele não pode voltar se tudo já está escrito, se a revelação está encerrada, e tudo o que resta a fazer é levar a bom termo o que a Tradição já nos entregou.

## Terceira descontinuidade

A terceira descontinuidade messiânica está em demitir o Grande Inquisidor<sup>11</sup> de Dostoiévski<sup>12</sup>, que fala a Jesus, que retorna em Sevilha, para

<sup>11</sup> **Tomás de Torquemada** (1420-1498): também conhecido como O Grande Inquisidor. Foi o inquisidor-geral de origem Sefardita dos reinos de Castela e Aragão no século 16 e confessor da rainha Isabel, apelidada de “a Católica”. O cronista espanhol Sebastián de Olmedo o descreveu como “o martelo dos hereges, a luz de Espanha, o salvador do seu país, a honra do seu fim”. Ficou conhecido por sua campanha contra os judeus e muçulmanos convertidos da Espanha. Há controvérsias acerca do número de autos-de-fé realizados durante o mandato de Torquemada como inquisidor, mas estima-se algo em torno de 2,2 mil. Ainda jovem, Torquemada tornou-se frade dominicano no Convento de São Paulo em Ávila, sua cidade natal. Em 1452, elegera-se prior do Convento de Santa Cruz, em Segóvia. Era sobrinho do cardeal Juan de Torquemada, igualmente dominicano. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> **Fiódor Mikhailovich Dostoiévski** (1821-1881): um dos maiores escritores russos e tido como um dos fundadores do existencialismo. De sua vasta obra, destaca-se *Crime e castigo*, *O Idiota*, *Os Demônios* e *Os Irmãos Karamázov*. Ao autor, a **IHU On-Line** edição 195, de 11-9-2006, dedicou a matéria de capa intitulada *Dostoiévski. Pelos subterrâneos do ser humano*, disponível em <http://bit.ly/Ihuon195>. Confira, também, as seguintes entrevistas sobre o autor russo: *Dostoiévski e Tolstói: exacerbação e estranhamento*, com Aurora Bernardini, na edição 384, de 12-12-2011, disponível em <https://goo.gl/xzfwFD>; *Polifonia atual: 130 anos de Os Irmãos Karamázov, de Dostoiévski*, na edição 288, de 6-4-2009, disponível em <https://goo.gl/VvqQSt>; *Dostoiévski chorou com Hegel*, entrevista com Lázló Földényi, edição n° 226, de 2-7-2007, disponível em <https://goo.gl/Uap15b>. (Nota da **IHU On-Line**)

não perturbar o trabalho das Cúrias.

O messianismo desse pontificado está em mostrar que Jesus continua a falar, não só explicando melhor e fazendo-nos entender melhor o que já foi dito, mas justamente dizendo coisas novas, inéditas, que eram desconhecidas até para ele. O Papa sabe que nem tudo foi escrito no Evangelho, porque, aliás, como afirma João no final, se fossem escritas todas as coisas feitas por Jesus, “o próprio mundo não bastaria para conter os livros que seria preciso escrever”; e há coisas que Pedro não entendeu nem mesmo quando Jesus estava diante dele e lavava os seus pés, e só iria entendê-las mais tarde: não amanhã, porque, inclusive, amanhã o estaria traindo, mas nos séculos futuros; por exemplo, Pedro só entendeu agora que a pena de morte não tem lugar no Catecismo, e pediu aos seus para excluí-la, porque “é necessário... que a Igreja possa expressar as novidades do Evangelho de Cristo, que, embora encerradas dentro da Palavra de Deus, *ainda não vieram à luz*; tal Palavra não pode ser guardada na naftalina... O Espírito Santo continua a falar à Igreja” (discurso de 11 de outubro de 2017)<sup>13</sup>.

Isso afirma o Papa: a revelação não é algo fechado, e a melhor notícia é aquela que hoje ainda não é notícia, não pode ser divulgada, não pode estar nos telejornais porque é uma notícia que ainda não existe. E então Jesus pode retornar. Mas não para ser dispensado novamente com um beijo, como aquele insulso do Grande Inquisidor, mas para ser acolhido e poder falar e ser ouvido através das vozes da imensa multidão de homens, de mulheres, de pobres que ele ama e que são, depois dele, os segundos filhos de Deus na terra, aqueles que assumem para si a mensagem de Jesus e que, como diz São Gregório Magno, escrevem com sua própria carne o Segundo Livro

<sup>13</sup> Acesse a íntegra do Discurso do papa Francisco aos participantes no encontro por ocasião do XXV aniversário do catecismo da Igreja Católica promovido pelo Pontifício Conselho para a Promoção da Nova Evangelização, disponível em <http://bit.ly/2wWfNK8>. (Nota da **IHU On-Line**)

inspirado ao lado do Primeiro Livro escrito no pergaminho, que são as Sagradas Escrituras.

### **IHU On-Line – Francisco pode ser considerado hoje um líder geopolítico mundial? E quais são os seus limites?**

**Raniero La Valle** – Se Francisco é o único líder mundial, é porque nenhum outro mais pensa no bem comum e no destino histórico do mundo. Parecia que tínhamos começado a fazer isso em 1945, após a tragédia da Segunda Guerra Mundial e do Holocausto, quando foram fundadas as Nações Unidas, dando-lhes uma constituição democrática, e foi pensada a construção de uma comunidade internacional de direito, para repudiar a guerra e colocar no centro de todos os direitos, e de todos os Estados a dignidade e a igualdade de todas as pessoas. Mas depois foi acontecendo uma grande restauração, um retorno à idade da barbárie; a fome de milhões de pessoas é decidida com um clique e é possível matar à distância com os drones.

A maior operação de liderança exercida pelo Papa foi aquela de impedir que a guerra assumisse a aparência de uma guerra de civilizações, de guerras de religião, impedindo que o cristianismo fosse uma das partes em conflito, e anunciando enfaticamente que “o Deus de guerra não existe”. Aliás, não só manteve o cristianismo fora do conflito, mas proclamou que não existe um cristianismo entendido como uma unidade religiosa, política, institucional; o papel da Igreja do século XXI é justamente aquele de sair do regime de cristianismo, aquele iniciado com Constantino<sup>14</sup>, Teodósio<sup>15</sup> e que

terminou em Carlos Magno<sup>16</sup>, mas também naqueles reis cristãos que escravizaram e devastaram a América Latina recém “descoberta”. Ao receber o chamado “Prêmio Carlos Magno”<sup>17</sup>, o papa Francisco disse que o papel da Igreja não é de reivindicar a sua primazia na Europa, mas de “lavar os pés”, lavar os pés de todo o mundo, ser seu “hospital de campanha”, um pronto socorro e uma primeira ajuda para a sua recuperação.

E qual é o limite do papa Francisco? Aquele de que falava Stalin<sup>18</sup>, quando perguntava: “Quantas divisões tem o Papa?”. Mas, seria isso um limite?

“O coração do messianismo cristão reside na confiança de que o Senhor retorna”

(Nota da **IHU On-Line**)

16 **Carlos Magno** (742 —814): foi o primeiro Imperador dos Romanos de 800 até sua morte, além de Rei dos Lombardos a partir de 774 e Rei dos Francos começando em 768. A denominação dinastia Carolíngia, que pelos sete séculos seguintes dominaram a Europa, no que veio a ser posteriormente chamado Sacro Império Romano-Germânico deriva do seu nome em latim “Carolus”. Por meio das suas conquistas no estrangeiro e de suas reformas internas, Carlos Magno ajudou a definir a Europa Ocidental e a Idade Média na Europa. Ele é chamado de Carlos I nas listas reais da Alemanha (como Karl), na França (como Charles) e do Sacro Império Romano-Germânico. Ele era filho do rei Pepino, o Breve e de Berta de Laon, uma rainha franca. Carlos reinou primeiro em conjunto com seu irmão Carlomano, sendo a relação entre os dois o tema de um caloroso debate entre os cronistas contemporâneos e os historiadores. (Nota da **IHU On-Line**)

17 O IHU, na seção Notícias do Dia em seu sítio, publicou o texto *Prêmio Carlos Magno será concedido ao “Papa da globalização”*, no dia 6-5-2016. Acesse o texto em <http://bit.ly/2lEfvz4>. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Josef Stalin** (1878-1953): ditador soviético, líder máximo da URSS de 1924 a 1953 e responsável pela condução de uma política nomeada como stalinismo. Chegou a estudar em um colégio religioso de Tbilisi, capital georgiana, para satisfazer os anseios de sua mãe, que queria vê-lo seminarista. Mas logo acabou enveredando pelas atividades revolucionárias contra o regime czarista. Passou anos na prisão e, quando libertado, aliou-se a Vladimir Lenin e outros camaradas, que planejavam a Revolução Russa. Stalin ocupou o posto de secretário-geral do Partido Comunista da União Soviética entre 1922 e 1953 e, por conseguinte, o de chefe de Estado da URSS durante cerca de um quarto de século. Sobre Stalin, confira a entrevista concedida pelo historiador brasileiro Ângelo Segrillo à edição 265 da **IHU On-Line**, *Nazismo: a legitimação da irracionalidade e da barbárie*, analisando a obra *Prezado Sr. Stalin* (Rio de Janeiro: Zahar, 2008), de autoria de Susan Butler, disponível em <http://bit.ly/1j3t54H>. (Nota da **IHU On-Line**)

### **IHU On-Line – Como avalia as críticas e resistências ao pontificado? Que riscos trazem à virada profética de Francisco?**

**Raniero La Valle** – Foi realizada em Roma, em 7 de abril, uma reunião antipapista que mostrou toda a pobreza da atual oposição ao Papa<sup>19</sup>. Havia uma centena de pessoas em uma sala de um subúrbio romano, dois cardeais, dois bispos, um diácono e um ex-presidente do Senado italiano. A reunião produziu uma “*declaratio*” que, no entanto, contemplava apenas a bem conhecida controvérsia sobre a eucaristia para divorciados novamente casados para os quais a *Amoris Laetitia*<sup>20</sup> após-sinodal abriu o caminho através do discernimento e do cuidado pastoral. No entanto, a substância teológica da iniciativa era muito grave, porque o cardeal Burke<sup>21</sup>, que atuava como líder dos descontentes, chegou até a proposta de destituição do Papa através do recurso ao “direito natural”, aos Evangelhos e à tradição. Mas, embora essa iniciativa seja fraca, pode se tornar perigosa se a Igreja fiel não fizer a sua parte. Toda a Igreja, o clero e as pessoas, deveriam defender e acompanhar de perto o pastor, porque desta vez é ele quem teve o faro da estrada, que caminha na frente das ovelhas, e, ao contrário, grande parte dessa Igreja, bis-

19 Na seção Notícias do Dia, em seu sítio, o IHU publicou diversos textos sobre o encontro. Entre eles *Opositores continuam guerra subterrânea contra o papa. Mas Bergoglio permanece impassível*, disponível em <http://bit.ly/2wY2wR0>. Saiba mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Amoris laetitia** (a “Alegría do Amor”): é uma exortação apostólica do papa Francisco, publicada em 8 de abril de 2016. Possui nove capítulos e tem como base os resultados de dois Sinodos dos Bispos sobre a Família ocorridos em 2014 e 2015. Para saber mais, leia a edição *Amoris Laetitia e a ‘ética do possível’: Limites e possibilidades de um documento sobre ‘a família’, hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNSc>. O documento será debatido no XVIII Simpósio Internacional IHU. A virada profética de Francisco. Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo, nas conferências de Todd A. Salzman, Jesús Hortal e José Roque Junges. Acesse a programação em <http://bit.ly/2rY3C9P>. (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Raymond Leo Cardinal Burke** (1948): é um cardeal estadunidense, como título de Cardeal-diácono. Foi Prefeito do Supremo Tribunal da Assinatura Apostólica no Vaticano (2008-2014) e é atualmente patrono da Ordem Soberana e Militar de Malta. Como Cardeal, sempre seguiu uma linha mais conservadora, conhecida como Catolicismo Tradicionalista, pelo fato de defender a Doutrina da Igreja Católica por meio da chamada “hermenêutica da continuidade”, termo atribuído a teólogos que defendem que o Concílio Vaticano II só pode ser válido a partir do momento em que sua interpretação possui total coerência com a Doutrina que sempre foi ensinada pelos papas predecessores ao Concílio. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Constantino** (também conhecido como Constantino Magno ou Constantino, o Grande – em latim Flavius Valerius Constantinus Naisso (272-337): foi um imperador romano, proclamado Augusto, venerável, pelas suas tropas em 25 de julho de 306, que governou uma porção crescente do Império Romano até a sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Teodósio I** (dito o Grande, nascido Flávio Teodósio): foi um imperador romano desde 379 até sua morte. Promovido à dignidade imperial após o Desastre de Adrianópolis, primeiro compartilhou o poder com Graciano e Valentiniano II. Em 392, Teodósio reuniu as porções oriental e ocidental do império, sendo o último imperador a governar todo o mundo romano. Após a sua morte, as duas partes do Império Romano cindiram-se, definitivamente, em Império Romano do Oriente e Império Romano do Ocidente.

pos, clero e povo, nem ao menos faz a única coisa que ele sempre pede, que é de orar por ele.

De qualquer forma, e encontro sedicioso de Roma, pelo menos, teve o mérito de mostrar porque os conservadores estão incomodados com o papa Francisco e qual a Igreja que eles gostariam e da qual sentem saudade. Eles gostariam de uma Igreja onde não fosse lícita a liberdade do cristão, onde fosse banido o discernimento, excluída a autoridade da consciência, e cada decisão ética fosse heterônoma em relação à pessoa, escrita em um prontuário para ser adotada com um clique: este é, de fato, o anátema lançado sobre *Amoris Laetitia*, contra a liberdade do cristão e do homem, muito além da questão dos divorciados.

Eles gostariam de uma Igreja onde não fosse lícito aos bispos perguntar a opinião dos fiéis, como foi feito antes do último Sínodo, restringindo a fé das pessoas a ser expressa apenas através de mobilizações específicas, como as marchas pela vida, as petições ou correntes humanas sobre os princípios não negociáveis: isso foi dito pelo cardeal Brandmüller<sup>22</sup>. Eles gostariam de uma Igreja em que os cônjuges vindos de um primeiro casamento desfeito ou fracassado, deveriam impostar a sua união de forma assexuada e viver na impaciente espera da morte do primeiro cônjuge, único evento capaz de dissolver o vínculo; assim seria a morte a “boa notícia” do Evangelho para eles: essa foi a substância da “*declaratio*” do cardeal Burke.

### Salvação, mas não libertação

Eles gostariam de uma Igreja cuja mensagem fosse a salvação, que é uma coisa espiritual, mas não a libertação, que seria uma coisa mundana. E isso é a coisa mais anticristã que existe, que de forma muito ingênua e tosca foi proclamada pelo ex-presidente do Senado italiano

Marcello Pera<sup>23</sup>, como se não tivesse existido a encarnação, como se Jesus não tivesse anunciado a libertação dos prisioneiros e a redenção dos pobres, como se a crítica da modernidade ao cristianismo não tivesse sido, com Hegel<sup>24</sup>, a de “desperdiçar os tesouros no céu”, e, com Marx<sup>25</sup>, a de fazer da religião o ópio e a alienação do povo.

Pois é essa a proposta dos novos, velhíssimos campeões da ortodoxia: uma Igreja que não deve ser de todos, e muito menos dos pobres. Mais parece uma patética exumação do passado do que uma proposta para a atualidade, porque nem o cardeal Burke pode ser considerado um cardeal Caetani<sup>26</sup> que pode eliminar um papa, nem o papa Francisco se parece com um Celestino V<sup>27</sup>, vindo do mais

recôndito vilarejo com sua imensa compaixão, mas fácil presa para os poderes do mundo.

“Não somos galhos fustigados pela tempestade, o mundo é e será como esperamos que ele seja”

**IHU On-Line – Em que medida as reformas da Cúria, da liturgia e do próprio catecismo são importantes para a efetivação dessa virada de Francisco? Como enfrentar esses desafios que as reformas impõem?**

**Raniero La Valle** – Elas são, obviamente, importantes, mas o Papa disse que não é ele que quer a reforma da Igreja, que esta se seguirá, com a ajuda de Deus, se for realizada a verdadeira reforma, que é a dos corações. Eu acredito que a verdadeira reforma está na nova anúncio e na nova compreensão de Deus. Aqui existe um grave atraso por parte da Igreja. Até mesmo os católicos “progressistas” continuam a perseguir as reformas que sempre pensaram, certamente importantes, e não percebem que, enquanto isso, aconteceu um fato muito mais importante, mudou a pregação de Deus, desapareceu o deus Jano das duas faces, que salva e destrói, “fascinante e terrível” e ficou apenas o Deus que ama e perdoa. Eles continuam a olhar para

dicar em 13 de dezembro. No mesmo ano (em 24 de dezembro foi eleito o seu sucessor, precisamente da família Caetani, que tomara o nome de Bonifácio VIII) que o manda para uma vida de reclusão, que ainda viveu dois anos. Supõe-se que tenha sido assassinado, talvez com veneno, por ordem do seu sucessor, embora a história não tenha registrado provas conclusivas. (Nota da **IHU On-Line**)

23 **Marcello Pera** (1943): filósofo e político italiano, senador pela Forza Italia e Popolo della Libertà de 1996 a 2013, e presidente do Senado na XIV Legislatura. (Nota **IHU On-Line**)

24 **Georg Wilhelm Friedrich Hegel** (1770-1831): filósofo alemão idealista. Como Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, desenvolveu um sistema filosófico no qual estivessem integradas todas as contribuições de seus principais predecessores. Sobre Hegel, confira a edição 217 da **IHU On-Line**, de 30-4-2007, disponível em <https://goo.gl/m0FJnp>, intitulada *Fenomenologia do espírito, de (1807-2007)*, em comemoração aos 200 anos de lançamento dessa obra. Veja ainda a edição 261, de 9-6-2008, *Carlos Roberto Velho Cirne-Lima. Um novo modo de ler Hegel*, disponível em <https://goo.gl/D94swr>; *Hegel. A tradução da história pela razão*, edição 430, disponível em <https://goo.gl/62UATd> e *Hegel. Lógica e Metafísica*, edição 482, disponível em <https://goo.gl/ldAkV>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Karl Marx** (1818-1883): filósofo, cientista social, economista, historiador e revolucionário alemão, um dos pensadores que exerceram maior influência sobre o pensamento social e sobre os destinos da humanidade no século 20. A edição 41 dos **Cadernos IHU ideias**, de autoria de Leda Maria Paulani, tem como título *A (anti)filosofia de Karl Marx*, disponível em <http://bit.ly/173IFhO>. Também sobre o autor, a edição número 278 da revista **IHU On-Line**, de 20-10-2008, é intitulada *A financeirização do mundo e sua crise. Uma leitura a partir de Marx*, disponível em <https://goo.gl/7aYkWZ>. A entrevista *Marx: os homens não são o que pensam e desejam, mas o que fazem*, concedida por Pedro de Alcântara Figueira, foi publicada na edição 327 da **IHU On-Line**, de 3-5-2010, disponível em <http://bit.ly/2p4vpGS>. A **IHU On-Line** preparou uma edição especial sobre desigualdade inspirada no livro de Thomas Piketty *O Capital no Século XXI*, que retoma o argumento central de *O Capital*, obra de Marx, disponível em <http://www.ihuonline.unisinos.br/edicao/449>. (Nota da **IHU On-Line**)

26 **Papa Bonifácio VIII** (1235-1303): foi papa de 1294 até sua morte. Nasceu com o nome Benedetto Gaetani. Atualmente, Bonifácio VIII é provavelmente lembrado por seus conflitos com Dante Alighieri, que o retratou no inferno em sua Divina Comédia, e a publicação da bula *Unam Sanctam* na disputa contra o rei Filipe IV de França. (Nota da **IHU On-Line**)

27 **Papa São Celestino V** (1215-1296): proveniente da ordem beneditina, foi papa durante alguns meses do ano 1294. Ele nasceu com o nome Pietro Angeleri, conhecido também como Pietro da Morrone. Quando morreu o papa franciscano Nicolau IV, em 1292, assistiu-se a um demorado processo de escolha do seu sucessor, que levou cerca de dois anos, apesar de haver apenas doze votantes. Escolheu-se finalmente, em 5 de julho de 1294, Pietro Angeleri, conhecido como um frade beneditino radicalmente espiritualista e um asceta, que vivia em reclusão. De caráter fraco e submisso e desajustado para o cargo, deixou iludir pelo referido rei e mudou-se para esse seu reino de Nápoles, onde distribuiu privilégios e cargos aos amigos. Por pressões do cardeal Benedicto Caetani, foi forçado a ab-

22 **Walter Brandmüller** (1929): cardeal alemão, presidente emérito do Pontifício Comitê das Ciências Históricas. Foi criado cardeal no Consistório Ordinário Público de 2010 pelo Papa Bento XVI, com o título de Cardeal-diácono de S. Giuliano dei Fiamminghi. (Nota da **IHU On-Line**)

o seu dedo, e não percebem que mudou a face da lua, porque reflete um novo sol.

Como recordaram Francisco e o Patriarca Bartolomeu<sup>28</sup>, os antigos

<sup>28</sup> **Bartolomeu I - Igreja Ortodoxa** (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de

1991. (Nota da **IHU On-Line**)

padres diziam que a Igreja é o “*mysterium lunae*” porque não reluz com luz própria, mas refrata a luz de Deus. Existe outra luz hoje na Igreja, uma luz que pressiona para irromper no mundo que, ainda embrenhado na antiga escuridão, corre para a guerra.

**IHU On-Line – Qual é o futuro do pontificado? E como imagina a Igreja pós-Francisco?**

**Raniero La Valle** – Acredito que o recebimento na Igreja do anúncio messiânico do papa Francisco seja a condição para a continuidade não só da Igreja, mas da própria religião. ■

## Leia mais

- **A virada profética de Francisco: um Deus que surpreende.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 9-11-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2jLJZxs>.

- **Os gestos modernos de um papa antigo.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 1-3-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2Ik6h4G>.

- **As duas crises.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 1-3-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2II1lol>.

- **A Igreja de Francisco não é neutra.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 3-9-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2wWOzTm>.

- **O pontífice do sonho conciliar.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 22-3-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2s-22m5k>.

- **Como em Jerusalém.** Artigo de Raniero La Valle, publicado nas Notícias do Dia de 17-5-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KH1V8h>.

**15ª Páscoa IHU**  
Ciclo de Estudos e Debates:

**De 08 março a 29 de maio de 2018**

**VIOLÊNCIA**  
NO MUNDO CONTEMPORÂNEO  
INTERFACES, RESISTÊNCIAS E ENFRENTAMENTOS

**Local:** Unisinos | Campus São Leopoldo  
Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Mais informações em [ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

# Sinodalidade é a grande novidade e também o desafio de Francisco

Peter Hünermann analisa que o Papa busca claramente constituir as conferências episcopais de forma que realmente ponha em prática o Concílio Vaticano II

João Vitor Santos | Tradução: Luís Marcos Sander

22

Desde que assumiu o trono de Pedro, Jorge Mario Bergoglio vem trabalhando para dessacralizar e retirar o tom absolutista da figura do pontífice. “A monarquia moderna, ‘pura’, isto é, absoluta, leva ao caos”, diz o teólogo Peter Hünermann, ao afirmar que Francisco tem clareza disso. Por isso, na sua opinião, o atual Papa vem trabalhando para demonstrar que o líder da Igreja não precisa estar envolto numa áurea mítica. É verdade que o Papa adota vestes e acessórios mais modestos, evita desperdícios, mas, para Hünermann, a grande marca, a novidade em Bergoglio, é a sinodalidade. Conceito que, aliás, traz do Concílio Vaticano II e que insiste em trabalhar com o episcopado. “Em sua grande alocução para o jubileu em torno da instalação do Sínodo dos Bispos em Roma em outubro de 2015, o papa Francisco tratou extensamente da sinodalidade na Igreja, mostrou seu fundamento teológico e falou da necessidade de introduzi-la em todos os níveis da Igreja”, recorda. Para o Papa, segundo Hünermann, “é impossível tratar o povo de Deus como sujeito meramente passivo a ser instruído por ministros”.

O problema é que mexer nas formas institucionalizadas gera desconfortos e, logo, resistências. “Claramente os maiores desafios com que o papa Francisco se depara: trata-se das formas de institucionalização das inovações”, avalia o teólogo na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**.

E adverte que “no episcopado mundial e entre os cardeais existe um pequeno grupo de bispos que defendem uma teologia semelhantemente tacanha e tradicionalista”. “Se as conferências episcopais não estiverem constituídas de forma sinodal e dotadas das respectivas competências, a Igreja atual não pode trilhar o caminho pelo qual a vontade de Deus quer guiar a Igreja hoje em dia”, acrescenta. E adverte que “o número de escândalos eclesiais vai continuar na Igreja se não se implementar a sinodalidade junto com suas competências de controle e decisão”.

**Peter Hünermann** é teólogo alemão, professor aposentado de Dogmática Católica na Universidade Eberhard Karls de Tübingen, na Alemanha. Também lecionou Dogmática na Westphalian Wilhelms, em Münster. Entre suas publicações, destacamos *Kinder von Mutter Erde - angesprochen durch Gott: Wie Papst Franziskus vom Menschen spricht* (Matthias-Grünewald-Verlag, 2018) e *El Vaticano II como software de la Iglesia actual* (Ediciones Universidad Alberto Hurtado, 2015). Ele também é autor das obras teológicas *Offenbarung Gottes in der Zeit. Prolegomena zur Christologie* (Münster, 1989) e, juntamente com Bernd Jochen Hilberath, de, em cinco volumes, *Herders Theologischer Kommentar zum Zweiten Vatikanischen Konzil* (Freiburg, 2004/5).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Como o senhor tem apreendido esses cinco anos do pontificado de Fran-**

**cisco? Quais temas avançaram e quais ainda não evoluíram o quanto se esperava?**

**Peter Hünermann –** O papa Francisco deu impulsos espirituais, pastorais e teológicos substanciais

# “Francisco deu impulsos espirituais, pastorais e teológicos substanciais e reavivou o espírito do evangelho”

e reavivou o espírito do evangelho. Isso se mostra bem claramente na atuação pública do Papa, como nos documentos publicados. Menciono apenas *Evangelii Gaudium*<sup>1</sup>, *Amoris Laetitia*<sup>2</sup>, *Laudato Si*<sup>3</sup>, a grande alocação por ocasião do jubileu do Sínodo dos Bispos em Roma sobre o tema da sinodalidade como caminho da Igreja no terceiro milênio<sup>4</sup>,

o texto recente sobre a santidade<sup>5</sup>. A isso se acrescentam decisões práticas: a nomeação do conselho de nove cardeais, a consulta ao povo de Deus sobre o Sínodo dos Bispos em Roma etc. Aconteceu muitíssima coisa, e o papel do Papa assumiu uma outra forma.

## IHU On-Line – O que reside dos pontificados anteriores em Francisco? E que novidades de fato ele traz?

**Peter Hünemann** – O papa Francisco assumiu a “teologia pastoral” de João XXIII<sup>6</sup> e do Concílio Vaticano II<sup>7</sup>. Ele já a tinha defendi-

do de modo muito incisivo publicamente em Aparecida<sup>8</sup>: “Pastoral não constitui o oposto de ‘doutrinal’, mas compreende a dimensão doutrinal, e tampouco é uma mera aplicação de um tipo prático e contingente de teologia. A própria revelação – e por isso toda a teologia – é pastoral no sentido de que ela é a palavra da salvação, palavra de Deus para a vida do mundo.”<sup>9</sup>

Neste sentido, para o Papa – assim como para o Concílio Vaticano II – as doutrinas teológicas transmitidas devem ser submetidas a uma avaliação crítica no respectivo contexto pastoral contemporâneo. “Ao observarmos a história, vemos que as formas religiosas do catolicismo se modificaram de modo evidente. Basta pensar, por exemplo, no Estado eclesiástico, em que o poder secular estava indissolúvelmente ligado com o poder espiritual. Isso era uma de-

1 **Evangelii Gaudium**: a exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também crítica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual* é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo, 2013). (Nota da IHU On-Line)

2 **Amoris Laetitia** (a “Alegria do Amor”): é uma exortação apostólica do Papa Francisco, publicada em 8 de abril de 2016. Possui nove capítulos e tem como base os resultados de dois Sínodos dos Bispos sobre a Família ocorridos em 2014 e 2015. A exortação merece destaque devido à possibilidade concedida a divorciados que estão em segunda união de receber a comunhão, serem padrinhos e ensinarem a catequese da Igreja Católica. Não se trata de uma regra geral, mas da possibilidade da permissão a critério dos respectivos confessores. Para saber mais sobre o documento, acesse a edição número 483 da **IHU On-Line**, intitulada *Amoris Laetitia e a ‘ética do possível’. Limites e possibilidades de um documento sobre ‘a família’, hoje*, disponível em <http://bit.ly/2G4XCAX>. (Nota da IHU On-Line)

3 **Laudato Si** (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual crítica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbnAJ> (Nota da IHU On-Line)

4 Acesse a íntegra do discurso em <http://bit.ly/2kduYjU>. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, também publicou inúmeras análises sobre o texto. Entre eles *Papa Francisco, o sínodo e a herança do Vaticano II. Artigo de Massimo Faggioli*, disponível em <http://bit.ly/2GB3zG0>; e entrevistas, como *Sínodo Extraordinário sobre a Família: a busca de uma resposta a partir da ética do discurso. Entrevista especial com Sérgio Coutinho*, disponível em [\[bit.ly/1W3xM5j\]\(http://bit.ly/1W3xM5j\). Acesse mais em \[ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias\]\(http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias\). \(Nota da IHU On-Line\)](http://</a></p>
</div>
<div data-bbox=)

5 **Gaudete et exultate** (Alegrai-vos e exultai!, de Mateus 5,12): é a terceira Exortação Apostólica do papa Francisco, datada de 19 de março de 2018, Solenidade de São José, e publicada em 9 de abril de 2018, “Sobre o chamado à santidade no mundo de hoje”, com foco em encorajar a santidade na vida cotidiana. O documento está organizado em cinco capítulos: sobre o chamado à santidade; nas heresias do gnosticismo e do pelagianismo, descritas como “falsas formas de santidade”; nas bem-aventuranças e na santidade do Evangelho; em cinco sinais de santidade no mundo moderno e no combate espiritual contra o Diabo e discernimento. *Gaudete et exultate* segue as exortações apostólicas anteriores do papa Francisco, *Evangelii Gaudium* e *Amoris Laetitia*. Ao contrário de seus predecessores, tem um comprimento menor, com 48 páginas. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou uma série de textos que analisam a exortação. Entre eles *A santidade no mundo atual: breve reflexão sobre a Exortação Apostólica Gaudete Et Exultate*, disponível em <http://bit.ly/218Hs5e>; e *Exortação “Gaudete et exultate”: o diabo versus a classe média da santidade. Artigo de Massimo Faggioli*, disponível em <http://bit.ly/2Kc57bW>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da IHU On-Line)

6 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi canonizado em 2013 pelo papa Francisco. (Nota da IHU On-Line)

7 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio en-

controu resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5l5nsM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnológicas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LiUPrZ>. (Nota da IHU On-Line)

8 **V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe**: aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. Sobre o tema, confira a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-6-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, disponível para download em <http://migre.me/11CoI>. (Nota da IHU On-Line)

9 BERGOGLIO, Francesco. *Solo l'amore ci può salvare*. Città del Vaticano: Libreria Editrice Vaticana, 2013, p. 144s. (Nota do entrevistado)

formação do cristianismo, não correspondendo nem ao que Jesus queria e nem ao que Deus queria. Se ao longo da história a religião pode passar por mudanças tão grandes, por que não se haveria, então, de pensar que ela pode se adaptar à cultura dos tempos também no futuro?”<sup>10</sup>

### IHU On-Line – Quais as fragilidades dessa sua teologia?

**Peter Hünermann** – No tocante aos pontos fracos de sua “teologia pastoral” – isto é, de sua atividade doutrinal e sua “política eclesial” ou prática de direção da Igreja –, sente-se falta da necessária “consolidação institucional” de suas iniciativas. Existem muitos exemplos disso:

a) O Conselho dos oito cardeais tem, juridicamente, a forma de uma comissão *ad hoc*. Sua tarefa e função foram esboçadas à mão pelo papa Francisco em um bloco de anotações. Será que, do ponto de vista do direito eclesial, uma decisão importante é “institucionalizada” dessa maneira? Já durante o pontificado de João Paulo II<sup>11</sup>, e mais concretamente ainda no pontificado de Bento XVI<sup>12</sup>, todo observador via claramente que o Papa não pode dirigir a administração do Vaticano sem um Consistório permanente – o paralelo histórico ao Santo Sínodo dos patriarcas orientais. A monarquia moderna, “pura”, isto é, absoluta, leva ao caos.

b) Em *Amoris Laetitia*, o papa Francisco apresentou uma visão da

compreensão sacramental do matrimônio apoiada no Vaticano II e, assim, corrigida em termos teológicos e pastorais. Essa não é mais a visão de Pio XI<sup>13</sup>, Pio XII<sup>14</sup> e Paulo VI<sup>15</sup>, que se ativeram todos à *Casti Connubii*<sup>16</sup> e à doutrina lá proposta. João Paulo I<sup>17</sup> só trouxe um pequeno aprofundamento em *Familiaris Consortio*<sup>18</sup>, mas, assim como Bento XVI, ateu-se a um conceito natural de matrimônio que é, a rigor, fundamentalista, por ser a-histórico. Com isso, o cerne de *Casti Connubii* ficou intocado. Esta encíclica nega todo desenvolvimento sociocultural e a história do matrimônio. As afirmações do Antigo Testamento sobre a poligamia não são levadas a sério, e as diversas passagens neotestamentárias são niveladas. Essa compreensão marca as afirmações do CIC - Código de Direito Canônico<sup>19</sup>, de 1983<sup>20</sup>. Neste ponto seria preciso mudar as afirmações do CIC.

### IHU On-Line – Quais os desafios do pontificado?

**Peter Hünermann** – Os exemplos acima aduzidos na área dou-

trinal e jurídico-prática mostram claramente os maiores desafios com que o papa Francisco se depara: trata-se das formas de institucionalização das inovações. Que no episcopado mundial e entre os cardeais existe um pequeno grupo de bispos que defendem uma teologia semelhantemente tacanha e tradicionalista como a do arcebispo condenado Lefebvre<sup>21</sup> é um fato com o qual o papa Francisco tem de contar.

### IHU On-Line – Qual o papel de Joseph Ratzinger nos processos de reforma da Igreja Católica do século XX? E em que medida esse seu papel incide sobre o pontificado de Francisco?

**Peter Hünermann** – No tocante à recepção do Concílio Vaticano II, Joseph Ratzinger está alinhado com Paulo VI e João Paulo II. Todos eles são de opinião que o Vaticano II complementa a tradição doutrinária do Segundo Milênio, de modo que o antigo e o novo coexistem. Isso se manifesta claramente – para Paulo VI – no *Credo do povo de Deus*<sup>22</sup>. Ele foi esboçado por Maritain<sup>23</sup> a pedido de Paulo VI e revisado pelo próprio Papa. Também deveria ampliar a *Professio fidei*<sup>24</sup> que estava em vigor e fora enriquecida por acréscimos do

13 **Papa Pio XI** (1857-1939): nascido Ambrogio Damiano Achille Ratti, foi Papa entre 6 de fevereiro de 1922 e a data da sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

14 **Papa Pio XII** (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da **IHU On-Line**)

15 **Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **Casti Connubii**: encíclica promulgada pelo Papa Pio XI em 31 de dezembro de 1930. Reitera a santidade do matrimônio e proíbe aos católicos o uso de qualquer forma artificial de controle de natalidade e reafirma a proibição do aborto. Explana ainda sobre a autoridade da doutrina da Igreja em questões morais e advoga a cooperação entre o poder civil e a Igreja. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **João Paulo I** (1912-1978): nascido Albino Luciani, foi Papa da Igreja Católica por um mês, entre 26 de agosto de 1978 até a data da sua morte. Ficou conhecido como o “Papa Sorriso”. (Nota da **IHU On-Line**)

18 **Familiaris consortio**: Exortação Apostólica, do Papa João Paulo II, de 22 de novembro de 1981, “sobre a função da família cristã no mundo de hoje”. O documento foi editado após a realização do Sínodo dos Bispos celebrado em Roma de 26 de setembro a 25 de outubro de 1980. (Nota da **IHU On-Line**)

19 O tema será abordado na conferência *Amoris Laetitia e suas implicações para o Direito Canônico*, do Prof. Dr. Jesus Hortal – PUC-Rio, dentro da programação do XVIII Simpósio Internacional IHU - A virada profética de Francisco - Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo. Acesse programação em <http://bit.ly/2rY3C9P>. (Nota da **IHU On-Line**)

20 Cf. ZAPP, Hartmut. *Eheeinheit*. In: *Lexikon für Kirchen- und Staatskirchenrecht*, Paderborn, 2000, v. 1, p. 503-505. (Nota do entrevistado)

21 **Marcel Lefebvre**: francês, foi arcebispo na África e liderou, durante o Concílio Vaticano II, juntamente com os bispos brasileiros Geraldo Sigaud e Antonio de Castro Mayer, o Coetus Internationalis Patrum que reunia o grupo mais conservador da Igreja. Marcel Lefebvre nunca aceitou o Concílio Vaticano e fundou a Fraternidade do X que rompeu com a Igreja Católica. Tanto João Paulo II quanto Bento XVI negociaram com a Fraternidade o fim do cisma. (Nota da **IHU On-Line**)

22 Cf. HÜNERMANN, Peter. *Das II. Vatikanum als Konzil einer neuen Epoche*. HK, v. 67, p. 560-565, 2013. (Nota do entrevistado)

23 **Jacques Maritain** (1882-1973): filósofo francês. O pensamento tomista de Maritain serviu-lhe de parâmetro para a abordagem e julgamento de situações concretas como a política, a educação, a arte e a religião vigentes. Mas tratou também da base da gnosiologia, decidindo-se pelo realismo imediato e intuição do ser, tal como o aristotelismo e na escolástica originária. Diferenciou a filosofia e a ciência experimental, bem como as diversas ciências filosóficas. Advertiu para a diferença entre o tema da lógica e o da gnosiologia. Foi um dos principais expoentes do tomismo no século XX. Uma de suas obras principais é *Por um humanismo cristão* (São Paulo: Paulus, 1999). Sobre Maritain, confira o recém-lançado *Maritain à contre-tombe: Pour une démocratie vivante* (Paris: Desclée de Brouwer, 2007), do filósofo jesuíta Paul Valadier. (Nota da **IHU On-Line**)

24 **Professio fidei**: documento magisterial que trata da profissão de fé da Igreja Católica Apostólica Romana. Nele, é detalhado todo o ritual de profissão de fé. A Igreja Católica exige que as pessoas façam uma profissão pessoal de fé de acordo com uma fórmula prescrita, quando assumem certos cargos no seu serviço ou quando se tornam católicos. (Nota da **IHU On-Line**)

10 BERGGLOJIO; SKORKA, *Il cielo e la terra*. Milano, 2013, p. 170. (Nota do entrevistado)

11 **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polônia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

12 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

Vaticano I<sup>25</sup>. Entretanto, esse credo não é recebido.

Por ocasião da abertura do grande Sínodo de Cracóvia para a implementação do Concílio em 1972, Karol Wojtyła declara expressamente que “o Concílio não se ocupou com todo o conteúdo de nossa fé e não reuniu todas as verdades e as formulou em um credo. Isso só aconteceu depois do Concílio por parte de Paulo VI, que, em 30 de junho de 1968, proclamou o *Credo do povo de Deus* fazendo explicitamente referência ao magistério conciliar. Esse credo mostra claramente que a doutrina do Concílio Vaticano II, concentrada na realidade da Igreja, deve ser inserida de modo orgânico em toda a herança da fé e, consequentemente, na doutrina de todos os concílios precedentes e ensinamentos papais”.<sup>26</sup> Essa hermenêutica também determina a ação magisterial e político-eclesial da Igreja polonesa.

Em muitas de suas decisões político-eclesiais e textos magisteriais, Bento XVI corroborou essa forma “aditiva” de lidar com a tradição doutrinária do Segundo Milênio e os novos enunciados do Vaticano II. Basta pensar na maneira como ele lidou com a Fraternidade de São Pio<sup>27</sup>

e na coexistência de dois ritos litúrgicos na Igreja latina.

### Dimensão trágica

Existe uma dimensão trágica profunda no fato de que, até o fim de seu pontificado, Bento XVI não percebeu como o Concílio Vaticano II fez resplandecer de maneira nova o mistério de Cristo, a origem instituidora da Igreja. Como? Pela forma como leu o Antigo e o Novo Testamentos e incluiu a teologia do 1º e do 2º Milênios em suas reflexões críticas. Com isso, o Concílio introduziu uma reflexão moderna e, ao mesmo tempo, autêntica da fé<sup>28</sup>.

Não há necessidade de comentar que esse legado representa uma dificuldade para o papa Francisco, assim como o grande esforço que Francisco faz para destacar constantemente textos de João Paulo II e Bento XVI em sua importância e seu significado. Ele atribui grande valor à demonstração da continuidade no marco da visão geral modificada. Por outro lado, causou uma impressão estranha na Alemanha o fato de que, no réquiem pontifical na catedral de Colônia por ocasião da morte do Cardeal Meisner<sup>29</sup> – após a leitura

da carta de condolências do papa Francisco por parte do núncio – o Sr. Arcebispo Gänswein<sup>30</sup> leu em voz alta uma carta de Bento XVI<sup>31</sup>. Essa carta foi vivamente aplaudida por muitos dos dignitários de postura tradicionalista presentes, como, p. ex., o ex-bispo de Limburg, Tebartz van Elst<sup>32</sup>.

### IHU On-Line – Quais os maiores desafios de Francisco no que diz respeito à Cúria Romana? E como compreender as resistências ao pontífice dentro da Cúria e no episcopado de diversos lugares do mundo?

**Peter Hünermann** – Em sua grande alocução para o jubileu em torno da instalação do Sínodo dos Bispos em Roma em outubro de 2015<sup>33</sup>, o papa Francisco tratou extensamente da sinodalidade na Igreja, mostrou seu fundamento teológico e falou da necessidade de introduzi-la

Conselho para os Textos Legislativos, da Prefeitura para os Assuntos Econômicos da Santa Sé e do Conselho de Cardeais para o estudo de problemas organizativos e econômicos da Santa Sé. No dia 18 de setembro de 2012 foi nomeado pelo Papa Bento XVI como Padre Sinodal da 13ª Assembleia Geral Ordinária do Sinodo dos Bispos a se realizar no Vaticano de 7 a 28 de outubro de 2012. No dia 28 de fevereiro de 2014 teve sua renúncia ao governo da Arquidiocese de Colônia aceita pelo papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

30 **Georg Gänswein** (1956): arcebispo alemão da Igreja Católica Apostólica Romana e Prefeito da Casa Pontifícia. No ano 2000 o papa João Paulo II lhe concedeu o título de Monsenhor, como Capelão de Sua Santidade. No dia 7 de dezembro de 2012 foi nomeado pelo papa Bento XVI como Prefeito da Casa Pontifícia, elevando-o a dignidade de Arcebispo com a sede titular de Urbisaglia. Em 6 de janeiro de 2013, Solenidade da Epifania do Senhor o papa Bento XVI ordenou Dom Georg e mais três Arcebispos: Dom Angelo Zani, Secretário da Congregação para a Educação Cristã; Dom Fortunatus Nwachukwu, Núncio Apostólico na Nicarágua e Dom Nicolas Henry, Núncio Apostólico na Guatemala. (Nota da **IHU On-Line**)

31 Sobre a carta, o IHU, na sua seção Notícias do Dia, publicou o texto “*Com a certeza de que o Senhor não abandona a sua Igreja*”. Mensagem de Bento XVI por ocasião da morte do cardeal Meisner, disponível em <http://bit.ly/2G-FhRG0>. (Nota da **IHU On-Line**)

32 **Franz-Peter Tebartz-van Elst** (1959): bispo alemão católico romano e teólogo pastoral. De 1990 a 1996 ele foi Domvikar, de 2003 a 2007 ele foi Bispo Auxiliar em Münster. De 2008 a 2014 ele foi Bispo de Limburg. No outono de 2013, ele foi criticado por causa do aumento significativo dos custos de construção para o centro diocesano de São Nicolau na diocese e em todo o país. Em 23 de outubro de 2013, a Santa Sé liberou o bispo de seus deveres. A Conferência dos Bispos da Alemanha observou, até março de 2014, uma responsabilidade do bispo pelo aumento dos custos de construção e erros processuais. Em 26 de março de 2014, o papa Francisco aceitou sua oferta de 20 de outubro de 2013 para renunciar ao cargo. Desde dezembro de 2014 é Delegado Apostólico no Pontifício Conselho para a Nova Evangelização, responsável pela catequese. O IHU, na seção Notícias do Dia de seu sítio, publicou diversos textos sobre o bispo alemão. Entre eles *Diocese alemã quer responsabilizar bispo por excessos de gastos*, disponível em <http://bit.ly/2ly4VHv>; e *Papa aceita demissão do “bispo do luxo”*, disponível em <http://bit.ly/2keoKFn>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

33 Confira a íntegra do discurso em <http://bit.ly/2kdUyUj>. (Nota da **IHU On-Line**)

25 **Concílio Ecumênico Vaticano I**: foi o vigésimo conselho ecumênico, ou reunião de todos os bispos católicos do mundo, para discutir assuntos relativos à vida da Igreja Católica. A abertura do Concílio Vaticano foi oficialmente anunciada pelo Papa Pio IX em junho de 1868, mas as sessões foram interrompidas dois anos depois, em julho de 1870, devido à eclosão da guerra franco-prussiana em 19 de julho de 1870. Foi realizado na Basílica de São Pedro, no Vaticano, em Roma. No decorrer da obra, foram estabelecidos os seguintes: o dogma da infalibilidade do ensinamento do Papa em questões de fé e moral (quando este magistério respeita certas condições); e o dogma do conhecimento de Deus com a única razão: “A Santa Igreja, nossa Mãe, sustenta e ensina que Deus, o começo e o fim de todas as coisas, pode ser conhecido com certeza pela luz natural da razão humana a partir das coisas criadas.” [Concílio Vaticano I: Denz. -Schönm. 3004; cf 3026; Conc. Ecum. Vat. II, Dei verbum]. Sem essa capacidade, o homem não poderia aceitar a revelação de Deus, pois ele é criado “à imagem de Deus”. CCC, 36. (Nota da **IHU On-Line**)

26 Cit. ap. LECOMTE, Bernard. *Giovanni Paolo II*. Roma: Biblioteca di Repubblica, 2005, p. 207s. (Nota do entrevistado)

27 **Fraternidade Sacerdotal São Pio X**: é uma sociedade de vida apostólica internacional católica tradicionalista, fundada em 1970 pelo arcebispo francês Marcel Lefebvre. O atual superior geral da sociedade é o bispo suíço Bernard Fellay. A Fraternidade é conhecida como a maior sociedade apostólica crítica do Concílio Vaticano II e defensora da Missa Tridentina, juntamente com práticas de piedade, crenças, costumes e da disciplina religiosa associada com o período anterior ao do Concílio, que a sociedade acredita ter promovido ensinamentos errôneos e heréticos sobre questões como a revisão litúrgica, o ecumenismo, a liberdade religiosa, a definição de Tradição dada pelo Vaticano II, e a relação da Igreja Católica com as outras religiões. O papa Bento XVI declarou que a FSSPX não tem status canônico regular na Igreja Católica. No entanto, o superior geral da sociedade, Dom Bernard

Fellay, sustenta que o ministério eclesial dos sacerdotes da Sociedade é legítimo, sendo justificado como estado de necessidade assim como as sagrações feitas por Mons. Lefebvre na crise atual do catolicismo, conhecida como crise Pós-Conciliar. (Nota da **IHU On-Line**)

28 Como confirmação dessa afirmação remeto ao último grande ato oficial de Bento XVI: a conferência de despedida de 14 de fevereiro de 2013 sob o título “O Concílio Vaticano II, tal como eu o vi”. Bento encerra seu relato como testemunha daquela época com as seguintes palavras: “[...] havia o Concílio dos Padres – o verdadeiro Concílio – mas havia também o Concílio dos meios de comunicação, que era quase um Concílio à parte. E o mundo captou o Concílio através deles, através dos *mass-media*. Portanto o Concílio, que chegou de forma imediata e eficiente ao povo, foi o dos meios de comunicação, não o dos Padres. E enquanto o Concílio dos Padres se realizava no âmbito da fé, era um Concílio da fé que faz apelo ao *intellectus*, que procura compreender-se e procura entender os sinais de Deus naquele momento, que procura responder ao desafio de Deus naquele momento e encontrar, na Palavra de Deus, a palavra para o presente e o futuro, enquanto todo o Concílio – como disse – se movia no âmbito da fé, como *fides quaerens intellectum*, o Concílio dos jornalistas, naturalmente, não se realizou no âmbito da fé, mas dentro das categorias dos meios de comunicação atuais, isto é, fora da fé, com uma hermenêutica diferente. Era uma hermenêutica política: para os *mass-media*, o Concílio era uma luta política, uma luta de poder entre diversas correntes da Igreja. [...] Sabemos como este Concílio dos meios de comunicação era acessível a todos. Por isso, acabou por ser o predominante, o mais eficiente, tendo criado tantas calamidades, tantos problemas, realmente tanta miséria: seminários fechados, conventos fechados, liturgia banalizada... enquanto o verdadeiro Concílio teve dificuldade em se concretizar, em ser levado à realidade; o Concílio virtual era mais forte que o Concílio real” (cit. ap. <http://bit.ly/2lucZIB>). (Nota do entrevistado)

29 **Joachim Meisner** (1933-2017): foi um cardeal alemão e Arcebispo emérito de Colônia. Foi membro dos seguintes dicasterios da Cúria Romana: Congregação para os Bispos, Congregação para o Clero, Congregação para o Culto Divino e Disciplina dos Sacramentos; do Pontifício

em todos os níveis da Igreja. Segundo ele, é impossível tratar o povo de Deus, que foi distinguido pelo Espírito Santo com o *sensus fidei*, que não se engana, e tem parte na missão profética de Jesus Cristo, como sujeito meramente passivo a ser instruído por ministros.

Nesse sentido, o Papa faz referência especial às conferências episcopais. Em seu peso prático, elas substituíram as antigas províncias eclesásticas dirigidas por seu respectivo arcebispo.

Se as conferências episcopais não estiverem constituídas de forma sinodal e dotadas das respectivas competências, a Igreja atual não pode trilhar o caminho pelo qual a vontade de Deus quer guiar a Igreja hoje em dia. Este é um claro ponto programático do Papa para seu pontificado, e eu vejo nisso uma forma bem fundamental de realização do Concílio Vaticano II. Permito-me apontar que o número de escândalos eclesásticos vai continuar na Igreja se não se implementar a sinodalidade junto com suas competên-

cias de controle e decisão.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Peter Hünermann** – Oro que o papa Francisco tenha colaboradores realmente competentes e dotados de lealdade e perspicácia crítica e que ele próprio ainda possa atuar de modo abençoado durante alguns anos para fazer com que as iniciativas de seu pontificado amadureçam de maneira adequada.■

## Leia mais

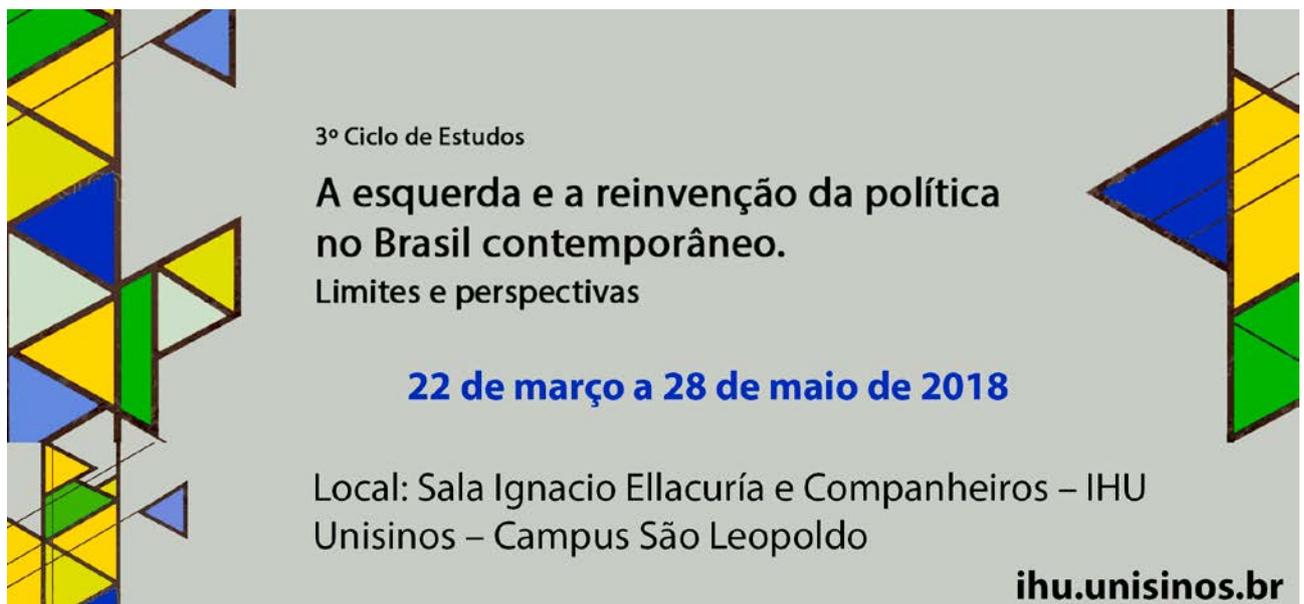
- **Íntegra da carta de Bento XVI ao prefeito da Secretaria para a Comunicação**, publicada nas Notícias do Dia de 19-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2rZlyzT>.

- **“Estas são as divergências que me distanciam de Bento.”** Entrevista com Peter Hünermann, reproduzida nas Notícias do Dia de 23-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2rxHYsl>.

- **O que resta de Ratzinger.** Entrevista com Peter Hünermann, reproduzida nas Notícias do Dia de 3-3-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2I9SCNj>.

- **O que tanto irrita Bento XVI no professor Hünermann?** Reportagem publicada nas Notícias do Dia de 27-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ISqFgR>.

- **Sinodalidade e seus perigos: pequenos passos rumo a uma Igreja mais representativa.** Artigo de Massimo Faggioli, publicado nas Notícias do Dia de 4-4-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2KHPfOE>



3º Ciclo de Estudos

**A esquerda e a reinvenção da política no Brasil contemporâneo.**

Limites e perspectivas

**22 de março a 28 de maio de 2018**

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU Unisinos – Campus São Leopoldo

**ihu.unisinos.br**



# Avanços e os limites nos debates sobre o espaço da mulher na Igreja no pontificado de Francisco

Tina Beattie analisa os avanços, limites e desafios do pontificado de Francisco relacionados aos temas que são caros ao feminismo católico

João Vitor Santos | Tradução: Isaque Gomes Correa

A teóloga Tina Beattie compreende que já estava na hora de a Igreja Católica renovar os ares e abrir o diálogo com vistas às mudanças. Comemora que, depois de muito tempo, se tem o cenário ideal para trazer à luz questões mantidas nas trevas. “Francisco inaugurou um ethos menos punitivo, mais dialógico, e isso possibilita que alguns debates aconteçam e que não poderiam acontecer dez anos atrás”, avalia. Assim, reconhece os esforços de Mario Bergoglio, pois “vem abrindo novas fronteiras de possibilidades ao negar o absolutismo autoritário de seus dois antecessores em favor de uma abordagem pastoral marcada pela alegria, misericórdia e compaixão em vez de uma obediência doutrinária rígida”. E completa: “Em si, isto cria um clima mais hospitaleiro aos valores e convicções feministas”.

Apesar de reconhecer a postura do pontífice, Tina também observa que “o papa Francisco não conseguiu estabelecer nenhuma mudança significativa quanto ao papel da mulher na Igreja”. Embora tenha uma visão teológica com pontos em comum com a teologia feminista, destaca que ele nunca se envolveu com teólogas. “Como é possível ser tão apaixonado pela pobreza e preocupar-se tanto pelo sofrimento da Mãe Terra, e, no entanto, nada falar sobre o fato de que quase 300 mil mulheres entre as mais pobres do mundo morrem anualmente de causas evitáveis relacionadas à gravidez e ao parto?”, indaga, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. Além disso, aponta: “Francisco enxerga a teoria de gênero como uma forma de colonização ideológica, mas na verdade os nossos conceitos ocidentais modernos de gênero, baseados numa dualidade essencial de macho e fêmea inscrita na ordem da criação em

Gênesis, são muito estreitos e não têm origem na tradição”.

Tina, apesar dos limites, se diz esperançosa com a Igreja que pode vir a partir de Francisco. Acredita que as mudanças são movimentos que vieram para ficar. “Francisco é uma pessoa de tanta oração, compaixão, humildade e fé, que acredito que o seu legado está seguro nas mãos do Espírito Santo, e este irá continuar a modelar a vida da Igreja de um jeito misterioso após ele ir se juntar aos anfitriões celestiais.”

**Tina Beattie** é professora de Estudos Católicos na Universidade de Roehampton, em Londres, e diretora do Digby Stuart Research Centre for Religion, Society and Human Flourishing. Suas pesquisas versam sobre teologia católica, teologia feminista e teoria psicanalítica. Entre suas publicações, destacamos *Theology after Postmodernity: Divining the Void* (Londres: Oxford University Press, 2013) e *New Catholic Feminism: Theology and Theory* (Londres: Routledge, 2006). Também escreve para *The Tablet* e *The Guardian*.

Os debates acerca do espaço da mulher na Igreja nesse pontificado também será tema de conferências no **XVIII Simpósio Internacional IHU - A virada profética de Francisco - Possibilidades e limites para o futuro da Igreja no mundo contemporâneo**, e estarão presentes especialmente nas palestras da Profa. Dra. Mary Hunt – Women’s Alliance for Theology, Ethics and Ritual – WATER – EUA e do Prof. Dr. Luís Corrêa Lima – PUC-Rio. Acesse programação em <http://bit.ly/2rY3C9P>.

**Confira a entrevista.**

## IHU On-Line – Como a senhora compreende o feminismo hoje?

**Tina Beattie** – Acredito que a eleição do presidente Donald Trump<sup>1</sup> foi o catalisador para um reavivamento feminista, porque abalou a complacência das feministas progressistas e deu uma energia renovada à luta pelos direitos das mulheres. O movimento Marcha das Mulheres<sup>2</sup> é uma expressão disso. Para muitas mulheres, este movimento vem sendo um chamado a despertar. Serve para lembrar que justiça e igualdade são conquistas frágeis e preciosas que devem ser defendidas e nutridas continuamente. Não basta simplesmente alcançá-las e então desfrutá-las.

No entanto, há muitas pessoas feministas hoje, expressando uma ampla gama de valores culturais, políticos e éticos. Algumas formas do feminismo estão mais profundamente enraizadas na luta pela justiça do que outras. Fico preocupada quando o termo “feminismo” é apropriado pelos que o empregam para mercantilizar as mulheres – por exemplo, na indústria da publicidade, na imprensa e nos filmes populares. A força necessária para ser uma feminista, no sentido de reafirmação da dignidade, igualdade e diversidade das mulheres e garotas e do esforço para que isto seja respeitado e manifestado em todos os aspectos da vida, é bastante diferente da imagem, veiculada na imprensa, da mulher individualista, egoísta e por vezes violenta que ocasionalmente é retratada como a feminista liberal moderna.

O feminismo, hoje, encontra uma expressão oblíqua no movimento #MeToo<sup>3</sup>, expressão de uma con-

fiança maior que as mulheres sentem quanto a se manifestar contra o abuso e o assédio sexual. Entretanto, ainda tem a ver com as mulheres como vítima, e corre-se o risco de reforçar uma crença de que elas são fracas e precisam de proteção. Precisamos ir além da tática de nomear e envergonhar – por mais importantes que sejam – para desenvolver um ethos sexual e social que tenha a ver com relacionamentos maduros e responsáveis, baseados na dignidade e no respeito mútuo, não na coerção e exploração.

## Por uma visão viável e feminista justa

Há um movimento crescente a desafiar as desigualdades na quantia que os homens e as mulheres ganham para fazer um mesmo trabalho. Isso também é importante, porém me preocupo com que algo assim possa resultar em mulheres em cargos altos recebendo tanto quanto os seus colegas homens que recebem salários excessivamente altos. É por isso que acho que o feminismo necessita ter um ethos socialista, caso não se queira estar na companhia do neoliberalismo no tocante às crescentes injustiças socioeconômicas da nossa ordem mundial moderna. É aqui onde penso que Hillary Clinton<sup>4</sup> não conseguiu representar uma visão viável e feminista justa, pois esteve demais associada a uma visão neoliberal de progresso que não conseguia reconhecer as condições horrendas nas quais muitos americanos vivem, sem mencionar aqueles do lado de fora da esfera da potência econômica e militar ocidental.

Para mim, os exemplos mais inspiradores e interessantes do feminismo atualmente vêm de mulheres do sul global. Passei os primeiros 32 anos da

minha vida na África, e hoje vejo as mulheres africanas – e as mulheres na Ásia também – trabalhando com grande coragem e comprometimento para transformar as sociedades ainda entrincheiradas em valores culturais e religiosos profundamente prejudiciais a elas e às garotas. Penso que o movimento feminista, hoje, é mais inspirador e transformador em tais contextos do que o é nos contextos das democracias ocidentais.

## IHU On-Line – Quais os desafios de ser uma feminista e católica atualmente?

**Tina Beattie** – O reavivamento do feminismo está tendo um efeito cascata na Igreja Católica, que está talvez mais claro àqueles de nós que têm trabalhado na base por muitos anos. No último ano, houve uma resistência cada vez maior entre muitas católicas que se recusam a ser silenciadas. Por exemplo, em março de 2018, a organização feminina conhecida como *Voices of Faith* [Vozes de Fé, em tradução livre]<sup>5</sup> teve a autorização de celebrar o Dia Internacional da Mulher do lado de dentro do Vaticano sob a condição de que duas das palestrantes propostas fossem substituídas – a ex-presidente irlandesa Mary McAleese<sup>6</sup> e a ativista ugandense LGBTQI Ssenfuka Joanita Warry<sup>7</sup>. Em vez de concordar com essa censura, *Voices of Fé* mudou o evento para uma avenida fora do Vaticano. O fato de não darem permissão para a ex-presidente da Irlanda, Mary McAleese<sup>8</sup> falar – ela própria uma católica devota assim como Warry – no lado de dentro do Vaticano

5 O IHU, na seção Notícias do Dia, do seu sítio, publicou inúmeros textos sobre o movimento. Entre eles *Ativistas mulheres fazem escolha estratégica para conduzir debate sobre sacerdócio*, disponível em <http://bit.ly/2IXRb8m>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da IHU On-Line)

6 **Mary Patricia McAleese** (1951): advogada e jornalista, e foi eleita, no dia 30 de outubro de 1997, presidente da Irlanda, sucedendo a Mary Robinson (que se tornou Alta Comissária da ONU para os Direitos Humanos), tendo exercido o cargo até 11 de novembro de 2011. O cargo de presidente é ocupado por sete anos, sendo permitida apenas uma reeleição; McAleese foi eleita em novembro de 1997 e reeleita em novembro de 2004. (Nota da IHU On-Line)

7 **Ssenfuka Joanita Warry**: uma lésbica católica que é pioneira dos direitos LGBT em Uganda. (Nota da IHU On-Line)

8 Saiba mais sobre o episódio através do texto *Ex-presidente irlandesa é impedida de falar no Vaticano*, publicado nas Notícias do Dia de 3-2-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2IYLE1i>. (Nota da IHU On-Line)

1 Donald Trump (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu no voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

2 Em janeiro de 2017, pouco depois da posse de Donald Trump, milhares de mulheres de mais de 30 países foram às ruas numa marcha para se opor às perspectivas do presidente norte-americano. Nos Estados Unidos, o centro da marcha foi em Washington. (Nota da IHU On-Line)

3 No final de 2017, atrizes de Hollywood denunciaram o produtor Harvey Weinstein por assédio e abuso sexual, depois

de muitos anos de silêncio. Essas denúncias provocaram uma onda de movimentações nas redes sociais e fora delas. A hashtag #MeToo (#EuTambém, em português) acendeu uma nova onda de desabafos, indignação e revolta nas redes. As mulheres compartilharam o quão o assédio e a violência de gênero está presente na vida de cada uma delas, e não só das atrizes americanas. (Nota da IHU On-Line)

4 **Hilary Clinton** [Hillary Diane Rodham Clinton] (1947): secretária de Estado dos Estados Unidos entre 2009 e 2013. Esposa do ex-presidente norte-americano Bill Clinton, foi senadora de New York entre 2001 e 2009 e uma das principais candidatas à presidência durante as prévias do partido democrata na eleição de 2008. (Nota da IHU On-Line)

atraiu a atenção da imprensa em nível mundial, e me parece que isso foi um pouco chocante para os cardeais. Não acho que eles esperavam encontrar tanta resistência e determinação assim. Em muitas frentes, o feminismo está amadurecendo – o que é verdade também dentro da Igreja.

Como feminista católica, pertencço a um movimento mundial de mulheres que compartilham uma fé e uma visão que dá um rico senso de amizade e solidariedade em nosso trabalho. A luta por justiça para as mulheres possui um significado e um propósito profundos, permeados por uma consciência da bondade e beleza sacramental da criação de Deus e por uma consciência interior de sermos feitas à imagem de Deus e dotadas de toda a dignidade e liberdade que isto acarreta. Eis o que me permite manter, numa tensão criativa, a minha fé católica e o meu compromisso com o feminismo.

Há, porém, muitas lutas. Nem todas as mulheres na Igreja querem mudança, e parte das maiores resistências ao feminismo católico vem de fiéis conservadoras. Precisamos entender que a reafirmação do matrimônio e da vida em família, e dos papéis domésticos e maternais da mulher, por parte da Igreja pode ser uma fonte de força e apoio às mulheres em postos em que se sentem subvalorizadas pela sociedade e não representadas por feministas. O desafio é encontrar formas de falar umas às outras no curso destas diferenças, perguntar como a catolicidade da Igreja pode abraçar as nossas diversas vocações e contextos, e nos ajudar a desenvolver as nossas habilidades, os nossos dons e pontos fortes para que possamos trabalhar em conjunto e espalhar a alegria e a misericórdia do Evangelho, características centrais da teologia do papa Francisco.

A crise na política americana é um fator nesta luta para – e pelas – mulheres na Igreja, porque encorajou a extrema-direita dentro da Igreja Católica bem como em outros lugares. Estas questões se tornam particularmente acirradas com respeito aos direitos reprodutivos da mulher. A

menos e até que as mulheres estejam plenamente representadas dentro da hierarquia católica e sejam reconhecidas como autoridades morais legítimas quando se trata de reflexão ética e do magistério da Igreja sobre assuntos como a sexualidade feminina, a procriação e a maternidade, sempre haverá a sensação de que a Igreja Católica está em conluio com a política do patriarcado, o que se manifesta e é vivenciado mais intensamente com respeito ao controle do corpo feminino reprodutivo.

### **Consciência: a mais alta autoridade**

A tradição católica sempre ensinou que a consciência é a mais alta autoridade, e que a liberdade de consciência foi consagrada como um princípio fundamental nos ensinamentos do Concílio Vaticano II. Não respeitar a liberdade de consciência das mulheres com respeito à saúde e aos direitos sexuais e reprodutivos, para negar-lhes o acesso a métodos contraceptivos, e usar o direito para forçá-las a continuar com gravidezes indesejadas, é violar a dignidade humana dessas mulheres. Dizer isso não é negar os dilemas éticos em torno do aborto, mas quando a Igreja parece valorizar a vida de embriões não formados de forma mais elevada do que a vida e a dignidade de mulheres e garotas, devemos suspeitar dos motivos de se gastar tanta energia na resistência ao aborto. Acho que o papa Francisco percebe isto, em algumas das coisas que ele fala.

### **Ordenação feminina**

Não se pode evitar a questão da ordenação feminina. Não existem justificativas teológicas substanciais para dizer que elas não podem ser ordenadas. Na verdade, para muitos de nós que estudaram o magistério católico sobre o tema, os argumentos contra a ordenação feminina são incoerentes e inconsistentes com a doutrina da encarnação, que tem a ver com a redenção da espécie humana através da plena humanidade de Jesus – não através de sua masculinidade.

Aqui, de novo, devemos começar a dialogar como os precursores da

mudança, e hoje este diálogo está começando a acontecer. A ordenação feminina costumava ser um tema tabu e muitos que trabalham nas instituições católicas e membros da hierarquia evitariam discuti-lo por medo de punição. O papa Francisco inaugurou um *ethos* menos punitivo, mais dialógico, e isso possibilita que alguns debates aconteçam e que não poderiam acontecer dez anos atrás.

### **IHU On-Line – É possível afirmar que Francisco, depois de cinco anos de pontificado, vai além dos ensinamentos de seus antecessores e encara melhor os desafios propostos pelas teólogas feministas? Por quê?**

**Tina Beattie** – Certamente, o papa Francisco vem abrindo novas fronteiras de possibilidades ao negar o absolutismo autoritário de seus dois antecessores em favor de uma abordagem pastoral marcada pela alegria, misericórdia e compaixão em vez de uma obediência doutrinal rígida. Em si, isto cria um clima mais hospitaleiro aos valores e convicções feministas.

Entretanto, embora profundamente o respeite e ache que ele tem sido muito bom para o catolicismo, o papa Francisco não conseguiu estabelecer nenhuma mudança significativa quanto ao papel da mulher na Igreja. A sua visão teológica e o seu estilo estão marcados por muitos dos valores e perspectivas que se encontram na teologia feminista, porém ele nunca tentou se envolver com teólogas feministas – por exemplo, referindo-se a elas em seus escritos ou colaborando com elas. A sua encíclica sobre o meio ambiente, *Laudato Si'*<sup>9</sup>, poderia ser escrita por

9 *Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"): encíclica do papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista *IHU On-Line* publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confirma em <http://bit.ly/1NqhbAJ> (Nota da *IHU On-Line*)

uma teóloga feminista, conquanto não fizesse referência alguma ao gênero. Mesmo demonstrando uma grande sensibilidade ao sofrimento e à beleza da Mãe Terra, e assim como todos os seus escritos são marcados por uma preocupação apaixonada pelos pobres, este documento nada diz sobre o impacto da pobreza e do abuso ambiental à vida das mulheres. Como é possível ser tão apaixonado pela pobreza e preocupar-se tanto pelo sofrimento da Mãe Terra, e, no entanto, nada falar sobre o fato de que quase 300 mil mulheres entre as mais pobres do mundo morrem anualmente de causas evitáveis relacionadas à gravidez e ao parto?

Ainda há muito trabalho a ser feito com relação ao tornar a hierarquia católica mais atenta e respeitosa para com as vozes teológicas femininas. Aquelas mulheres cuidadosamente escolhidas para cargos na Congregação para a Doutrina da Fé<sup>10</sup> e outras estruturas institucionais são cuidadosamente escolhidas pela conformidade delas para com o ensino católico e pela obediência aos seus senhores clericais. Elas não representam a diversidade robusta da mulher católica ao redor do mundo.

Estou editando uma coletânea de escritos de mulheres a ser publicada pela rede Catholic Women Speak<sup>11</sup> em preparação para o próximo Sínodo dos Bispos, em outubro de 2018, sobre “Os jovens, a fé e o discernimento vocacional”. Este livro reúne reflexões teológicas e narrativas pessoais de quase 60 mulheres de 20 países, com idades entre 14 e 85. É uma celebração da diversidade das mulheres na Igreja em nível mundial, e dá uma visão para dentro dos desafios, lutas e alegrias que elas experienciam como católicas. Até o momento em que essas mulheres estiverem representadas em todos os níveis da vida da Igreja, o conceito

de “mulher” irá continuar a ser um ideal romântico que carrega pouca relevância às realidades concretas da vida dessas mulheres.

Na exortação apostólica de 2013 *Evangelii Gaudium*<sup>12</sup>, o papa Francisco põe uma grande ênfase no Deus da história, e no modo como culturas diferentes são a expressão da encarnação. Estes elementos são inspiradores, mesmo assim, quando fala das mulheres, ele raramente reconhece que elas fazem parte desta diversidade cultural encarnada, parte das manifestações múltiplas do Cristo encarnado na história humana. Não somos “mulher”, mas mulheres!

### **IHU On-Line – De que forma avalia o tratamento que vem sendo dado por Francisco a questões como divórcio, novo casamento, contracepção e relações entre pessoas do mesmo sexo?**

**Tina Beattie** – O papa Francisco pergunta como a Igreja pode se expressar de um modo que a faça relevante e prática no contexto das realidades bagunçadas da vida humana. Ele se preocupa mais com a aplicação pastoral da doutrina do que com a “pureza” dela. Isso não quer dizer que ele esteja modificando o ensino católico, e sim perguntando como pode adaptar-se e ser posto em prática em contextos diferentes, e no envolvimento com os desafios complexos e as esperanças frágeis da sociedade moderna.

Alguns dos que valorizam o absolutismo doutrinal em detrimento da sensibilidade pastoral criticam esta abordagem, mas eu penso que ele está permitindo a compaixão de

Cristo estender a mão e tocar a vida humana, enquanto grande parte do que aconteceu durante os dois papados anteriores fora uma retirada da realidade na busca por um ideal fantasiado, particularmente com respeito ao matrimônio e à sexualidade. A teologia do corpo é um movimento inspirado na catequese do Papa João Paulo II<sup>13</sup> sobre o Livro de Gênesis, todavia o seu retrato romântico e idealizado do casamento conta com estereótipos sexuais essencializados e é, na verdade, uma reação contra o feminismo, a teoria de gênero e o movimento pelos direitos das pessoas homoafetivas. Para uns, trata-se de uma teologia maravilhosa do matrimônio, mas os seus estereótipos culturais estreitos e sua visão restritiva de amor, sexualidade e parentalidade a tornam irreal para a grande maioria das pessoas que se esforçam para viver vidas significativas e amorosas em sociedades complexas e cambiantes. O papa Francisco busca acomodar a beleza rompida e ferida do amor humano dentro de sua interpretação da doutrina, e isto com certeza é o que a encarnação nos chama a fazer.

### ***Humanae Vitae***

Muitos dizem que ele discretamente modificou a interpretação de *Humanae Vitae*<sup>14</sup> quanto à proibição absoluta do controle artificial de natalidade, na direção de uma interpretação mais integrada e responsiva da relação entre amor sexual e procriação. O problema com esta mudança sutil é que nem todos se dispõem a reconhecê-la, assim, em alguns contextos, as

<sup>13</sup> **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> **Humanae Vitae** (em português “Da vida humana”): encíclica escrita pelo papa Paulo VI. Foi publicada a 25 de julho de 1968. Inclui o subtítulo *Sobre a regulação da natalidade*, descreve a postura que a Igreja Católica faz em relação ao aborto e outras medidas que se relacionam com a vida sexual humana. Segundo alguns geraria polémica porque o Papa nela definiu que a contracepção, exclusivamente por meios artificiais, é proibida pelo Magistério da Igreja Católica. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **Congregação para a Doutrina da Fé**: a mais antiga das nove congregações da Cúria Romana, um dos órgãos do Vaticano. Fundada pelo papa Paulo III, em 21 de julho de 1542, com o objetivo de defender a Igreja da heresia. É historicamente relacionada com a Inquisição. Até 1908, era denominada como Sacra Congregação da Inquisição Universal quando passou a se chamar Santo Ofício. Em 1967, uma nova reforma, durante o pontificado de Paulo VI, mudou para o nome atual. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> Saiba mais sobre a rede em catholicwomenspeak.com. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> **Evangelii gaudium**: A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também crítica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium*. *A alegria do Evangelho*. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

mulheres ainda têm negado o acesso a métodos contraceptivos por causa da crença de que eles violam o ensino da Igreja. É preciso dizer claramente e sem ambiguidade que a liberdade de consciência do cônjuge e as exigências da parentalidade responsável deveriam ser a consideração primária no tocante a decisões relativas à contracepção. Ao mesmo tempo, em situações em que possuem pouco controle sobre os seus corpos e são frequentemente vítimas de intercuro sexual coercivo e violento, as mulheres e garotas têm o direito à proteção de gravidezes não desejadas.

### **IHU On-Line – Em que medida o Sínodo dos Bispos sobre a família trouxe contribuições significativas para questões tão caras ao feminismo?**

**Tina Beattie** – Ele certamente abriu-se para um engajamento mais realista e pastoralmente sensível a questões concernentes às mulheres, embora também alimentou polêmicas em torno da interpretação e aplicação do ensino católico. Na maioria dos contextos, as mulheres ainda são as principais cuidadoras dos jovens, idosos enfermos e deficientes físicos, e elas quase sempre desempenham o papel mais significativo em manter unida a família e nutrir relações. Mesmo se vivem em conformidade estreita com o ensino católico, estas mulheres sabem o que é ser mãe e avó de gays e transgêneros, de divorciados e recasados, de jovens que se sentem afastados pelo que percebem como a homofobia e rigidez do ensino da Igreja sobre a sexualidade. Criar um ambiente mais acolhedor, menos julgador, em que as pessoas possam ser abraçadas independentemente da sua orientação sexual ou identidade de gênero, é apoiar as mulheres em suas lutas e relações.

Também, o Sínodo sobre a família reconheceu os inúmeros desafios econômicos e sociais que as famílias enfrentam em culturas e contextos variados – questões como poligamia, migração, violência doméstica, pornografia e mídias sociais, desemprego, os sem-teto etc., que constituem as lutas

que muitas mulheres encaram diariamente. Portanto, sim, isso tudo é positivo em termos de feminismo.

Mas realmente existe algo de ridículo em ter mais de 300 celibatários reunidos para discutir temas que são de significação extremamente íntima, vital, fundamental para a vida das mulheres, e negar-lhes qualquer autoridade para participar do processo de votação e tomada de decisões. Algumas mulheres e casais foram convidados a tomar parte das discussões sinodais, mas isto é um substituto pobre para o envolvimento das mulheres como partícipes plenas e iguais na vida da Igreja. Na verdade, o Sínodo teve relativamente pouco a dizer sobre as mulheres, e pouco fez para mudar a postura atual delas na Igreja e na sociedade. Os bispos não podem entender e representar a realidade plena da vida das mulheres, porque há muitíssimos aspectos de ser mulher que são somente compartilhados entre as próprias mulheres, e os protocolos e as relações de poder que governam as relações delas com os altos membros do clero não favorecem a comunicação honesta e aberta entre elas e os bispos.

### **IHU On-Line – Como interpreta *Amoris Laetitia*<sup>15</sup> e como avalia a repercussão da exortação apostólica entre clérigos e leigos?**

**Tina Beattie** – Claramente, *Amoris Laetitia* abriu um ninho de vespas! Penso que se pode inclusive falar da balcanização da Igreja sob Francisco. Sabemos que, na geopolítica moderna, uma unidade aparente é possível sob ditaduras, mas quando líderes democráticos surgem, o resultado é, por vezes, um conflito e uma fragmentação maiores.

O próprio Francisco reconhece que o processo de diálogo deve acomodar o conflito, e que uma “diversidade reconciliada” é possível somente quando as divergências são plenamente lançadas ao ar e quando as diferenças se manifestam. Pergunto-me se é por isso que

ele decidiu não ter um, mas dois Sínodos sobre a família, em 2014 e 2015, a fim de permitir a expressão das divergências e o desdobrar de um processo de diálogo e reconciliação. No Sínodo de 2014, o Papa encorajou os seus companheiros bispos a falarem com *parrhesia*, isto é, sem autocensura. Frequentemente ele se refere à importância do tempo em detrimento do espaço, isto é, que a ordem sociopolítica moderna é espacial, focada em resultados imediatos e ganhos de curto prazo que devem todos acontecer aqui e agora, no presente, enquanto um modelo mais temporal, dinâmico pode acomodar processos de mudança, erro e finitude. A partir dessa perspectiva, ter dois sínodos com um ano de diferença, para abordar questões conflituosas e buscar reconciliação, é profundamente coerente com esta teologia.

No entanto, suspeito que ele subestimou o grau de conflito que havia sido suprimido na hierarquia pela liderança pesada do papa João Paulo II e do papa Bento XVI<sup>16</sup>, de forma que quando encorajou os bispos no Sínodo a falarem com *parrhesia*, talvez não antecipava que aquilo que estava abrindo era a caixa de Pandora. Há os que dizem que os dois papas anteriores prestaram pouca atenção aos procedimentos dos Sínodos e não fizeram tentativa alguma para refleti-los em suas exortações apostólicas pós-sinodais. Entretanto, penso que *Amoris Laetitia* busca fielmente representar as opiniões divergentes e, às vezes, conflitivas dos bispos do mundo todo, ao mesmo tempo reunindo-as todas dentro de uma visão de acompanhamento pastoral e esperança e misericórdia teológica. *Amoris Laetitia* não é um tratado teológico belamente polido, porque reflete a bagunça que resulta quando a teologia se encarna na re-

<sup>16</sup> **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

**Biologia Sintética**: O Instituto Humanitas, em seu sítio, apresenta um amplo debate em torno do tema. A edição 429 da Revista IHU On-Line faz um resgate sobre o conceito entrevistando uma série de professores e pesquisadores. Mais informações em <http://bit.ly/1tEnWuz>. (Nota da **IHU On-Line**)

alidade e busca reconhecer os desafios e as alegrias da vida em família.

Desse modo, para as relações entre o clero e os leigos, em grande parte isto depende do contexto cultural mais amplo. Pode resultar numa Igreja fragmentada, onde os membros conservadores dos leigos se agrupam em torno de padres conservadores, e aqueles que buscam uma abordagem mais progressista juntam-se a paróquias com padres progressistas. Isto me parece negar a catolicidade – a universalidade – da fé católica, mas é uma realidade de uma igreja que raramente parece dividida ou em guerra consigo mesma.

### **IHU On-Line – O que as críticas ao próprio Sínodo e ao documento *Amoris Laetitia* revelam acerca das resistências ao pontificado de Francisco?**

**Tina Beattie** – Talvez o que estejamos vendo é uma reabertura das feridas que, na verdade, nunca estiveram curadas depois do Concílio Vaticano II, que criou uma ruptura entre conservadores e modernizadores doutrinários. Porém, o papa Francisco não é um ativista politicamente progressista ao modo dos movimentos libertários pós-conciliares na Igreja. Ele também é uma pessoa de espiritualidade mística profunda, e penso que ele possui o potencial para reconciliar uma apreciação do misticismo da vida litúrgica e sacramental católica – grande parte do qual foi negligenciado no rescaldo do Concílio – com a abertura ao mundo, à paixão por justiça social e à vocação a estar plenamente engajado com as histórias e os contextos da história humana em toda a sua diversidade e realidade incarnacional – que também foram características definidoras do Vaticano II.

### **IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre essas resistências ao Papa e as questões tensionadas pelas mulheres na Igreja?**

**Tina Beattie** – É fácil sentir-se afastada e hostilizada no tocante ao

conservadorismo entrincheirado que hoje se manifesta entre alguns membros da hierarquia e que se opõem a Francisco. Tal conservadorismo é mais assertivo em questões que têm a ver com as mulheres – ética reprodutiva, identidades de gênero e ordenação, por exemplo.

Penso que o desafio é perguntar por que existe tanta resistência: Quais são os medos subjacentes e as ansiedades que alimentam estas resistências? Por que os homens cujas vidas deveriam estar centradas no amor de Cristo em seu trabalho sacerdotal estão tão imbuídos da necessidade de ter poder e controle sobre a vida das mulheres? Por que desconfiam tanto da graça e da bondade intrínseca da natureza, incluindo a natureza humana, que são fundamentais para a teologia católica? Sim, o pecado pode ter consequências devastadoras e não deveríamos subestimar os modos como o desejo humano pode estar distorcido em formas obscuras e violentas, mas, na verdade, foi a crise de abusos sexuais a maior demonstração disso nas últimas décadas. Por que, numa época em que os líderes eclesiais estiveram obsessivamente preocupados com temas como a contracepção, o aborto e a homossexualidade, eles também estiveram fazendo vistas grossas ao abuso sexual de tantas crianças e adultos vulneráveis? Muitos dos que atualmente se opõem a Francisco ainda têm perguntas a serem respondidas sobre o papel deles nisso tudo.

Estas são questões importantes, mas devemos nos perguntar como podemos buscar aquela “diversidade reconciliada” da qual o papa Francisco fala. Jesus ora para que todos os seus discípulos sejam um, e esta é uma vocação que não podemos ignorar a fim de satisfazer as nossas ofensas e os nossos desacordos. Em vez disso, devemos entrar em diálogo – e o Papa apresenta um guia excelente com as regras de um bom diálogo em *Amoris Laetitia* – e buscar entender uns aos outros e apoiar uns aos outros na escuta e resposta ao chamado de Cristo para expressar o seu amor que cura num mundo ferido e dividido. Todavia, se unidade significa recusa a confrontar e expor o abuso,

a injustiça e a misoginia, então temos aí um preço alto demais a pagar. Normalmente, o acobertamento de casos de abuso sexual esteve parcialmente atribuído a uma tentativa equivocada de representar uma frente unificada, mesmo quando isto significava silenciar e ignorar as vítimas de abuso.

### **IHU On-Line – Como o Papa apreende as questões de gênero? E como esse seu entendimento se revela no pontificado?**

**Tina Beattie** – Sinto muito, mas o papa Francisco não compreende as questões de gênero! Como os antecessores, ele continua advertindo contra uma “ideologia de gênero” de um modo que mostra uma resistência profunda a envolver-se e aprender com parte das questões complexas de gênero e identidade que emergem em todas as culturas hoje. Francisco enxerga a teoria de gênero como uma forma de colonização ideológica, mas na verdade os nossos conceitos ocidentais modernos de gênero, baseados numa dualidade essencial de macho e fêmea inscrita na ordem da criação em Gênesis, são muito estreitos e não têm origem na tradição. Tampouco constitui uma leitura informada e acadêmica do texto do Gênesis. Em si, é uma forma de ideologia que se difundiu através das potências imperiais e colonizadoras da Europa.

Só se precisa olhar a linguagem da eclesiologia católica e da teologia mística – incluída a linguagem do próprio papa Francisco – para ver que a descrição da Igreja como uma mãe, mulher e noiva tem a ver com gênero, não com essencialismo sexual. A tradição católica sempre empregou o gênero em sentido metafórico, relacional para expressar os modos como as relações e características humanas e divinas se expressam. Muitas culturas não ocidentais possuem múltiplos conceitos de gênero que não se encaixam perfeitamente no modelo de dois sexos da ciência e cultura ocidentais modernas. Thomas Laqueur<sup>17</sup> é um pesquisador que vem

<sup>17</sup> Thomas Walter Laqueur (1945): um historiador, sexó-

explorando algumas dessas questões em seus contextos históricos. Existem ideólogos em todos os lados do debate de gênero, e eu receio que o ensino católico em si, hoje, esteja altamente ideológico.

Mais uma vez, devemos lembrar que o bom diálogo só pode começar quando há respeito mútuo e atenção ao ponto de vista do outro. Penso que o papa Francisco precisa seguir o seu próprio ensino mais proximamente quando se trata de dialogar sobre gênero.

### **IHU On-Line – Quais os maiores desafios desse papado a partir de agora?**

**Tina Beattie** – Deve ser esgotante enfrentar tanta oposição, suportar tanta agressão e mesmo ódio de alguns dos seus companheiros bispos. Francisco não é jovem, e a sua saúde não é robusta. Não tenho certeza de que deveríamos estar identificando novos desafios para ele enfrentar, mas penso que um simples ato de diálogo com as mulheres – com teólogas feministas, com eticistas mulheres, mulheres que representam a grande maioria das culturas ao redor do mundo e que compartilham a sua visão de uma harmonia reconciliada dos povos a viver em paz uns com os outros e com a natureza – seria um modo bastante significativo de proceder. Quando o Va-

ticano convidou os jovens do mundo inteiro para um encontro pré-sinodal em março de 2018, o papa Francisco passou uma manhã com eles e estes foram encorajados a se pronunciar livremente. Pergunto-me por que motivo ele nunca fez algo parecido com as mulheres. Ainda há tempo. Ele poderia fazer isso se quisesse. Eu aqui me voluntario a organizar um tal evento, em colaboração com muitas outras pessoas que eu souber estarem dispostas a participar.

A questão fundamental é: o que vem depois de Francisco? Se o próximo papa compartilhar a visão de Francisco e buscar continuar o seu trabalho, então acho que poderemos ver uma renascença na Igreja – tempo de um engajamento vital e de sensibilidade para com as necessidades da família humana quando poderemos estar enfrentando dias sombrios de violência e agitação política. Por outro lado, se o próximo papa for eleito entre os membros mais conservadores da hierarquia, então haverá tempos desafiadores à frente para as mulheres e os gays em particular, na medida em que enfrentamos uma nova barreira de controles e ataques contra as liberdades e os direitos sexuais e reprodutivos. No entanto, o papa Francisco é uma pessoa de tanta oração, compaixão, humildade e fé, que acredito que o seu legado está seguro nas mãos do Espírito Santo, e este irá continuar a modelar a vida da Igreja de um jeito misterioso após ele ir se juntar aos anfitriões celestiais.

### **Igreja Católica**

A Igreja Católica sobreviveu a muitas crises e transformações. É a instituição mais duradoura da história.

Para mim, este é o maior testemunho de sua vocação e origens divinas. Em vários sentidos, ela é uma instituição tão ridícula, tão corrupta e injusta que, se não fosse pela mão orientadora de Deus, já teria certamente entrado em colapso há muito tempo.

No final, não importa se um papa em particular é conservador ou progressista – o que importa é manter viva a esperança e a alegria de Cristo apesar da Igreja, mas isso só é possível por causa da Igreja! Como ex-protestante<sup>18</sup>, estou ainda aprendendo o quão paradoxal e mesmo cômico a fé católica é em algumas de suas formas de expressão, e ainda assim é permeada pela beleza, pelo amor e pela graça do divino.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Tina Beattie** – Acredito na Igreja Católica. Penso que aceitar que ela é uma instituição imperfeita, não imune às lutas e fracassos da condição humana, faz parte disso, mas ainda assim tenho fé de que a vida de Cristo e Maria continua através dos sacramentos da Igreja, e através dos vários modos pelos quais os católicos ao redor do mundo trabalham com – e por – aqueles das muitas religiões e culturas, para estender a mão aos que sofrem, aos marginalizados e às vítimas – incluídas mulheres e garotas. [Os membros da] hierarquia são os servos dos servos de Deus. Precisamos continuar lembrando-os disto – eles não são a Igreja. Todos nós somos a Igreja. ■

<sup>18</sup> Entre 1986 e 1987, ela se converteu ao catolicismo. (Nota da **IHU On-Line**)

logo e escritor americano. Ele é o autor de *Solitary Sex: A Cultural History of Masturbation and Making Sex: Body and Gender from the Greeks to Freud* [sexo solitário: uma história cultural de masturbação e fazendo sexo: corpo e gênero dos gregos para Freud, em tradução livre]. Ele é vencedor do Prêmio de Distinção Achievement da Fundação Andrew W. Mellon em 2007 e atualmente é o Distinguished Helen Fawcett Professor de História da Universidade da Califórnia, Berkeley, localizada em Berkeley, Califórnia. (Nota da **IHU On-Line**)

## **Leia mais**

- **Um pontificado de novidades e resistências.** Entrevista especial com Tina Beattie, publicada nas Notícias do Dia de 6-5-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KSuWyQ>.

- **Evolução e pecado original: releituras do Gênesis.** Artigo de Tina Beattie, publicada nas Notícias do Dia de 12-3-2012, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2ID8M1W>.

- **Sexo, casamento e Igreja Católica.** Artigo de Tina Beattie, publicada nas Notícias do Dia de 13-10-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2LjRzN2>.

# Críticas ao “estilo Bergoglio” não retratam a realidade do pontificado

John O’Malley aponta que oposição a Francisco retratada pela imprensa exagera a realidade e, dentro da Igreja, contestações ignoram o passado do catolicismo

João Vitor Santos | Tradução: Luís Marcos Sander

Quando Jorge Mario Bergoglio começou a se movimentar como pontífice, de imediato ganhou as manchetes dos jornais de todo mundo como um papa carismático. Com o passar do tempo, os jornais foram cada vez menos retratando o Francisco bonachão e dando espaço a imagem de pontífice que pode gerar divisões na Igreja. Claro, perspectiva em muito alimentada por fontes vaticanas que começam a se opor ao “estilo Francisco”. Questionado se agora, depois de cinco anos do conclave que o elegeu, o Papa vivendo um período de queda na popularidade, o jesuíta e historiador John O’Malley enfatiza: “a lua de mel terminou, assim como acontece com toda figura pública depois que ela começa a tomar decisões. Decisões necessariamente combinam com a pauta de algumas pessoas e não combinam com a pauta de outras”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail para a **IHU On-Line**, O’Malley ainda avalia que “a mídia adora controvérsia e pula avidamente sobre qualquer indício de controvérsia”. “Na apresentação da oposição a Francisco feita pela mídia, uma pessoa poderia ficar com a impressão de que 50% dos católicos são a favor dele e 50% são contra. Seria mais próximo da verdade dizer que 95% estão a favor dele, embora algumas pessoas possam não concordar com uma ou outra de suas decisões”, avalia. E sobre as críticas a essas decisões e possibilidade de elas racharem a cristandade, recomenda um pouco mais de leitura. “Realmente

acredito que um desconhecimento da história da Igreja se encontra por trás de grande parte da crítica”, dispara.

**John W. O’Malley** é doutor em História pela Universidade de Harvard, professor de Teologia da Georgetown University, de Washington, ambas nos Estados Unidos. É, ainda, membro da Fundação Guggenheim, da Academia Norte-Americana de Artes e Ciências e da Sociedade Filosófica Norte-Americana. Especialista em Concílios, com especial atenção ao Concílio de Trento e ao Concílio Vaticano II, é autor de *The Jesuits: A History From Ignatius to the Present* (Pennsylvania: Rowman & Littlefield Publishers, 2014), *What happened at Vatican II* [O que aconteceu no Vaticano II] (Cambridge, MA: Harvard University Press/Belknap. Press, 2008) e *A history of the Popes* [Uma história dos Papas] (Lanham, MD: Sheed and Ward, 2006). O’Malley acaba de publicar, pela Harvard University Press, *Vatican I: The Council and the Making of the Ultramontane Church* [Vaticano I: O Concílio e a Produção da Igreja Ultramontana]. O IHU, na seção Notícias do Dia de seu sítio, publicou uma resenha da obra. Acesse em <http://bit.ly/2kh7ob3>. Das suas obras em português, destacamos *Uma História dos Jesuítas. De Inácio de Loyola a Nossos Dias* (São Paulo: Loyola, 2017), *Os Primeiros Jesuítas* (São Paulo: EDUSC, 2004) e *O Que Aconteceu no Vaticano II* (São Paulo: Loyola, 2014).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – No início do pontificado, Bergoglio teve uma adesão quase que absoluta da grande mídia internacio-**

**nal. Agora, passados cinco anos de pontificado, jornais como Frankfurter Allgemeine Zeitung, na Alemanha, e New York**

**Times, nos Estados Unidos, tem endossado posições de críticos ao papa. É o fim lua de mel de Francisco com a mídia? Como o**

# “Sim, a lua de mel terminou, assim como acontece com toda figura pública depois que ela começa a tomar decisões”

## senhor interpreta essa mudança de enfoque em setores da imprensa internacional?

**John O'Malley** – Como quase todo papa, Francisco começou seu pontificado com grande entusiasmo por parte da mídia. Talvez ele tenha desfrutado de mais popularidade por causa do óbvio calor humano de sua personalidade, seu jeito de ser despretensioso, e sua honestidade e franqueza em suas manifestações públicas. Agora, alguns meios de comunicação expressam decepção ou crítica explícita para com ele.

Você pergunta: é o fim da lua de mel? Sim, a lua de mel terminou, assim como acontece com toda figura pública depois que ela começa a tomar decisões. Decisões necessariamente combinam com a pauta de algumas pessoas e não combinam com a pauta de outras. Portanto, não deveríamos ficar surpresos. Todo papa nos últimos 150 anos, ao menos, sofreu esse tipo de crítica. No caso de Pio IX (1846-1878)<sup>1</sup>, a crítica foi tão severa que na Alemanha levou a um cisma<sup>2</sup> que não foi sanado até hoje.

Você menciona especificamente o *Frankfurter Allgemeine Zeitung* e

o *New York Times*. Não posso falar sobre o primeiro desses dois jornais, mas o *Times* é crítico principalmente por meio das curiosas opiniões expressas por seu colunista convidado Ross Douthat<sup>3</sup>, que escreve comentários sobre religião. Acho que os editores do *Times* diriam que as opiniões de Douthat são dele mesmo, e não necessariamente as do próprio jornal.

### As críticas

Em minha opinião, são as seguintes as principais críticas feitas a Francisco (a lista não segue uma ordem específica):

- esforços para resolver a situação da Igreja na China – na verdade, esta iniciativa é muito anterior a Francisco. Ele está simplesmente dando continuidade a esforços iniciados por seus predecessores;

- ele não entende a crise dos abusos sexuais ou não faz o suficiente para prevenir tais abusos no futuro – ele pediu desculpas pela forma inadequada de lidar com a situação no Chile e agora parece estar plenamente ciente da profundidade da crise e disposto a fazer mais em relação a ela;

- seus apelos em favor dos refugiados e migrantes – seus apelos desagradam governos e muitos de seus sujeitos. Esta é uma questão complicada, e acho que Francisco está plenamente consciente de sua complexidade. Mas ele tinha de pregar o evangelho que diz “eu era forasteiro, e vós me acolhestes”. Os cristãos simplesmente não podem cruzar os braços face a essa imensa tragédia humana;

- ele quer permitir a comunicação com pessoas divorciadas – na nota 351 de *A alegria do evangelho*<sup>4</sup> [o resumo dos sínodos sobre a família feito por Francisco], o Papa expressa a esperança de que se possa encontrar uma solução pastoral para uma disciplina que causa tanta dor a tantas pessoas. Nos EUA, o grande paladino contra qualquer mudança é Ross Douthat, que prevê que uma mudança resultaria em uma grande cisma e acarretaria outras consequências terríveis. Essa é uma questão séria, e uma questão que, em um nível pessoal, tem muita importância para Douthat – e provavelmente para alguns cardeais –, mas não consigo, nem mesmo em minha mais desvairada imaginação, achar que uma mudança abalaria tanto a Igreja quanto se prediz. Suspeito que por cada pessoa oposta à mudança haja ao menos

35

<sup>1</sup> **Pio IX** (1792-1878): nascido Giovanni Maria Mastai-Ferretti, foi Papa durante mais de 31 anos, entre 16 de Junho de 1846 e a data do seu falecimento. Era Frade Dominicano. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Reforma Protestante**: movimento reformista cristão liderado por Martinho Lutero, autor das 95 teses pregadas na porta da Igreja do Castelo de Wittenberg, na Alemanha, em 31 de outubro de 1517, propondo uma reforma na doutrina do catolicismo romano. Lutero foi apoiado por vários religiosos e governantes europeus. Em resposta, a Igreja Católica Romana implementou a Contra-Reforma ou Reforma Católica, iniciada no Concílio de Trento. Em decorrência destes fatos, ocorreu a divisão da chamada Igreja do Ocidente entre os católicos romanos e os protestantes. Confira a edição 280 da *IHU On-Line*, de 3-11-2008, intitulada *Lutero. Reformador da Teologia, da Igreja e criador da língua alemã*, disponível em <http://bit.ly/2hQ1FFc>, e a edição 514, intitulada *Lutero e a Reforma – 500 anos depois. Um debate*, disponível em <http://bit.ly/2iC2GPt>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Ross Gregory Douthat** (1979): é um autor americano, blogueiro e colunista do *New York Times*. Douthat é um blogueiro e colunista regular do *The New York Times*. Ele é o mais jovem escritor de opinião regular no *The New York Times*, tendo substituído Bill Kristol como uma voz conservadora na página editorial do *Times* em abril de 2009. Antes de ingressar no *The New York Times*, ele foi editor sênior da *The Atlantic*. Seus livros publicados são *Bad Religion: Como nos tornamos uma nação de hereges* (2012), *Grand New Party* (2008) com Reihan Salam e *Privilege: Harvard e a educação da classe dominante* (2005). Ele apareceu frequentemente no site de debate em vídeo *Bloggingheads*. tv até 2012. David Brooks chamou o *Grand New Party* de “o melhor roteiro único de onde o Partido Republicano deveria e deve ir”. Recentemente, Douthat lançou um livro sobre Bergoglio. Confira a notícia publicada pelo *IHU* sobre o livro, disponível em <http://bit.ly/2Lj9i7l>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> **Evangelii gaudium**: A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Também crítica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

cem católicos que a veriam com bons olhos;

- ele não reformou a Cúria conforme o prometido – a reforma da Cúria romana tem sido uma questão candente nos últimos 700 anos, sobre a qual escrevi muito. O fato de ela ainda ser um problema revela que não se trata de uma tarefa fácil, e tampouco uma tarefa que se possa cumprir em cinco anos. Entretanto, Francisco fez algo que nenhum papa anterior conseguiu fazer nos últimos 700 anos – fazer com que as operações financeiras da Cúria sigam boas práticas fiscais, o que inclui a transparência pública. Sei, através de pessoas confiáveis e bem informadas, que Francisco está trabalhando silenciosamente em outros problemas e que, no devido tempo, começaremos a ver os resultados.

Creio que essas são as cinco áreas. Sei que posso ser acusado de estar falando a partir de meu próprio preconceito, mas realmente acredito que um desconhecimento da história da Igreja se encontra por trás de grande parte da crítica. Os esforços para negociar com o governo comunista da China, por exemplo, estão em consonância com todo o histórico anterior da Santa Sé. Pio VII<sup>5</sup> negociou com Napoleão<sup>6</sup>, e Pio XI com Mussolini<sup>7</sup>. Até mesmo na forma de lidar com questões referentes ao divórcio e ao novo casamento a história da Igreja tem mostrado um certo grau de flexibilidade.

5 **Papa Pio VII** (1740 - 1823): Monge beneditino, nascido Barnaba Chiaramonti, foi Papa da igreja católica de 1800 até sua morte. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Napoleão Bonaparte** (1769-1821): líder político e militar francês. Adotando o nome de Napoleão I, foi imperador da França de 18 de maio de 1804 a 6 de abril de 1814, posição que voltou a ocupar por poucos meses em 1815 (20 de março a 22 de junho). Sua reforma legal, o Código Napoleônico, teve grande influência na legislação de vários países. Através das guerras napoleônicas, foi responsável por estabelecer a hegemonia francesa sobre boa parte da Europa. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Benito Mussolini** (1883-1945): jornalista e político italiano, governou a Itália com poderes ditatoriais entre 1922 e 1943, autodenominando-se Il Duce, que significa em italiano “o condutor”. Baseando-se numa filosofia política teoricamente socialista, conseguiu a adesão dos militares descontentes e de grande parte da população, alargou os quadros e a dimensão do partido. Após um período de grandes perturbações políticas e sociais, quando alcançou grande popularidade, guindou-se a chefe do partido, e em 1922 organizou a famosa marcha sobre Roma, um golpe de propaganda. Usando as suas milícias para instigar o terror e combater abertamente os socialistas, conseguiu que os poderes investidos o nomeassem para formar governo. Foi nomeado Primeiro Ministro pelo rei Vitor Manuel III, alcançando a maioria parlamentar e, consequentemente, poderes absolutos. (Nota da **IHU On-Line**)

**IHU On-Line – Ainda sobre as resistências a Francisco, o senhor avalia esse momento como o de maior força de opositores do pontificado? Por quê?**

**John O’Malley** – Bem, é o de maior força até agora simplesmente por causa da passagem do tempo. Mas a pergunta tem o grave defeito de colocar a ênfase no lugar errado. Sim, há oposição a Francisco, mas certamente nos Estados Unidos, que são muitas vezes considerados o epicentro da oposição a ele, o Papa continua sendo imensamente popular e muito admirado tanto por católicos quanto por não católicos. Minha impressão é de que essa é a situação no mundo todo.

Temos de nos lembrar disso em qualquer discussão a respeito da oposição a ele. A mídia adora controvérsia e pula avidamente sobre qualquer indício de controvérsia. Na apresentação da oposição a Francisco feita pela mídia, uma pessoa poderia ficar com a impressão de que 50% dos católicos são a favor dele e 50% são contra. Seria mais próximo da verdade dizer que 95% estão a favor dele, embora algumas pessoas possam não concordar com uma ou outra de suas decisões.

**IHU On-Line – Quais as principais mudanças no episcopado promovidas por Francisco ao longo desses cinco anos? E o que significam e quais as repercussões dessas mudanças mais recentes?**

**John O’Malley** – Nos dois pontificados anteriores, um critério importante para a escolha dos bispos era seu juramento de se opor à ordenação de mulheres, a casamentos entre pessoas do mesmo sexo e assim por diante. Esse talvez tenha sido de fato o critério determinante. Francisco parece adotar uma abordagem mais ampla, dando atenção especial à experiência pastoral e às aptidões de liderança dos candidatos. Pelo menos é isso que vejo nos Estados Unidos.

**IHU On-Line – De um modo geral, quais os maiores avanços desses cinco anos de pon-**

**tificado? E sob que temas o senhor imagina que Francisco poderia ter avançado mais, mas não avançou?**

**John O’Malley** – Quanto ao ensino social da Igreja, a Igreja não tinha um “ensino social” no sentido de programas coerentes para enfrentar problemas contemporâneos até a encíclica *Rerum novarum*<sup>8</sup> do Papa Leão XIII<sup>9</sup>, de 1891. Seguiram-se então outros documentos da Santa Sé. Eles foram um segredo bem guardado. Até mesmo em seminários, eles eram ensinados como disciplina secundária e faziam parte do currículo de Filosofia, e não de Teologia. Por isso, pareciam não ter nada a ver com a teologia ou com o Evangelho.

Isso mudou com o Concílio Vaticano II<sup>10</sup>, especialmente em seu documento final e culminante, *Gaudium et spes*<sup>11</sup>,

8 **Rerum Novarum**: Encíclica do Papa Leão XIII “sobre a condição dos operários”, publicada no dia 15 de maio de 1891, disponível em <http://migre.me/4mXsP> (Nota da **IHU On-Line**)

9 **Leão XIII (1810-1903)**: nascido Vincenzo Gioacchino Raffaele Luigi Pecci. Foi Papa de 20 de fevereiro de 1878 até a data da sua morte. Notabilizou-se primeiramente como popular e bem sucedido Arcebispo de Perugia, o que conduziu a sua nomeação como Cardeal em 1853. Ficou famoso como o “papa das encíclicas”. A mais conhecida de todas, a *Rerum Novarum*, de 1891, sobre os direitos e deveres do capital e trabalho, introduziu a ideia da subsidiariedade no pensamento social católico. (Nota da **IHU On-Line**)

10 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5lSnsM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Circulo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LiPrZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

11 **Gaudium et spes**: Igreja no mundo atual. Constituição pastoral, a 4ª das Constituições do Concílio do Vaticano II. Trata fundamentalmente das relações entre a igreja e o mundo onde ela está e atua. Trata-se de um documento importante, pois significou e marcou uma virada da Igreja Católica “de dentro” (debruçada sobre si mesma), “para fora” (voltando-se para as realidades econômicas, políticas e sociais das pessoas no seu contexto). Inicialmente, ela constituía o famoso “esquema 13”, assim chamado por ser esse o lugar que ocupava na lista dos documentos estabelecida em 1964. Sofreu várias redações e muitas emendas, acabando por ser votada apenas na quarta e última sessão do Concílio. O Papa Paulo VI, no dia 7 de dezembro de 1965, promulgou esta Constituição. Formada por duas partes, constitui um todo unitário. A primeira parte é mais doutrinária, e a segunda é fundamentalmente pastoral. Sobre a *Gaudium et spes*, confira o nº 124 da **IHU On-Line**, de 22-11-2004, sobre os 40 anos da *Lumen Gentium*, dis-

que deixou claro que as questões sociais estavam no cerne da teologia moral na Igreja Católica. Em minha opinião, o Papa Francisco tem tomado a *Gaudium et spes* a peito e fez dela uma pedra angular em seu pontificado. Mais fundamentalmente, porém, o papa Francisco é movido pelo capítulo 25 do Evangelho de Mateus – “Tive fome, e me destes de comer, era forasteiro, e me acolhestes, etc.”. É isso que Francisco encarna em sua própria pessoa e ensina por sua palavra e seu exemplo.

**IHU On-Line – Como compreender o Concílio Vaticano I no contexto da Igreja de hoje? Que contradições surgem no pontificado de Francisco que, ao mesmo tempo em que se alinha ao Vaticano II, ocorrem arroubos de conservadorismo por grupos dentro da Igreja?**

**John O'Malley** – Como podemos entender o Vaticano I em relação ao Vaticano II e ao papa Francisco? Minha resposta muito breve a essa pergunta é que você deve ler meu livro que acaba de ser publicado pela Harvard University Press, *Vatican I: The Council and the Making of the Ultramontane Church* [Vaticano I: O Concílio e a Produção da Igreja Ultramontana].

Minha resposta ligeiramente menos breve é de que o Vaticano I lidou

ponível em <http://bit.ly/9IFZTk>, intitulada A igreja: 40 anos de Lumen Gentium. Leia também: A Gaudium et Spes 50 anos depois e o Papa Francisco como o parceiro de uma igreja global. Conferência de Massimo Faggioli publicada nas Notícias do Dia, de 21-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1JerEBX>. (Nota da **IHU On-Line**)

com o problema perene da relação entre o episcopado mundial e o papado colocando uma ênfase quase exclusiva nas prerrogativas do papado. O Vaticano II tentou resolver a tensão e reverter o desequilíbrio mediante seu ensino sobre a colegialidade episcopal. Francisco vem tentando implementar esse ensino.

Muitas vezes, os católicos têm uma compreensão muito unilateral da tradição da Igreja. Eles a veem como uma tradição quase exclusivamente hierárquica em sua estrutura. Contudo, desde os primeiros séculos até bem recentemente, a estrutura colegial era, ao menos, quase tão importante e atuante. Os críticos de Francisco quanto a este assunto precisam levar em conta esse fato.

**IHU On-Line – Hoje, o Concílio Vaticano II está mais vivo dentro da Igreja? Por quê?**

**John O'Malley** – O Vaticano II está mais vivo hoje em dia? Sim. Os católicos vivem atualmente em uma Igreja que, a despeito de toda a controvérsia sobre o Concílio, de fato funciona, em grande parte, de maneira muito diferente do que ocorria antes do Concílio. Uma resposta mais completa a essa pergunta exigiria um livro inteiro.

**IHU On-Line – Que capítulo na história dos pontífices Francisco está escrevendo? E para a história da Companhia de Jesus?**

**John O'Malley** – É cedo demais

para dizer!

**IHU On-Line – Como avalia o protagonismo assumido por Francisco no cenário geopolítico? É essa uma de suas perspectivas quando conclama a cristandade para serem “igreja em saída”?**

**John O'Malley** – Ele tem surgido como o porta-voz preeminente em prol da justiça, compaixão, paz, redução da pobreza e cuidado do meio ambiente. Os governos podem prestar atenção nele ou não, mas ele representa um forte contraponto à autopromoção deles que, muitas vezes, parece indiferente ao sofrimento humano que provoca e ao dano que causa à paz mundial e ao meio ambiente. No tocante a este último assunto, o papa Francisco e a Santa Sé tiveram uma influência considerável na construção do Acordo de Paris<sup>12</sup> sobre o meio ambiente em 2015.

**IHU On-Line – Que leitura o senhor faz do encontro entre o Papa Francisco e o presidente estadunidense Donald Trump?**

**John O'Malley** – Vou responder fazendo uma pergunta: seria possível haver dois homens cujos valores básicos sejam mais diametralmente opostos uns aos outros? ■

<sup>12</sup> **Acordo de Paris:** é um tratado no âmbito da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre a Mudança do Clima (UNFCCC - sigla em inglês), que rege medidas de redução de emissão dióxido de carbono a partir de 2020. O acordo foi negociado durante a COP-21, em Paris e foi aprovado em 12 de dezembro de 2015. O líder da conferência, Laurent Fabius, ministro das Relações Exteriores da França, disse que esse plano “ambicioso e equilibrado” foi um “ponto de virada histórica” na meta de reduzir o aquecimento global. (Nota da **IHU On-Line**)

## Leia mais

- **O espírito pastoral de Francisco e o desafio de desacomodar bispos e teólogos.** Entrevista com John O'Malley, publicada na revista IHU On-Line número 465, de 18-5-2015, disponível em <http://bit.ly/2lsNaJT>.

- **O Concílio do impulso para a reconciliação.** Entrevista com John W. O'Malley, publicada na revista IHU On-Line 401, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/2KC4Rmy>.

- **“Um outro concílio? Só se for em Manila ou no Rio, não em Roma”.** Entrevista com John W. O'Malley, publicada nas Notícias do Dia de 23-01-2010, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2IONpyd>.

- **Entre o amor e o ódio, Deus e o conhecimento. A complexa história jesuítica.** Entrevista John W. O'Malley, publicada nas Notícias do Dia de 23-01-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2rRGDOM>.

# O humanismo de Francisco revela a essência do ser cristão

José María Castillo diz que a novidade desse Papa é ser “mais humano” e, com isso, leva a uma essencial revelação de Deus através da figura terrena de Jesus de Nazaré

João Vitor Santos | Tradução: Henrique Denis Lucas

**P**ara o teólogo José María Castillo Sánchez, a originalidade do cristianismo reside no seu Deus, que não é uma figura celestial e abstrata. Ou seja, está no Cristo, destacado como o próprio Deus encarnado, um Deus humano. “Não podemos conhecer Deus se nos limitarmos ao ‘sagrado’, ao ‘religioso’, ao ‘divino’, ao ‘infinito’... Tudo isso é apenas a ‘representação’ que nós, a partir de nossa ‘imanência’, fazemos do ‘Transcendente’. O cristianismo afirma que conhecemos Deus em Jesus”, reflete. Por isso, José María destaca que a grande novidade de Francisco é ser um Papa mais humano, aquele que resgata o sentido dos primeiros seguidores de Cristo. “O que é mais genial e original no papa Francisco é que, na medida em que ele é ‘mais humano’, esta mesma medida nos revela a Deus mais claramente”, pontua.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o teólogo explica que esse humanismo de Francisco se manifesta quando ele “sente a proximidade e as necessidades dos doentes, dos pobres, dos que vivem separados ou afastados”. “Esta profunda humanidade de Francisco é a reprodução da profunda humanidade de Jesus”, destaca. Para o teólogo, com suas ações e posições diante dos desafios do mundo de hoje, retomando sempre o Evangelho como ponto de partida, Francisco traz à luz o que de fato é essencial para ser cristão em nosso tempo. “O cristianismo é isto:

cada qual em seu trabalho, sua tarefa, sua vida. Mas tudo centrado em um ‘projeto de vida’, que é o mesmo projeto vivido por Jesus. O que mais necessitamos no mundo de hoje são homens e mulheres livres, focados em reproduzir o projeto de vida de Jesus”.

José María também critica a teologia de hoje que, segundo ele, segue presa à escolástica medieval. Lógica que talvez possa ser quebrada através do humanismo atualizado em Francisco. “Somente quando a Teologia sintonizar o ‘humano’ é que entrará na mesma sintonia que Jesus, Deus, a nossa humanidade e as necessidades atuais dos seres humanos”.

**José María Castillo** é teólogo espanhol, integrou a Companhia de Jesus até 2007. Entre suas produções mais recentes, destacamos *La religión de Jesús. Comentarios al Evangelio* (Desclée De Brouwer, 2017), *La laicidad del evangelio* (Desclée De Brouwer, 2014), *La Iglesia y los Derechos Humanos* (Desclée De Brouwer, 2007) e os três volumes *Teología Popular. A Boa-Nova de Jesus - Volume 1, Teología Popular. O Reinado de Deus - Volume 2 e Teología Popular. Os Últimos Dias de Jesus e o Futuro - Volume 3* (Loyola, 2016). De suas publicações em português, ainda destacamos *A Ética de Cristo* (Loyola, 1999) e *Deus e Nossa Felicidade* (Loyola, 2006)

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – O senhor tem dito que Francisco deu uma guinada ao papado. No que consiste essa guinada? E ela tem volta?**

**José María Castillo** – É fato que o papa Francisco deu um novo rumo à Igreja. Além disso, a cada dia vejo mais claramente que a nova “guinada” da Igreja não tem mais volta.

Principalmente, se considerarmos que a nova “guinada” da Igreja está apenas começando. É preciso certo tempo para estabelecer a solidez e a força de uma mudança de vida, de

## “Não estávamos acostumados a ver e a vivenciar a ‘religiosidade’ de maneira diferente”

convicções e de costumes, pois ainda não estávamos acostumados a ver e a vivenciar a “religiosidade” de maneira diferente, em uma nova e distinta forma.

### **IHU On-Line – O que distingue Francisco de outros pontífices?**

**José María Castillo** – A diferença ou distinção entre Francisco e os pontífices anteriores é que Francisco se posiciona como um Papa “mais humano”. Para entender a importância que isto tem e o que representa, é preciso considerar que a originalidade do cristianismo se encontra em seu Deus, que é um “Deus humanizado”. Porque a “encarnação” de Deus é a Sua “humanização”. O Deus transcendente (o Deus que nos “transcende” e, portanto, não pode ser conhecido a partir da condição “imane” do ser humano) nos é revelado e se comunica conosco através de Jesus de Nazaré. Isto é o que nos é dito em João 1, 18 (cf. João 1, 14). E mais claramente ainda em João 14, 8-11: em Jesus, enxergamos Deus. Em Jesus, aprendemos o que Deus quer e o que Deus rejeita. O mesmo foi dito em Mateus 11, 27 par. Da mesma forma que também foi afirmado em Filipenses 2, 6-7. E em Hebreus 1, 2.

Portanto, Jesus é a revelação de Deus. A “Encarnação de Deus” é a “Humanização de Deus”. Assim, não podemos conhecer Deus se nos limitarmos ao “sagrado”, ao “religioso”, ao “divino”, ao “infinito”... Tudo isso é apenas a “representação” que nós, a partir de nossa “imanência”, faze-

mos do “Transcendente”. O cristianismo afirma que conhecemos Deus em Jesus. Ou seja, o conhecemos por intermédio do Evangelho, em que Jesus ocupa papel fundamental e central. Então, Jesus é Deus. Mas é o Deus presente “no humano”, em um ser humano. Consequentemente, conhecemos Deus e o encontramos em um ser “perfeito em sua humanidade”, como definido pelo Concílio de Calcedônia<sup>1</sup> (no ano de 451. Denz-Hün. 301). O que é mais genial e original no papa Francisco é que, na medida em que ele é “mais humano”, esta mesma medida nos revela a Deus mais claramente.

### **IHU On-Line – Já há bastante tempo o senhor vem denunciando um empobrecimento da teologia. Como se deu esse processo? Até que ponto podemos afirmar que a proposta de Francisco de uma “Igreja em saída” é potente para promover uma renovação teológica?**

**José María Castillo** – A teologia se empobreceu porque continua dependendo das ideias fundamentais da Escolástica medieval. É a teologia que acabou sendo sistematizada nos séculos XII-XIII. A teologia que tinha como base ideológica a filosofia do helenismo do século V (a.C.) e que foi elaborada a partir da Te-

ologia de São Paulo. Mas acontece que Paulo não conhecia Jesus, nem se interessava pelo Jesus histórico. Paulo conhecia o Ressuscitado. Não conheceu o “ser humano” que foi o Jesus histórico.

A partir dessa fundação, a Teologia não pode ser atualizada. É e sempre será uma teologia estagnada e presa a um passado que não existe mais. Somente quando a Teologia sintonizar o “humano” é que entrará na mesma sintonia que Jesus, Deus, a nossa humanidade e as necessidades atuais dos seres humanos.

### **IHU On-Line – Ao colocar a Igreja de hoje em perspectiva aos dilemas do mundo contemporâneo, que conceito de cristão Francisco vem imprimindo?**

**José María Castillo** – Se nos concentrarmos no “Jesus do Evangelho”, logo fica claro que as três grandes preocupações de Jesus eram: 1. a saúde (relatos de cura); 2. a comida compartilhada (relatos de refeições e banquetes); 3. as relações humanas (sermões e parábolas). São as mesmas preocupações do papa Francisco. Este Papa sente a proximidade e as necessidades dos doentes, dos pobres, dos que vivem separados ou afastados. Esta profunda humanidade de Francisco é a reprodução da profunda humanidade de Jesus.

Por outro lado, nessas três grandes questões estão os grandes desafios e as enormes necessidades que a grande maioria da população mundial vive. Nem a política, o dinheiro ou a tecnologia resolvem esses problemas.

<sup>1</sup> **Concílio de Calcedônia:** concílio ecumênico realizado entre 8 de outubro e 1º de novembro de 451 na Calcedônia, cidade da Bitínia, na Ásia Menor. Foi o quarto dos primeiros sete Concílios da História do Cristianismo, onde foi repudiada a doutrina de Eutiques do monofisismo e declarando a dualidade humana e divina de Jesus, a segunda pessoa da Santíssima Trindade. Por não ter sido aceito por alguns movimentos cristãos ortodoxos, o Concílio deu origem à Igreja Copta e outras Igrejas nacionais. (Nota da **IHU On-Line**)

## **IHU On-Line – Em que medida podemos relacionar a teologia latino-americana com os posicionamentos tomados por Mario Jorge Bergoglio diante dos desafios do mundo de hoje?**

**José María Castillo** – A Teologia Latino-americana, centrada na Teologia da Libertação<sup>2</sup>, foi o movimento teológico mais importante vivido pela Igreja depois do Concílio Vaticano II<sup>3</sup>. Foi uma série de propostas e de ideias geniais. Hoje, temos uma espécie de insegurança e de medo de que toda aquela contribuição nova e inédita tenha perdido parte de sua originalidade. Na realidade, acho que teríamos de recuperar o que há de mais original (e desconcertante) que encontramos no conjunto dos relatos dos evangelhos: o ponto central do Evangelho não é a Fé, mas o Seguimento de Jesus.

Jesus tolerou as dúvidas, medos e obscuridades dos discípulos no que se refere à fé. Portanto, Jesus repreendeu os discípulos por sua pouca fé, seus medos e sua descrença. No entanto, ele tolerou

suas deficiências no que diz respeito à temática da fé. Jesus foi mais exigente no que se refere ao “Seguimento”. Diante de seu chamado, “Siga-me”, aqueles que eram chamados abandonavam tudo “imediatamente” e partiam com Jesus. Esses chamados ao “seguimento” envolviam um mistério: Jesus não dá explicações, não diz os motivos pelos quais fazia as convocações, não propõe um projeto ou estabelece condições. Ele apenas convoca. O próprio Jesus, por si só, é o chamado. Este consiste em abandonar tudo e colocar nas mãos de Jesus a segurança da vida.

O cristianismo é isto: cada qual em seu trabalho, sua tarefa, sua vida. Mas tudo centrado em um “projeto de vida”, que é o mesmo projeto vivido por Jesus. O que mais necessitamos no mundo de hoje são homens e mulheres livres, focados em reproduzir o projeto de vida de Jesus. O segredo da “sedução” do papa Francisco é que ele é um crente que segue Jesus. Por isso ele exerce a sedução que Jesus exercia.

## **IHU On-Line – Nesses cinco anos de pontificado de Francisco, para onde o clero está indo?**

**José María Castillo** – Há muitos clérigos que veem em Francisco o futuro da Igreja, para encontrar saídas para tantos problemas que temos. Mas também existem muitos clérigos-funcionários, que se tornaram parte do clero apenas para viver. E viver o melhor possível. Ser clérigo não é uma “dignidade”. É um “despojar-se” de tudo o que nos impede de sermos livres como o vento, como Jesus disse a Nicodemos.

## **IHU On-Line – Como o senhor interpreta as críticas e resistência a Bergoglio?**

**José María Castillo** – Só conseguem concordar com Bergoglio aqueles que enxergam claramente e se esforçam para seguir Jesus, tendo

o Evangelho no centro de suas vidas. Aqueles que não sentem isso, enxergarão perigo em Bergoglio. E não poderão suportá-lo.

## **IHU On-Line – Quais os temas que, apesar das guinadas de Francisco, ainda não avançaram na Igreja? E, especificamente quanto à figura de Bergoglio, quais são seus limites?**

**José María Castillo** – Falta muito a ser feito. Acima de tudo, manter a unidade da Igreja, tolerando cada vez mais para que todos os dias haja mais liberdade. Mas isso só será alcançado mediante uma religiosidade (espiritualidade) muito profunda. No momento, é urgente renovar o Direito Canônico, para que nele se encaixem os Direitos Humanos. Renovar a Liturgia também é urgente. As pessoas não entendem mais os rituais de mais de mil e quinhentos anos atrás.

## **IHU On-Line – O que o senhor ainda espera desse pontificado?**

**José María Castillo** – Há aqueles que desejam que o Papa suprima a lei do celibato, que permita que as mulheres sejam ordenadas sacerdotisas, que mude alguns cardeais etc. Mas não esqueçamos que, se houve tanta oposição por conta do problema dos divorciados, poderíamos temer razoavelmente que as decisões de maior envergadura pudessem causar uma cisma na Igreja. As pessoas “tradicionais” e “fanáticas” são muito perigosas e o Papa tem que governar de maneira a manter a Igreja unida. A melhor coisa que o Papa pode fazer é continuar vivendo o Evangelho, próximo daqueles que mais sofrem. Isso é o que pode mudar a Igreja e o mundo.

## **IHU On-Line – No início deste ano, o senhor recebeu um telefonema do Papa, que, mais tarde, gerou um encontro seu com ele realizado em abril.**

<sup>2</sup> **Teologia da Libertação**: escola importante na teologia da Igreja Católica, desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da **IHU On-Line**, de 2-4-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. Leia, também, a edição 404 da revista **IHU On-Line**, de 5-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em <http://bit.ly/SSVYTO>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5IsnsM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LiPrZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

## Como foi? O que mais lhe marcou nessa conversa<sup>4</sup>?

4 O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou a reportagem *Francisco telefona para José María Castillo, teólogo espanhol: "Quero lhe agradecer o que você está fazendo por mim"*, em que detalhe esse contato do Papa com o teólogo. O texto está disponível em <http://bit.ly/2KJDxUk>. Em 20-5-2018, o IHU também publica a reportagem *Papa reabilita teólogo espanhol. "Leio com prazer seus livros, que fazem muito bem às pessoas", disse Francisco a José María Castillo*, que narra o encontro entre

**José María Castillo** – Por iniciativa do próprio Papa, ele telefonou um dia para minha casa. O que mais me impressionou foi o que me disse quando conversei com ele em Santa Marta do Vati-

cano: "Siga escrevendo e publicando, pois isso faz muito bem para as pessoas". Nestas palavras de confiança, escutei que Deus se fia em mim. Por que não temos esse coração de bondade e humanidade? Se Deus se fia tanto em mim, não irei confiar em Deus? O seguimento de Jesus é a chave. ■

cano: "Siga escrevendo e publicando, pois isso faz muito bem para as pessoas". Nestas palavras de confiança, escutei que Deus se fia em mim. Por que não temos esse coração de bondade e humanidade? Se Deus se fia tanto em mim, não irei confiar em Deus? O seguimento de Jesus é a chave. ■

## Leia mais

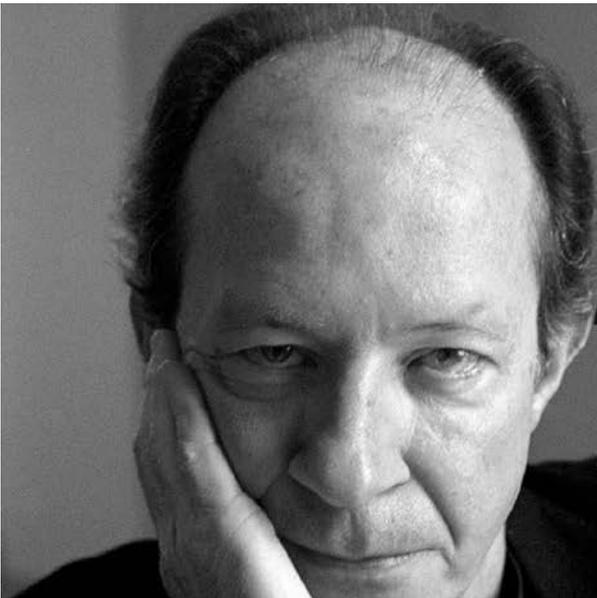
- **"Francisco assumiu definitivamente o caminho do Evangelho"**. Artigo de José M. Castillo, publicado nas Notícias do Dia de 16-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KL2jDz>.

- **Papa Francisco: poder ou exemplaridade?** Artigo de José María Castillo, publicado nas Notícias do Dia de 30-1-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2I8cPTT>.

- **"Somos pelagianos sem o saber?"** Artigo de José María Castillo, publicado nas Notícias do Dia de 13-4-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2wmHqLT>.

- **"A carta de dom Ladaria: Uma Igreja, para quê?"**. Artigo de José M. Castillo, publicado nas Notícias do Dia de 7-3-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2K1SXIU>.

- **"A religião estabelecida não suportou o Evangelho"**. Artigo de José María Castillo, publicado nas Notícias do Dia de 20-7-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KJF4K4>.



 [medium.com/@ihu](https://medium.com/@ihu)

**Giorgio Agamben**

A força de um pensamento que percebeu o traço profano da racionalidade moderna

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)

# Misericórdia: caminho para compreender os dilemas da Igreja no mundo

Para Daniele Menozzi, o pontificado de Francisco é centrado no Evangelho, que tem no seu núcleo o conceito de misericórdia, funcionando como um elo entre os dramas de hoje da humanidade e da cristandade

João Vitor Santos | Tradução: Ramiro Mincato

**D**urante muito tempo, a Igreja apostava numa ideia de unidade que era incrustada a partir de sua doutrina, que serviria para uma orientação absoluta das formas de vida. Isso valeu até a Modernidade, que realinhou as formas de saber e ler o mundo para muito além da tutela religiosa. Como reação à avalanche que a ameaça, a Igreja ensaia movimentos de modernização – vide o Concílio Vaticano II –, mas que parecem não ser assimilados. Para o historiador italiano Daniele Menozzi, o papa Francisco parece compreender melhor do que seus antecessores esses movimentos. “O núcleo fundamental da posição de Francisco em relação à sociedade contemporânea consiste na percepção de que a relação entre a Igreja e os homens não pode ser deduzida a partir de uma doutrina estabelecida a priori e considerada válida para todos os tempos e em todos os lugares”, analisa. O que não significa levar a relativismos. Pelo contrário, para o professor, é ter clareza de que a Igreja tem no Evangelho uma referência absoluta. “E Bergoglio entendeu que o Evangelho só pode ser compreendido e comunicado unicamente nos acontecimentos da história. A pretensão de estar fora e acima da história, como a Igreja fazia nos últimos dois séculos, significou a renúncia de estar em sintonia com o mundo contemporâneo”, completa.

Assim, Menozzi enfatiza que “o papa Francisco entendeu que nas condições da sociedade de hoje, a misericórdia constitui o núcleo profundo do Evangelho, que

encontra sua ressonância na vida coletiva marcada pela difusão de problemas dramáticos em nível planetário”. Segundo professor, é uma nova chave de leitura a própria doutrina que se apresenta. “Representa a maneira pela qual o Evangelho da misericórdia é variamente colocado em prática em contextos históricos e culturais concretos e específicos onde operam os cristãos”, destaca na entrevista concedida à **IHU On-Line** por e-mail.

O professor ainda pontua que, para Francisco, a tarefa essencial não é proclamar os princípios da lei natural, mas fazer do Evangelho algo compreensível a todos. “Bergoglio, em síntese, não questiona a tradicional assunção da razão moderna pela Igreja, mas privilegia a dimensão histórica em relação à dimensão doutrinal. Parece-me uma grande conquista para o catolicismo”, analisa.

**Daniele Menozzi** é professor catedrático de História Contemporânea, titular de História Contemporânea na Scuola Normale Superiore de Pisa, na Itália. Entre seus livros publicados, destacamos *Chiesa e diritti umani: Legge naturale e modernità politica dalla Rivoluzione francese ai nostri giorni* (Società editrice il Mulino, 2012); *Chiesa, pace e guerra nel Novecento: Verso una delegittimazione religiosa dei conflitti* (Società editrice il Mulino, 2012); e *I papi e il moderno. Una lettura del cattolicesimo contemporaneo* (Morcelliana, 2016).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quais foram as maiores transformações no catolicismo entre os séculos XIX e XX?**

**Daniele Menozzi** – O catolicismo dos séculos XIX e XX defrontou-se com o problema colocado pelo advento do mundo moderno.

Ao contrário do que acontecia na sociedade oficialmente cristã dos séculos precedentes, os homens agora queriam afirmar sua autonomia em

## “Para poder comunicar a mensagem do Evangelho às pessoas modernas, a Igreja deveria abrir um diálogo com elas”

relação à autoridade eclesiástica no que tange à organização da vida coletiva. Durante muito tempo, até o Concílio Vaticano II (1962-1965)<sup>1</sup>, a Igreja respondia a esse problema contrastando um modelo ideal da sociedade cristã às aspirações do homem moderno. Assim, afirmava que somente o retorno a um regime da cristandade, isto é, a uma sociedade obediente a diretivas eclesiásticas, poderia resolver o problema da coexistência civil.

No entanto, durante o século XX, ficou claro que essa orientação, enquanto fortalecia as instituições eclesiásticas ao redor da liderança romana, acabava afastando cada vez mais os fiéis da prática católica. Por isso, a maioria dos padres convocados ao Vaticano II, para discutir as dificuldades da Igreja no mundo contemporâneo, decidiu mudar de rumo. Para poder comunicar a mensagem do Evangelho às pessoas modernas, a Igreja deveria abrir um

diálogo com elas, baseado no reconhecimento dos aspectos positivos da modernidade.

O programa de atualização eclesial que João XXIII<sup>2</sup> confiou à assembleia ecumênica consistia essencialmente nisso. Tal programa geral deveria ser traduzido em prática. Não foi uma tarefa fácil. Havia, de fato, um problema fundamental: até que ponto a Igreja poderia aceitar a modernidade que tinha combatido até alguns anos antes? À pergunta foram dadas respostas muito diferentes, já durante o Concílio e, especialmente, no pós-concílio. As diferentes posições estão na origem dos confrontos que dividiram o catolicismo a partir do pontificado de Paulo VI<sup>3</sup>.

### IHU On-Line – Que desafios são impostos à Igreja no século XXI? Como o atual pontificado está respondendo a esses desafios?

**Daniele Menozzi** – Os desafios que o papa Francisco teve que enfrentar podem ser colocados em dois níveis diferentes.

Em um nível mais imediato está a pesada herança recebida do antecessor (que não por acaso se demitiu). Por um lado, as atitudes de

Bento XVI<sup>4</sup> geralmente suscitaram nos órgãos de comunicação de massa reações severamente críticas (naturalmente prescindindo daqueles programaticamente alinhados às posições apologéticas vaticanas). Isso provocava uma consequência bem precisa: a Igreja era geralmente percebida em termos fortemente negativos. Por outro lado, a crise era evidente tanto na cúria romana, atravessada por escândalos contínuos de fundo financeiro e sexual, quanto na comunidade eclesial, desorientada pelas atitudes do papa Ratzinger, que por um lado reiterava fidelidade ao Concílio Vaticano II, mas, por outro, dava abertura aos tradicionalistas anticonciliares, uma das principais linhas de seu governo.

Sobre estas questões imediatas, relacionadas ao legado de seu predecessor, o papa Francisco tentou algumas respostas incisivas: recuperar uma relação positiva com todos os profissionais de mídia através de uma grande reestruturação do sistema de informação do Vaticano; iniciou medidas, embora cautelosas, em vista de uma reforma da cúria romana; afirmou decisivamente a irreversibilidade da atualização eclesial promovida pelo Concílio.

O desafio mais importante que o papa Francisco terá que enfrentar, no entanto, se coloca em um nível mais amplo. As dificuldades da apli-

1 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II: 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5lsmM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LjPrZ>. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi canonizado em 2013 pelo papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

4 **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

cação do *aggiornamento* eclesial tornaram-se, no século XXI, ainda mais complicadas. O pontífice governa agora a Igreja na era denominada, por conveniência, de pós-moderna. Como anunciar o Evangelho a um homem que afirma sua própria autonomia, não só a respeito da organização da vida coletiva, mas também em todos os aspectos da vida individual, mesmo daqueles relacionados a estruturas profundamente antropológicas, como o do nascimento, identidade sexual, morte? Frente à dilatação das reivindicações de autodeterminação do sujeito, Bergoglio, consciente de que os métodos de diálogo com os homens contemporâneos até agora utilizados pela Igreja revelaram-se pouco eficazes, decidiu por um caminho novo.

#### **IHU On-Line – De que forma Francisco compreende a relação entre a Igreja e a sociedade? E como manifesta isso em seu pontificado?**

**Daniele Menozzi** – Parece-me que o núcleo fundamental da posição de Francisco em relação à sociedade contemporânea consiste na percepção de que a relação entre a Igreja e os homens não pode ser deduzida a partir de uma doutrina estabelecida a priori e considerada válida para todos os tempos e em todos os lugares. Isso não significa que a Igreja caia no relativismo, como pensam os tradicionalistas que se opõem veementemente ao pontífice. A Igreja tem o Evangelho como ponto de referência iniludível e absoluto. E Bergoglio entendeu que o Evangelho só pode ser compreendido e comunicado unicamente nos acontecimentos da história. A pretensão de estar fora e acima da história, como a Igreja fazia nos últimos dois séculos, significou a renúncia de estar em sintonia com o mundo contemporâneo.

São, afinal, os sinais dos tempos que nos permitem compreender os traços da mensagem evangélica que interceptam, em determinada situação histórica, as profundas questões humanas. O papa Francisco entendeu que nas condições da sociedade

de hoje, a misericórdia constitui o núcleo profundo do Evangelho, que encontra sua ressonância na vida coletiva marcada pela difusão de problemas dramáticos em nível planetário: a crescente pobreza material; as iminentes ameaças de guerra, até mesmo nucleares; as mesquinhas respostas nacionalistas às grandes ondas migratórias; a organização econômica marcada pela idolatria do lucro; a degradação ambiental aparentemente irreversível.

“Bergoglio, consciente de que os métodos de diálogo com os homens contemporâneos até agora utilizados pela Igreja revelaram-se pouco eficazes, decidiu por um caminho novo”

#### **IHU On-Line – Como compreender a concepção de Francisco acerca da Doutrina Social da Igreja<sup>5</sup>? Quais as novidades e continuidades da Doutrina So-**

5 Doutrina Social da Igreja – DSI: é o conjunto dos ensinamentos contidos na doutrina da Igreja Católica e no Magistério da Igreja Católica, constante de numerosas encíclicas e pronunciamentos dos papas inseridos na tradição multissecular, e que tem suas origens nos primórdios do cristianismo. Tem por finalidade fixar princípios, critérios e diretrizes gerais a respeito da organização social e política dos povos e das nações. É um convite à ação. A finalidade da doutrina social da Igreja é “levar os homens a corresponderem, com o auxílio também da reflexão racional e das ciências humanas, à sua vocação de construtores responsáveis da sociedade terrena”. (Nota da **IHU On-Line**)

#### **cial em Francisco?**

**Daniele Menozzi** – A Doutrina Social historicamente representava uma ideologia, inevitavelmente marcada pela subordinação da vida social às diretrizes da autoridade eclesiástica, com a qual a Igreja contrapunha um projeto de organização social cristã às propostas que vinham seja da ideologia liberal, seja da ideologia socialista. O programa de uma contrassociedade católica, portanto, parece difícil de conciliar com uma visão pastoral da Igreja, que Bergoglio propõe ao homem de hoje: um hospital de campo, onde os cristãos procuram tratar com a medicina da misericórdia as tantas feridas infligidas aos homens pela organização contemporânea da vida coletiva.

Parece-me que o papa Francisco procura, a este respeito, operar uma transição prudente do passado ao futuro: pretende manter o conceito de Doutrina Social, ainda seguida por grande parte do mundo católico, mas, ao mesmo tempo, se esforça para dar um impulso à sua transformação. Trata-se de certificar-se de que a Doutrina Social da Igreja não seja mais percebida como um sistema aplicável em todos os lugares, mas que representa a maneira pela qual o Evangelho da misericórdia é variamente colocado em prática em contextos históricos e culturais concretos e específicos onde operam os cristãos. Em síntese, acrescento à questão uma expressão do Papa: deve-se assegurar que os crentes não se sirvam da Doutrina Social para ocupar espaços, mesmo de poder, como ocorria no passado, mas para iniciar processos de mudança em diálogo com todos os homens de boa vontade.

#### **IHU On-Line – No que consiste a crítica do papa Francisco à razão moderna? E como o senhor observa essa crítica?**

**Daniele Menozzi** – A razão moderna tinha a pretensão ser absoluta: a apresentação da lei natural como norma universalmente válida é o re-

sultado mais evidente dessa afirmação. A Igreja, há muito, tomou essa postura, reivindicando ser a autêntica depositária da verdade absoluta a que chegava a razão moderna. Por exemplo, o papado dos séculos XVIII e XIX autoproclamava-se guardião e intérprete da lei natural.

O papa Francisco não abandonou essa perspectiva sustentada pelos seus antecessores, mas a redimensionou. Mudou a ordem das prioridades. Aos seus olhos, a principal tarefa da Igreja não é proclamar os princípios da lei natural, mas tornar a mensagem da salvação contida no Evangelho compreensível aos homens. Agora, para comunicar esta mensagem corretamente, precisamos conhecer os homens. Como a vida dos homens acontece ao longo do tempo, a história vem antes da razão abstrata. Bergoglio, em síntese, não questiona a tradicional assunção da razão moderna pela Igreja, mas privilegia a dimensão histórica em relação à dimensão doutrinária. Parece-me uma grande conquista para o catolicismo. Durante muito tempo a Igreja mostrou substancial desinteresse pela história, mas, por isso, pagou um preço bem salgado: a forte diminuição da sua capacidade apostólica e de sua eficácia pastoral.

**IHU On-Line – Como o senhor avalia a recepção dos documentos apostólicos desse pontificado para além da comunidade eclesial?**

**Daniele Menozzi** – Parece-me que o papa Francisco goza de amplo consenso fora do perímetro definido pela pertença católica. Não só pela sua forte capacidade de comunicação, não apenas verbal, mas pelos seus gestos e estilos comportamentais, que suscitam grande e simpática atenção geral. Nem é apenas pelo fato de o mundo contemporâneo carecer de líderes mundiais capazes de destacar os grandes problemas do planeta, aos quais todo mundo hoje é sensível.

Certamente Bergoglio atrai atenção planetária, porque é um dos poucos

homens de governo capaz de lidar com questões de interesse comum: globalização impulsionada pelo lucro, ecologia, migrações em massa, terceira guerra mundial em pedaços etc. Mas ele não é ouvido apenas por esse motivo. É ouvido fora da Igreja por outra razão: ele dirige-se aos não crentes sem a pretensão de convertê-los ao catolicismo, mas respeitando plenamente as convicções de cada um, pede para que se estabeleça um diálogo para juntos estudarem como resolver os grandes problemas que afetam a vida de todos. Desta forma, toca em uma profunda necessidade do mundo atual.

“O papa Francisco goza de amplo consenso fora do perímetro definido pela pertença católica”

**IHU On-Line – Em cinco anos de seu pontificado, Francisco realizou três encontros com movimentos sociais – em 2014 e 2016 em Roma e em 2015 na Bolívia<sup>6</sup>. O que podemos inferir destes movimentos do Papa?**

**Daniele Menozzi** – Parece-me que esses encontros manifestam uma das maneiras pelas quais se articula a nova relação entre Igreja e sociedade moderna que o papa Francisco pretende promover. Não se trata de

movimentos de caráter confessional, ao contrário, dentro deles operam também não crentes. Mas isso não impede que o Papa encoraje suas atividades. Francisco reconhece que esses movimentos partem de duas atitudes que podem ser plenamente compartilhadas pela ética cristã: por um lado, a observação de que a organização atual da vida coletiva não corresponde às exigências da justiça; por outro, o compromisso de identificar as formas mais adequadas para transformar essa situação desigual por meio de processos que estimulem a participação e a democracia.

Bergoglio, portanto, apoia as diretrizes básicas desses movimentos, mas ao mesmo tempo lhes deixa plena autonomia para determinar concretamente os objetivos e as formas de ação. Em suma, o Papa não intervém para limitar, à luz da doutrina da Igreja, a autodeterminação dos sujeitos sociais produzidos na história. Acompanha-os e os apoia, enquanto buscam a mudança de uma estrutura social julgada iníqua, deixando para sua dinâmica interna a tarefa de escolher os caminhos apropriados para esse fim.

**IHU On-Line – Entre os três encontros com movimentos sociais, o mais significativo foi o de La Paz, na Bolívia? Como o senhor interpreta o discurso feito nesta ocasião?**

**Daniele Menozzi** – Nesta ocasião, o papa Francisco esclareceu muito bem quais são os problemas da atual organização da vida coletiva em nível planetário: falta de teto, terra e trabalho (os três “t” dos movimentos populares), que impedem a conquista da dignidade plena para muitos homens, é atribuída a um único fator: a idolatria do lucro. Mas Bergoglio não se limitou ao diagnóstico da situação atual, também insistiu que a mudança é possível, e que essa mudança está relacionada com o desenvolvimento de uma cultura do diálogo fraterno entre os homens, principalmente entre os pobres, os excluídos, os desempregados, os trabalhadores explorados, enfim, entre

6 O IHU, na seção Notícias do Dia de seu sítio, publicou uma série de textos sobre esses encontros. Entre eles “Quando eu falo de terra, teto e trabalho, dizem que o papa é comunista”. Discurso de Francisco aos movimentos populares, disponível em <http://bit.ly/219IGor>; “Esta economia mata. Precisamos e queremos uma mudança de estruturas”, afirma o Papa Francisco, disponível em <http://bit.ly/2ruKTDi>; e “Há um terrorismo de base que emana do controle do dinheiro sobre a terra”. A íntegra do discurso do Papa Francisco aos Movimentos Populares, disponível em <http://bit.ly/2fX3QeA>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da IHU On-Line)

todos os afetados pela globalização econômica. Os movimentos populares oferecem um exemplo desse encontro fraterno.

Nesta ocasião, o pontífice também lembrou que a unidade entre todos os povos é uma condição para a obtenção de uma estrutura que substitua a dominação do dinheiro pela justiça e a paz. Ele disse que no passado a Igreja nem sempre foi capaz de promover esse objetivo, por exemplo, apoiando iniciativas coloniais; mas acrescentou que hoje ela consegue entender que a unidade não significa uniformidade. Ele, assim, projetou no plano social a imagem do “poliedro”, que tinham usado em outra ocasião para o âmbito eclesiológico: trata-se de realizar uma forma de convivência entre os povos, que garanta uma unidade embasada na pluralidade, de modo que cada um deles possa manter sua identidade cultural.

46

### **IHU On-Line – Quais são as maiores fragilidades e desafios deste pontificado?**

**Daniele Menozzi** – Naturalmente, é difícil julgar um pontificado em andamento. Faltam, inevitavelmente, muitos elementos para formular um julgamento bem fundamentado. No entanto, muito esquematicamente, colocaria dois problemas. Em primeiro lugar, o Papa, como eu disse a propósito da Doutrina Social, iniciou uma transição do tradicional projeto de reconstrução da sociedade sob a guia eclesial para uma presença dos crentes na história baseada na misericórdia evangélica. Nesta trajetória, obviamente, permanecem elementos ligados ao passado. A persistência de incrustações e resíduos da tradição oitocentista e novecentista constituem uma dificuldade que enfraquece o caminho do pontificado.

A segunda questão é talvez ainda mais relevante: Francisco propõe um novo modelo de relação entre Igreja e história dos homens, mas o faz dentro das estruturas e instituições de uma igreja ligada ao modelo anterior, estabelecidas no século

XVI, seguindo o Concílio de Trento<sup>7</sup>. É claro que o Papa se concentra na transformação dos corações, e não na mudança institucional, acreditando que a segunda seguirá a primeira. Permanece o problema, contudo, de realizar uma novidade com os instrumentos herdados da era da Contrarreforma<sup>8</sup>.

“Certamente Bergoglio atrai atenção planetária, porque é um dos poucos homens de governo capaz de lidar com questões de interesse comum”

**IHU On-Line – Que leitura é possível fazer a partir das críticas a Francisco dentro e fora da Igreja?**

**Daniele Menozzi** – As resistências às mudanças propostas por

Francisco são de vários tipos. Obviamente, toda mudança provoca resistência daqueles que querem preservar as condições atuais. Mas, além dos círculos católicos conservadores, parece-me que a resistência mais relevante pode ser encontrada em duas áreas, frequentemente entrelaçadas. Há alguns (e entre eles até mesmo alguns cardeais idosos) que acusam o Papa de heterodoxia, aproximando-se das posições dos tradicionalistas anticonciliares. Trata-se de uma posição que projeta na grande Tradição católica concepções amadurecidas na Igreja nos últimos séculos: são católicos desprovidos de senso histórico, porque, ao invés de tomarem o caminho de dois mil anos de cristianismo, elevam a valor eterno e imutável o rosto da Igreja de Roma do Concílio de Trento em diante.

A segunda resistência vem daqueles que acusam o Papa de ter sucumbido ao comunismo: são os que querem preservar privilégios e interesses e, por isso, não podem aceitar uma igreja que, ao invés de defender as situações vantajosas em que vivem, assim como ocorria no passado, pretende promover processos de mudança em favor de uma autêntica justiça nas relações entre os homens. Deve-se notar aqui que, apesar de repetidos pedidos, Bento XVI, até agora, rejeitou a tentativa dos círculos que visavam torná-lo o ponto de referência das acusações dirigidas a Francisco.

**IHU On-Line – O senhor trabalha com o tema do totalitarismo, especialmente no livro *Cattolicesimo e totalitarismo. Chiese e culture religiose tra le due guerre mondiali* (Morcelliana, 2004). Hoje, em todo o mundo, estamos vendo um aumento de perspectivas mais totalitárias. Como o senhor avalia a posição da Igreja de hoje diante desse cenário?**

**Daniele Menozzi** – Mais do que o reaparecimento de perspectivas totalitárias – que não faltam, basta pensar ao serpentear, em diversos países, incluindo os europeus, de convocações ao racismo e ao antissemitismo

<sup>7</sup> **Concílio de Trento:** realizado de 1545 a 1563, foi o 19º concílio ecumênico. Foi convocado pelo papa Paulo III para assegurar a unidade da fé (sagrada escritura histórica) e a disciplina eclesial, no contexto da Reforma da Igreja Católica e a reação à divisão então vivida na Europa devido à Reforma Protestante, razão pela qual é denominado como Concílio da Contrarreforma. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> **Contrarreforma:** nome dado ao movimento que foi criado pela Igreja Católica a partir de 1545, e que, segundo alguns autores, teria sido uma resposta à Reforma Protestante (de 1517) iniciada por Lutero. Em 1545, a Igreja Católica Romana convocou o Concílio de Trento (na cidade italiana de Trento) estabelecendo entre outras medidas, a retomada do Tribunal do Santo Ofício, a criação do *Index Librorum Prohibitorum*, com uma relação de livros proibidos pela Igreja e o incentivo à catequese dos povos do Novo Mundo, com a criação de novas ordens religiosas, dentre elas a Companhia de Jesus. Outras medidas incluíram a reafirmação da autoridade papal, a manutenção do celibato eclesial, a reforma das ordens religiosas, a edição do catecismo tridentino, reformas e instituições de seminários e universidades, a supressão de abusos envolvendo indulgências e a adoção da Vulgata como tradução oficial da Bíblia. Podemos dizer que a Contrarreforma foi uma resposta direta à Reforma Protestante. (Nota da **IHU On-Line**)

– penso que estamos testemunhando a volta, no Velho Continente, mas também fora dele, dos exclusivismos de base nacionalista. A Igreja não tem, a respeito disso, um passado exemplar: na primeira metade do século XX, de fato, pensou poder controlar as regurgitações nacionalistas distinguindo entre um nacionalismo moralmente lícito e outro moralmente ilícito, sem se dar conta de que, desta forma, fornecia, ainda que indiretamente, legitimação aos impulsos nacionalistas, afrouxando nos fiéis a capacidade de reconhecer a radical incompatibilidade entre cristianismo e nacionalismos.

Parece que Bergoglio seja estranho a essa tradição eclesiástica. Seu ensino fundamenta-se na pro-

clamação da dignidade de cada pessoa humana, criada à imagem e semelhança de Deus. Dessa premissa faz depender tanto a igualdade de todos os homens – que têm, portanto, idênticos direitos inalienáveis e imprescritíveis, independentemente da pertença religiosa, étnica, cultural etc. – como a inextinguível irmandade entre eles. Parece-me que este seja um antídoto importante à exumação de respostas nacionalistas e autoritárias nos momentos de crise econômica e social dramática, como ocorreram após a Grande Guerra (fascismo), ou depois da Grande Depressão de 1929 (Nazismo).

Naturalmente, não se sabe se o antídoto será eficaz, porque o real co-

nhecimento da história foi a última coisa com que se preocuparam os governos das décadas recentes, caracterizados por escasso nível político e cultural. Mas, pelo menos, pode-se pensar que as políticas nacionalistas não mais possuem o apoio da Igreja de Roma.

### **IHU On-Line – Deseja acrescentar algo?**

**Daniele Menozzi** – Somente os auspícios para que a linha de renovação eclesial, perseguida pelo papa Francisco, possa superar as diversas formas de resistência que encontra, nos vários níveis, e descubra caminhos para uma completa realização. ■

## Leia mais

- **Com Francisco, atualização ou declínio da doutrina social da Igreja?** Artigo de Daniele Menozzi, reproduzido nas Notícias do Dia de 12-12-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2rvnGkn>.

- **Depois de qual história da Igreja.** Artigo de Daniele Menozzi, reproduzido nas Notícias do Dia de 20-12-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2KP89UM>.

- **Como nasceu a categoria interpretativa da Grande Guerra.** Artigo de Daniele Menozzi, reproduzido nas Notícias do Dia de 5-12-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2rBio7d>.

Ciclo de debates

## **Desigualdades no contexto econômico brasileiro**

**02 de abril a 07 de novembro de 2018**

Profa. Dra. Marta Arretche – USP

Profa. Dra. Clitia Martins – FEE – RS

Profa. Dra. Angélica Massuquetti – Unisinos

Prof. Dr. Róber Iturriet Avila – UFRGS

Profa. Dra. Tatiana Roque – UFRJ

Prof. MS Márcio Eloir Schweig – Unisinos

Prof. Dr. Pedro Herculano de Souza – IPEA – Brasília – DF

Prof. Dr. Carlos Paiva – FEE – RS e FACCAT – RS

Prof. Dr. Christian Laval – Université Paris Nanterre – França

Prof. Dr. Pierre Dardot – Université Paris Nanterre – França

Prof. Dr. Marcelo Medeiros – IPEA – Brasília – DF e UnB



# Bergoglio e o a Igreja diante dos desafios globais de nosso tempo

Gianni Valente analisa como a ideia de “Igreja em saída” de Francisco impulsiona à tarefa de “desfazer nós” também no cenário político internacional

João Vitor Santos | Tradução: Ramiro Mincato

**A**nalistas do “mundo Vaticano” apontam como novidade no pontificado de Francisco sua perspectiva de “Igreja em saída”. Para o jornalista e historiador Gianni Valente, tal perspectiva é, na verdade, uma retomada da essência. “Quando o papa Francisco fala de ‘Igreja em saída’, ele não quer indicar um projeto de estratégia eclesial. Simplesmente, quer lembrar qual é a natureza própria da Igreja”, pontua. Ele ainda explica que “não se trata de inventar nada, mas simplesmente de viver, de modo frutífero e criativo, os gestos e práticas mais comuns da vida eclesial”. É um conceito que pode estar por trás de movimentos que têm colocado esse pontificado em destaque no cenário geopolítico. “Francisco vê, nos cenários internacionais e geopolíticos, como próprio da Igreja a tarefa de ‘desfazer nós’, de facilitar caminhos e soluções, de ajudar processos de prevenção e desarmamento de conflitos”, avalia Valente.

Entretanto, o jornalista e historiador faz questão de destacar: “Francisco não parece buscar projetos geopolíticos pessoais”. Afinal, outra ponta da “Igreja em saída” é não estar centrada em si. “Precisamente por isso, os líderes dos países mais díspares escutam-no pela sabedoria de suas respostas, sempre atento ao bem de todos”, justifica. Valente também analisa, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**,

que a voz de Bergoglio tem despertado atenção inclusive de chineses. “O papa Francisco não pode ser engessado no clichê de ‘capelão do Ocidente’. Ele expressa uma leitura da globalização que certamente pode interessar aos chineses”, dispara. Isso porque “pela primeira vez, em termos tão claros, a ação e a presença do Papa e da Santa Sé em cenários globais podem não ser percebidas na China apenas como um aspecto religioso das estratégias geopolíticas do Ocidente sob a orientação Norte atlântica”. É, para ele, a clareza de que “a Igreja está presente no mundo – assim Bergoglio repete em linha com toda a Tradição – somente para facilitar o encontro de homens e mulheres com Cristo”.

**Gianni Valente** é jornalista e historiador italiano. Formado em história religiosa do Oriente cristão. Foi editor da revista internacional “30Giorni”, onde publicou textos sobre a vida das comunidades cristãs da China, Rússia e em países da América Latina e Oriente Médio. Atualmente é editor da Agência Fides, órgão de informação das Pontifícias Obras Missionárias. Colabora as publicações italianas “Limes”, “Vatican Insider” e “La Stampa”. Entre seus livros, destacamos *Il Tesoro che fiorisce. Storie di cristiani in Cina* (Roma: San Paolo, 2002) e *Ratzinger al Vaticano II* (Roma: Edizioni San Paolo, 2013).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Desde os primeiros movimentos em seu pontificado, Francisco defende a necessidade de se constituir uma “Igreja em saída”.**

**Passados cinco anos, que ideia de Igreja em missão se constituiu nesse pontificado? Quais os avanços e limites dessa perspectiva?**

**Gianni Valente** – Quando o papa Francisco fala de “Igreja em saída”, ele não quer indicar um projeto de estratégia eclesial. Simplesmente, quer lembrar qual é a natureza pró-

## “Quando o papa Francisco fala de ‘Igreja em saída’, ele não quer indicar um projeto de estratégia eclesial”

pria da Igreja, assim como o próprio Cristo a constituiu. A Igreja está, por natureza, “em saída” de si mesma, e essa dinâmica genética não é esforço de design, mas efeito da obra da graça de Cristo: o próprio Cristo, com sua graça, “atrai” a Igreja para sair de si, para não ficar inclinada sobre si mesma.

A Igreja “sai” de si mesma quando segue a Cristo pelas estradas do mundo. Quando quase se “esquece” de si mesma, para seguir a Cristo, com a mesma dinâmica daqueles que fizeram a experiência de apaixonar-se. Somente seguindo a Cristo a Igreja pode “sair de si” e libertar-se da tentação da autorreferencialidade, segundo a intuição também formulada pelos bispos latino-americanos na Assembleia de Aparecida<sup>1</sup>.

Portanto, a imagem da “Igreja em saída” nada tem a ver com a pretensão de “recuperar” vidas despedaçadas das multidões urbanas, inventando, quem sabe, algum tipo de projeto missionário sofisticado. Para o papa Bergoglio não se trata de inventar nada, mas simplesmente de viver, de modo frutífero e criativo, os gestos e práticas mais comuns da vida eclesial. Por isso, ele não fala

tanto de “nova evangelização”, mas repete que é melhor viver “de maneira missionária” todas as atividades mais comuns da Igreja, a partir do cuidado pastoral dos sacramentos. O horizonte é estimular, facilitar o encontro de cada pessoa com Cristo, que é viva e operacional, e – esta é uma imagem querida de Bergoglio – bate de dentro para “sair”, ele não quer ficar “fechado” na Igreja.

### A recepção de quem vive “no campo”

O próprio Cristo quer “sair” para encontrar os homens e o mundo. Não somos nós que “levamos Cristo” aos outros. A missão da própria Igreja é obra de Cristo. Na minha opinião, essas sugestões do papa Francisco sobre a natureza da Igreja e a dinâmica da missão foram imediatamente reconhecidas por muitos agentes pastoraes que vivem sua vida “no campo”, em todos os cinco continentes. Estes se sentiram certamente confortados pelas palavras do Papa, e encontraram nelas novo ímpeto.

### Resistências e interpretações

Em vez disso, em muitas estruturas da “burocracia” eclesial, e até mesmo nos muitos discursos que inundam os meios de comunicação em torno à “personagem” do papa Francisco, parece-me que, muitas vezes, até mesmo as sugestões do Papa a respeito da “Igreja em saída”, e a respeito de ir “às periferias”, são reduzidas a slogans de um novo conformismo clerical, que os esvazia, deturpa ou manipula seu conteúdo. Fazem delas

simplesmente uma “nova versão”, com acentos latino-americanos, da retórica sobre a “Nova Evangelização” cultivada nos tempos do papa João Paulo II<sup>2</sup>. Fala-se de “Igreja em saída”, interpretando-a como nova forma de “protagonismo” eclesial autorreferencial (“sair” para “conquistar o espaço”). Enquanto isso, a insistência na necessidade da “Igreja em Saída” torna-se estéril, não produz nenhum fruto, e corre o risco até mesmo de tornar-se uma nova “linguagem” para novas formas de narcisismo clerical.

### IHU On-Line – Que relações podemos estabelecer entre as críticas de Francisco ao clericalismo e sua insistência para se conceber uma Igreja fora de si mesma?

**Gianni Valente** – Exatamente a redescoberta da natureza própria da Igreja – como realidade “descentralizada” de si mesma, que não vive de luz própria, mas da luz da graça de Cristo, e que, por isso, somente pode ser ela mesma quando fora da “autorreferencialidade”, quando não voltada para si mesma, quando “sai” de si mesma – tudo isto ajuda, exata-

<sup>1</sup> **Conferência de Aparecida:** V Conferência Geral Do Episcopado Latino-Americano e do Caribe - Aparecida, 13-31 de maio de 2007 - Documento Final - em <http://bit.ly/1B1i0dM>. V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe, ou Conferência de Aparecida, foi inaugurada pelo Papa Bento XVI, em Aparecida, no dia 13 de maio e encerrou-se no dia 31 de maio de 2007. O tema da V Conferência foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”, inspirado na passagem do Evangelho de João que narra “Eu sou o Caminho, a Verdade e a Vida” (Jo 14,6). Sobre essa Conferência leia a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-6-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência* e disponível em <http://bit.ly/gGMpe4>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslovo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

mente, a perceber que o clericalismo trai a natureza da Igreja, representa uma traição da sua natureza.

Em síntese, na origem da denúncia do carreirismo e do clericalismo eclesiástico não encontramos um abstrato furor moralista e rigorista, mas o efeito do impulso que quer colocar em evidência e respeitar a verdadeira natureza da Igreja. Nesse sentido, o desejo de libertar-se do carreirismo e do clericalismo é consequência. Traz à tona sua natureza autêntica, pois, como “efeito”, são desmascarados e desautorizados os mecanismos usados pelo clericalismo carreirista, que desfigura o rosto da própria Igreja.

## “Clericalismo trai a natureza da Igreja, representa uma traição da sua natureza”

50

### IHU On-Line – Quais são as maiores resistências a este pontificado?

**Gianni Valente** – As resistências maiores vêm dos aparelhos mediático-clericais, espalhados principalmente pela Europa e por muitos países da América, ligados entre si em “rede” global – que nas últimas décadas distorceram o cristianismo, transformando-o em uma espécie de ideologia religiosa identitária. Como com outras contrafações ideológicas desenvolvidas no passado, a atual ideologia “*cristianista*” – assim a definiu o filósofo francês Rémi Brague<sup>3</sup> – é estranha às dinâmicas pró-

<sup>3</sup> **Rémi Brague** (1947): filósofo especialista em filosofia medieval árabe, judaica e cristã. É professor emérito de filosofia da Universidade Paris I Panthéon-Sorbonne e da Universidade de Munique Ludwig-Maximilians. Desde 2009 é membro da Académie des Sciences Morales et Politiques e da Academia Católica da França. Em 2012 foi um dos ganhadores do Prêmio Ratzinger de teologia. O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou inúmeros artigos de Brague. Entre eles *Dilemas sobre o curso da história. A armadilha dos valores*, disponível em <http://bit.ly/2lTtqgD>; e *Europa e cristianismo*, disponível em <http://bit.ly/2lVutxL>. Ele também concedeu a entrevista *É um absurdo o homem querer criar algo que o ultrapassasse*, publicada na revista IHU On-Line número 200, disponível em <http://bit.ly/2lZlNlZ>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

prias – ou seja, sacramentais – do acontecimento cristão, embora use como “bandeiras próprias” palavras e fórmulas da grande herança da história e tradição cristãs.

Nos discursos e operações desta ideologia desapareceram todas as referências à ternura de Cristo, à ação suave de sua graça, que trabalha misteriosamente no segredo dos corações. Referências ao cristianismo servem apenas para alimentar batalhas culturais, reivindicando um orgulho ideológico “muscular”: pretende-se dar consistência ao conteúdo cristão e à própria memória de Cristo enrijecendo-os – precisamente – em ideologia. Lançam contra o papa Bergoglio acusações doutrinárias, difamam-no como um Papa que renuncia a apresentar as verdades cristãs, mas, na realidade, atacam o Papa só porque não podem suportar o que ele sempre diz, ou seja, que a Igreja não é autossuficiente, mas depende, em cada passo, e em cada manifestação, da Graça de Cristo. Repetindo isso, Francisco não repete outra coisa senão as palavras de Jesus aos seus discípulos: “sem mim nada podeis fazer”. Mas é precisamente isso que os amantes das novas ideologias identitárias querem negar e ocultar: Cristo.

### IHU On-Line – Até que ponto Francisco, tido como reformador, progrediu no sentido de mudar a Cúria Romana nestes cinco anos?

**Gianni Valente** – A sugestão e o critério indicado pelo papa Francisco é de respeitar a natureza própria da Igreja, e, portanto, libertá-la, por quanto possível, de qualquer autorreferencialidade, de toda tendência autocelebrativa, de cada impulso que procura aumentar seu próprio poder e sua própria glória “mundana”. Estes critérios deveriam, em teoria, produzir simplificação, flexibilização das estruturas da Cúria Ro-

maná, que, por natureza, são apenas instrumentos colocados para ajudar o Papa em seu ministério, e não devem ser concebidos como uma espécie de “super-Central” da Igreja universal.

Os resultados do processo de reforma da Cúria Romana só poderão ser avaliados a longo prazo, medindo os efeitos produzidos. Mas, se tenho que ser sincero, alguns dos processos de reforma implementados na Cúria Romana não parecem inspirados nos critérios sugeridos pelo papa Francisco. Eles usam ferramentas, métodos e palavras de ordem típicas dos mecanismos de renovação institucional de aparatos de empresas mundanas, das “*companies*” internacionais. Os Dicasterios<sup>4</sup> romanos, em vez de perseguir a magreza de “substância”, são fundidos com lógicas que, com o tempo, os levarão a uma redução de pessoas, mas, entretanto, os transformarão em superministérios revestidos de “maior importância”, *centrais-moloch* mais eficientes no exercício das próprias reivindicações para dirigir a Igreja universal, de acordo com os cânones mais atuais do *business organization* de empresas.

Penso, de modo particular, nas reformas econômicas concentradas no IOR<sup>5</sup>, e naquela dos Meios de Comunicação do Vaticano. No primeiro caso, na catastrófica fase inicial, as comissões e os organismos instrutores, aos quais foi confiada a reforma, foram infiltrados por agentes de todas as corporações e empresas de consultoria que marcham no ritmo da globalização financeira liderada pelo Atlântico Norte (McKinsey, Promontory, Erns<Young, KPMG).

<sup>4</sup> **Dicasterio**: espécie de departamentos do governo da Igreja Católica que compõem a Cúria Romana. Entre os dicasterios estão: a Secretaria de Estado, as congregações, os tribunais eclesiais, conselhos, escritórios, comissões e comitês. O Papa delega a cada dicasterio uma função do governo. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>5</sup> **Instituto de Obras Religiosas** - IOR: vulgarmente conhecido como o “Banco do Vaticano”, é um Instituto Pontifício de Direito Privado, criado em 1942 pelo Papa Pio XII e baseado na Cidade do Vaticano. É muitas vezes erroneamente considerado o banco central da Santa Sé, uma tarefa realizada pela Administração do Patrimônio da Sé Apostólica - Apsa. O IOR tem se envolvido repetidamente em escândalos, financeiros e outros, entre os quais se destacam “o caso Sindona” e o banco do Banco Ambrosiano. Desde 2010, o Instituto iniciou uma série de reformas com o objetivo de tornar as estruturas e regulamentações mais transparentes e acabar com quaisquer práticas ilícitas. (Nota da **IHU On-Line**)

No caso dos Meios de Comunicação, sob a direção do “monsieur-manager”, está em desmantelamento progressivo uma estrutura que girava em torno da Rádio Vaticana, e que representava uma rede capilar de informação livre, inclusive dos laços da audiência e da publicidade; fonte confiável de notícias sobre o Papa, sobre a Igreja e os eventos do mundo, com uma equipe de trabalho internacional e um patrimônio precioso e vital de competências. Perdem-se riqueza e originalidade no terreno da formação, e privilegiam-se estratégias construídas para alimentar a “personagem midiática” do Papa.

### **IHU On-Line – Quais são os desafios da Igreja de hoje na China? Como compreender as relações da Santa Sé com este país?**

**Gianni Valente** – Na minha opinião, o maior obstáculo no caminho para China não são o controle prepotente, às vezes exercido pelas autoridades políticas sobre a vida da Igreja, mas as divisões e contraposições dentro da própria Igreja, entre as comunidades chamadas “oficiais” e as chamadas “clandestinas”, que não aceitam submeter-se à política religiosa governativa. A história das relações com a China é longa e complicada, e sempre representou um ponto de interesse primário para a Igreja de Roma. O desejo de levar o anúncio do Evangelho ao grande povo chinês sempre foi um dos grandes sonhos do impulso missionário da Igreja Católica, mesmo em eras passadas. Para entender o que está em jogo nas relações da Santa Sé com o governo chinês, é preciso levar em conta tudo isso, ter uma “ampla perspectiva”, mais que fixar-se em episódios recentes ou incidentes particulares.

### **IHU On-Line – Como o senhor avalia as ações de Francisco em relação à tentativa de se aproximar da China?**

**Gianni Valente** – O papa Francisco leva adiante, com ênfase pas-

toral, a mesma abordagem dos últimos papas com relação à questão da Igreja na China. Houve várias fases, momentos dramáticos, *acidentes no caminho*, que também recentemente, *tantas vezes, confundiram as águas e reabriram feridas*. Mas, ao mesmo tempo, houve também uma *progressiva limpeza* da percepção sobre as reais condições do catolicismo na China, da parte da Santa Sé.

Todos os últimos pronunciamentos dos papas sobre a China compartilham as mesmas prioridades e a mesma perspectiva. Especialmente nos últimos 20 anos, o pedido mais premente dos papas aos católicos chineses é o de acabar com as fraturas entre áreas eclesiais divididas e opostas por causa da política religiosa chinesa. No que diz respeito às relações com as autoridades chinesas, o papa Ratzinger<sup>6</sup>, em sua “Carta aos católicos chineses”<sup>7</sup>, de 2007, havia dito que, de qualquer modo, você não pode continuar a perpetuar um conflito entre a Igreja e o governo de Pequim, e também auspicava “para que se encontre um acordo em resolver algumas questões relativas à escolha de candidatos para o episcopado” naquele País.

O papa Francisco diz que aquela Carta mantém sua validade, e também hoje, representa o texto de referência. Dentro desta continuidade, obviamente é preciso registrar também que as sugestões pastorais mais recorrentes de Francisco estão despertando fecundidade na vida concreta das comunidades católicas chinesas, das quais poucos até agora tomaram conhecimento. Todos os dias os católicos chineses podem receber o magistério ordinário do Papa, a começar pelas homilias das missas celebradas de manhã na capela Santa Marta, de sua residência. Por exemplo, o Ano Santo da Misericórdia<sup>8</sup>, lançado pelo papa Fran-

cisco, foi vivido com grande intensidade por inúmeras comunidades católicas da China.

“Alguns dos processos de reforma implementados na Cúria Romana não parecem inspirados nos critérios sugeridos pelo papa Francisco”

### **IHU On-Line – Até que ponto é conveniente para a China aliar-se ao pontificado de Francisco em sua busca de protagonismo geopolítico?**

**Gianni Valente** – Talvez, pela primeira vez, em termos tão claros, pelo menos nos últimos séculos, a ação e a presença do Papa e da Santa Sé em cenários globais podem não ser percebidas na China apenas como um aspecto religioso das estratégias geopolíticas do Ocidente sob a orientação Norte atlântica. O papa Francisco não pode ser engessado no clichê de “capelão do Ocidente”. Ele expressa uma leitura da globalização que certamente pode interessar aos chineses.

É claro, o interesse e a curiosidade dos aparelhos chineses são estimulados pelo olhar crítico do Papa ao modelo de desenvolvimento global.

<sup>6</sup> **Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> Acesse a íntegra do documento em <http://bit.ly/2IoSpdu>. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>8</sup> **Jubileo da Misericórdia** (Ano Jubilar): anunciado pelo

papa Francisco em 13 de março de 2015, o “jubileu extraordinário” é centrado na “misericórdia de Deus”. Teve início a 8 de dezembro desse ano e percorreu todo o ano de 2016. O Ano Jubilar é uma comemoração religiosa da Igreja Católica, celebrada dentro de um Ano Santo, mas o que difere deste é que a celebração jubilar é feita de 25 em 25 anos. A celebração cristã se fundamenta na Bíblia, tanto no Antigo Testamento, de onde temos a tradição judaica como no Novo Testamento. (Nota da **IHU On-Line**)

Os comunistas chineses aceitaram e abraçaram a globalização capitalista como plano para retirar centenas de milhões de concidadãos da pobreza. Mas os setores mais sagazes sentem vertigem diante de um possível resultado catastrófico dos processos em andamento (por exemplo, em termos de devastação ambiental, sobre o conflito interno, com os vizinhos e as outras potências globais, sobre a desarticulação dos laços familiares e sociais varridos na busca desenfreada de enriquecimento). Quando o Papa fala de um sistema desenvolvimentista construído em torno à idolatria do dinheiro, que gera a cultura do descartável, que já não precisa do trabalho dos homens, que produz guerras para vender armas, os líderes chineses percebem que está falando também sobre eles, das suas preocupações, seus fantasmas, dos seus remorsos removidos.

52

“O papa Francisco não pode ser engessado no clichê de “capelão do Ocidente”

**IHU On-Line – Bergoglio pode ser visto como um dos princi-**

**pais atores do cenário geopolítico de hoje? Por quê? E como seu protagonismo global difere dos outros papas?**

**Gianni Valente** – A Igreja está presente no mundo – assim Bergoglio repete em linha com toda a Tradição – somente para facilitar o encontro de homens e mulheres com Cristo. O papa Francisco vê, nos cenários internacionais e geopolíticos, como próprio da Igreja a tarefa de “desfazer nós”, de facilitar caminhos e soluções, de ajudar processos de prevenção e desarmamento de conflitos. Assim, a Igreja dirigida por Francisco também se coloca no cenário das relações internacionais, permanecendo, por natureza, distinta dos sujeitos geopolíticos e respeitando autoridade, função e competência, sem invasão do campo. Isso explica, pelo menos em parte, a atenção e a embrionária abertura de crédito que o papado de Bergoglio acendeu, de maneira transversal, entre os sujeitos geopolíticos mais díspares.

Neste sentido, a sensibilidade bergogliana parece diferenciada daquela encontrada nos pontificados “geopolíticos” de Pio XII<sup>9</sup> – que repropôs a ligação Ocidente e Cristianismo como ponto de partida para uma civilização devastada pela barbárie totalitária e pelo morticínio da guerra – e João

Paulo II, o Papa de 1989, da Igreja “força motriz” da queda do Muro [de Berlim]. De maneira diferente, o papa Francisco não parece buscar projetos geopolíticos pessoais. Precisamente por isso, os líderes dos países mais díspares, mesmo os que estão em conflito entre si, escutam-no pela sabedoria de suas respostas, sempre atento ao bem de todos.

**IHU On-Line – Como imagina a Igreja depois da passagem de Bergoglio pelo trono de Pedro?**

**Gianni Valente** – Percebi que, depois de um pontificado, Deus se reserva fantasia e liberdade sobre como “prosseguir” e fazer tudo acontecer. Espero que a cena não seja hegemônica pelas polêmicas e leituras opostas dos detratores e dos potenciadores “a priori” do atual pontificado. E que se possa proceder, de maneira “calma e tranquila”, no caminho da fé dos apóstolos, sem controvérsias que exacerbem a polarização da figura do Papa e de seus ensinamentos. Também espero que, com o tempo, comecem a germinar as flores e os frutos do magistério ordinário que o papa Francisco disseminou de mão cheia, lembrando a todos que a Igreja não existe para levar a cabo projetos geopolíticos, mas é chamada primariamente a testemunhar a misericórdia e amor de Cristo para com todos os homens e todas as mulheres. ■

<sup>9</sup> **Papa Pio XII** (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da **IHU On-Line**)

## Leia mais

- **Um “manual” em capítulos para explicar o diálogo China-Vaticano.** Reportagem de Gianni Valente, publicada nas Notícias do Dia de 3-5-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2ke4EuZ>.

- **O novo bispo Yeung e a China vista de Hong Kong.** Reportagem de Gianni Valente, publicada nas Notícias do Dia de 4-8-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2s1ZLZc>.

- **Santa Sé: sobre as “questões chinesas”, há quem alimente a confusão.** Reportagem de Gianni Valente, publicada nas Notícias do Dia de 31-1-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2Klixwv>.

# O pastor com cheiro de ovelhas e sua busca pelos “outros”

Agbonkhianmeghe Orobator destaca a pastoralidade como ponto alto de Francisco, característica que contribui para perceber as diferenças do mundo, especialmente de lugares como a África

João Vitor Santos | Tradução: Moisés Sbardelotto

O jesuíta que preside a Conferência dos Superiores Maiores da África e Madagáscar, Agbonkhianmeghe Orobator, é enfático: “no mínimo, a Igreja do século XXI não é a Igreja do primeiro século. A sociedade mudou, e as práticas que eram consideradas aceitáveis no passado não são mais aceitáveis hoje”. É com essa perspectiva que defende as ações de Francisco e a forma com que tem enfrentado muitos temas que geram controvérsias na Igreja. Para ele, o Papa “é um líder que cheira a ovelha” que “acredita genuinamente na dignidade da humanidade e vai ao encontro das periferias e das margens da sociedade para mostrar compaixão, misericórdia e amor”. Marcas que, para Orobator, tornam Francisco não só sensível à necessidade de mudança, mas também de compreender e se aproximar do outro. “Eu acredito que ele dá o exemplo para o tipo de liderança que a África precisa”, completa.

O religioso africano também sopesa as dificuldades e limites do pontífice. “Existem aqueles que pensam que ele deveria estar fazendo mais e pressionando com mais urgência sobre questões como a inclusão das mulheres no ministério, a responsabilidade financeira e a transparência no modo de lidar com o abuso sexual por parte do clero. Talvez esses críticos estejam certos, mas não devemos esquecer que o papa também é humano”. Na entrevista, concedida por e-mail à **IHU On-Li-**

**ne**, ele ainda reflete sobre a realidade do continente africano e a necessidade da Igreja de olhar para a diversidade das formas de ser cristão. “Ele está nos ensinando uma nova maneira de ser a comunidade do Cristo ressuscitado, uma comunidade que valoriza as pessoas acima das regras”, avalia. E acrescenta: “A inculturação não é mais um assunto de debate – ser ou não ser. É um princípio aceitável da eclesiologia na Igreja na África”.

**Agbonkhianmeghe E. Orobator** é presidente da Conferência dos Superiores Maiores Jesuítas de África e Madagáscar - Jesam, com sede em Nairobi, no Quênia. Nascido na Nigéria, é doutor em Teologia e Estudos Religiosos pela Universidade de Leeds, na Inglaterra. Atuou como superior provincial da Província da África Oriental entre 2009 e 2014. Também foi diretor da Hekima University College – Escola Jesuíta de Teologia e do Instituto de Estudos de Paz e Relações Internacionais, em Nairobi, Quênia. É autor de *Theology Brewed in an African Pot* (Orbis, 2008) e *Religion and Faith in Africa: Confessions of an Animist* (Orbis Books, 2018). Ainda editou *Reconciliation, Justice, and Peace: The Second African Synod* (Orbis, 2011) e, junto com Linda Hogan, também editou *Feminist Catholic Theological Ethics: Conversations in the World Church* (Orbis, 2014).

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Qual a grande novidade do pontificado de Francisco para os países da África?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – A “grande novidade” do papa Francisco para os países africanos não é diferente da de outras partes

do mundo. O chamado de Francisco a – e o exemplo de – uma Igreja que sai da sua zona de conforto e vai ao encontro dos outros, do mundo, em

misericórdia e compaixão; sua exortação às lideranças de terem o “cheiro das ovelhas”; sua defesa das expressões autênticas de misericórdia, responsabilidade e transparência...

Todos esses aspectos de seu pontificado infundem uma vida nova e cheia de frescor à Igreja na África e no mundo. Ele está nos ensinando uma nova maneira de ser a comunidade do Cristo ressuscitado, uma comunidade que valoriza as pessoas acima das regras; uma comunidade que promove a inclusão em vez de tentar eliminar aqueles que considera indesejáveis. Eu vejo isso como a grande novidade da liderança de Francisco, e é um desafio para a Igreja na África e no restante do mundo.

**IHU On-Line – De que forma os olhares, as perspectivas de Francisco sobre a pobreza, a paz e as questões ambientais do planeta são recebidos no continente africano?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Sua mensagem encontrou uma recepção positiva na África. Não esqueçamos que, em 2009, houve o segundo Sínodo Africano<sup>1</sup>, que se concentrou na missão da Igreja de reconciliação, justiça e paz. Hoje, quando Francisco fala de ecologia e mudanças climáticas, seus ensinamentos trazem fortes ressonâncias para a África por muitas razões.

Primeiro, porque ainda existe uma reserva de respeito ecológico que pode ser encontrada em muitas partes da África. Em segundo lugar, porque os efeitos das mudanças climáticas são fortemente sentidos no continente, com o aumento dos fenômenos de padrões de chuva irregulares, secas e inundações, desmatamento e efeitos prejudiciais das indústrias extrativas. Em terceiro lugar, em muitas partes da África, a violência e o conflito continuam causando traumas e dor – em lugares como o Sudão do Sul, República Democrática do Congo, República Cen-

tro-Africana, Líbia, República Saaraui, Somália, Nigéria e Camarões. Esses são lugares onde a paz é urgentemente necessária. E, em quarto lugar, em muitas partes da África, a pobreza ainda é endêmica. Quando Francisco fala dessas questões, elas têm implicações e relevância diretas para a situação na África.

“Francisco fala de ecologia e mudanças climáticas, seus ensinamentos trazem fortes ressonâncias para a África por muitas razões”

**IHU On-Line – O senhor é um dos defensores da inclusão de mulheres no ministério católico. Por que esse é um ponto importante a ser debatido pela Igreja do século XXI? E o que o senhor responde quando é questionado se a Igreja na África não tem outros temas mais urgentes a serem debatidos?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – No mínimo, a Igreja do século XXI não é a Igreja do primeiro século. A sociedade mudou, e as práticas que eram consideradas aceitáveis no passado não são mais aceitáveis hoje. Vejo três razões pelas quais essa questão é importante.

Primeiro, as mulheres têm uma contribuição para fazer a missão evangelizadora da Igreja. Seria irracional negar-lhes essa oportunidade. Em segundo lugar, a mensagem do Evangelho tem a ver com o amor, e isso não é algo que você pratica quando exclui a metade da popula-

ção mundial do envolvimento ativo na liderança e no ministério da Igreja. A terceira razão é a mais importante para mim: somos todos criados à imagem e semelhança de um Deus amoroso.

Negar às mulheres o seu papel na Igreja e na sociedade é violar esse princípio fundamental da dignidade humana. Tenho certeza de que há outras questões prementes para a Igreja na África, assim como em outros lugares, mas qual mais do que a dignidade humana? Jesus de Nazaré não nos disse que veio para que todas as mulheres e homens possam ter e experimentar a plenitude da vida?

**IHU On-Line – Quais os limites desse papado? Que temas ainda não tiveram a devida atenção de Francisco?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Eu acho que esquecemos que Francisco é apenas humano – ele não pode fazer tudo sozinho. Devemos estar prontos e dispostos a lhe dar crédito pelos muitos passos que ele já deu. Por exemplo, clamando por compaixão pelos católicos divorciados e recasados que desejam receber a Eucaristia, suspendendo o julgamento sobre os gays, desafiando a sociedade a mostrar hospitalidade para com os refugiados e migrantes, pregando a integridade ecológica frente às devastadoras mudanças climáticas, defendendo os pobres e os marginalizados, e muito mais.

Eu acho que ele deu a devida atenção a questões consequentes na Igreja e na sociedade. Existem aqueles que pensam que ele deveria estar fazendo mais e pressionando com mais urgência sobre questões como a inclusão das mulheres no ministério, a responsabilidade financeira e a transparência no modo de lidar com o abuso sexual por parte do clero. Talvez esses críticos estejam certos, mas não devemos esquecer que o papa também é humano. Eu acho que ele está fazendo o melhor que pode dentro das circunstâncias.

<sup>1</sup> Leia a íntegra da abertura do sínodo em <http://bit.ly/2rY-JkxD>. Saiba mais em <http://bit.ly/2GB16hH>. (Nota da IHU On-Line)

## **IHU On-Line – Como avalia as inúmeras tensões, críticas e resistências ao papado? Quais as questões de fundo nas críticas desferidas contra Francisco?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Eu não sou um “infiltrado” vaticano. Eu só posso falar do que vejo e ouço a céu aberto. Sim, há sinais de tensão. Ultimamente, temos visto alguns homens da Igreja de alto escalão expondo documentos críticos à direção doutrinal e pastoral do Papa. Obviamente, algumas pessoas têm razão em se preocupar com o pedido de simplicidade do Papa ou com aquilo que ele chama de “cheiro das ovelhas”, especialmente quando essas pessoas estavam acostumadas a privilégios e benefícios por causa de seu status clerical. O instinto de proteger privilégios e regalias clericais explica parte da resistência que Francisco está enfrentando.

Há também, entretanto, o fato das diferenças no modo como percebemos a Igreja. Alguns dizem que o Papa é liberal demais, que ele está favorecendo uma agenda de relaxamento de antigas doutrinas e ensinamentos em favor de novas ideias. Algumas pessoas prefeririam ver uma Igreja mais purista, um bastião contra as tendências secularistas e mais controladora em termos de quem pertence ou não ao rebanho. Então, veja, quando você introduz as guerras culturais na política da Igreja e coloca um campo contra outro, o líder – neste caso, Francisco – é obrigado a ser criticado, não importa o que ele faça. Ele simplesmente não pode satisfazer os campos opostos.

**IHU On-Line – O século XIX na Igreja foi marcado pelas missões, tema muito caro a países africanos, já o século XX teve como marca principal o ecumenismo. Qual deve ser a marca da Igreja no século XXI, tendo em perspectiva as realidades e desafios do continente africano? E qual o papel de Francisco na impressão dessa marca?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Não cabe a mim fazer uma declaração de qual deveria ser a marca definidora da Igreja do século XXI. No entanto, seguindo o exemplo de Francisco, a questão da inclusão deveria ser priorizada. Vivemos em um mundo dividido – a humanidade versus a natureza, no sentido de que a atividade humana contribui para a degradação da ecologia natural; a desigualdade econômica, que relega milhões de pessoas à pobreza; a desigualdade de gênero, que exclui metade da população mundial; a ascensão do nacionalismo, que constrói muros para excluir migrantes e refugiados como indesejáveis; a digitalização crescente, que cria campos hostis e sacrifica o discurso civil no altar da liberdade de expressão e das notícias falsas... e assim por diante.

No meio de todas essas divisões, precisamos de uma Igreja que seja reconciliadora; uma Igreja que crie um terreno comum; e uma Igreja que construa pontes entre as divisões e acolha a todos de braços abertos, sem discriminação, inclinações ou preconceitos. Eu acredito que o papel de Francisco ao chamar a Igreja a essa vocação da inclusão e da reconciliação tem sido muito decisivo para esta era. Ele é um construtor de pontes, e o mundo precisa de mais pessoas desse tipo.

**IHU On-Line – O papa Francisco, alinhado com o Concílio Vaticano II, é defensor da perspectiva da inculturação da fé. Mas encontra resistências mesmo entre os grandes nomes da liturgia da Igreja dentro da Cúria. Como o senhor avalia essas disputas e em que medida a inculturação da fé, nos moldes do Vaticano II, pode contribuir na aproximação com a realidade africana?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Acho que você está se referindo às declarações do cardeal Robert Sarah<sup>2</sup>. Como as declarações do Vaticano

no mostraram, tudo o que ele disse sobre a inculturação, especialmente em relação à autoridade das conferências episcopais locais sobre a questão das traduções, são opiniões pessoais dele, e não a posição oficial das lideranças da Igreja. A inculturação não é mais um assunto de debate – ser ou não ser. É um princípio aceitável da eclesiologia na Igreja na África. Onde quer que você vá, há sinais e manifestações de inculturação, não só no nível superficial das formas, mas também no nível mais profundo da substância, isto é, como podemos compreender e nos apropriar dos princípios da nossa fé de modo que isso nos permita permanecer fiéis à nossa identidade como africanos. Como disse Paulo VI<sup>3</sup>, quando um africano se torna cristão, ele ou ela não renega a si mesmo.

“Eu acho que ele deu a devida atenção a questões consequentes na Igreja e na sociedade”

55

**IHU On-Line – Gostaria que o senhor relatasse as principais dificuldades da realidade política e social na África de hoje.**

Disciplina dos Sacramentos do Vaticano. Anteriormente, o prelado exerceu a função de secretário da Congregação para a Evangelização dos Povos. O IHU publicou inúmeros textos sobre o cardeal. Entre eles Sarah e a tradução litúrgica: princípio grande, prefeito pequeno. Artigo de Andrea Grillo, nas Notícias do Dia de 17-10-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2rW05HZ>; e Liturgia. O contra-relatório do cardeal Sarah, disponível em <http://bit.ly/2lZ5b3d>. Leia mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). Dos livros de Sarah, publicado em português, destacamos *A Força do Silêncio. Contra a Ditadura do Ruído* (Loyola, 2016) e *Deus Ou Nada: Entrevista Sobre A Fé* (Fons Sapientiae, 2016). (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao papa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os ortodoxos, anglicanos e protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Robert Sarah** (1945): cardeal guineense, presidente do Pontifício Conselho Cor Unum e, desde 23 de novembro de 2014, é prefeito da Congregação para o Culto Divino e

## E como a figura de Francisco, como líder geopolítico, pode contribuir no enfrentamento dessas questões?

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Eu acho que existem três dificuldades sociopolíticas principais que a África enfrenta. Primeiro, há uma escassez crônica de lideranças confiáveis e responsáveis. Com poucas exceções, as lideranças africanas são cleptocratas, autocráticas e megalomaniacas. Elas não governam em prol do povo, mas existem para servir a seus interesses e aos interesses de seus camaradas.

Isso resulta na segunda dificuldade, isto é, a disfuncionalidade e o deslocamento social e político. Os sinais disso estão por toda parte – pobreza, conflito e violência, deslocamento de pessoas, colapso da infraestrutura social e econômica, e muito mais. A terceira dificuldade é tanto causa quanto sintoma das duas primeiras, isto é, a corrupção sistêmica generalizada. Em meio a essa disfuncionalidade política e social, a corrupção se torna um meio aceitável de sobrevivência, o que só agrava a situação.

O que Francisco traz para essa situação é o seu exemplo de liderança honesta, aberta, responsável e centrada nas pessoas. Ele é um líder que cheira a ovelha; ele acredita genuina-

mente na dignidade da humanidade e vai ao encontro das periferias e das margens da sociedade para mostrar compaixão, misericórdia e amor. Eu acredito que ele dá o exemplo para o tipo de liderança que a África precisa. Mas sou bastante cético em relação à capacidade das lideranças africanas de seguirem os seus passos.

“O instinto de proteger privilégios e regalias clericais explica parte da resistência que Francisco está enfrentando”

**IHU On-Line – O senhor é um cristão que foi criado na prática da religião africana. Gostaria que o senhor relatasse essa experiência. Que conexões podemos fazer entre as religiões africanas, o cristianismo e o islamismo?**

**Agbonkhianmeghe Orobator** – Acabei de escrever um livro inteiro sobre essa questão. O livro se intitula *Religion and Faith in Africa: Confessions of an Animist* [Religião e fé na África: confissões de um animista] (Orbis Books, 2018). Eu o recomendo fortemente aos seus leitores. Como eu digo no livro, ser criado na Religião Africana é estar exposto a uma multiplicidade de experiências e imaginários religiosos. Essa exposição nutre uma sensação de proximidade com o divino, uma apreciação da existência comunal e uma reverência a Deus que não se baseia na exclusão e na beligerância doutrinal. É uma religião que não procura fazer proselitismo e impingir doutrinas aos outros.

Não digo que podemos estabelecer conexões entre a religião africana, o cristianismo e o Islã. Estas são três tradições religiosas distintas e diferentes. O que eu digo é que a religião africana precedeu as outras duas na África. Portanto, o cristianismo e o Islã estão enraizados no solo da Religião Africana. Não deveria nos surpreender que um cristão africano ou um muçulmano africano exiba traços de sua tradição religiosa africana no modo como pratica sua fé cristã ou muçulmana. Eu espero que esta resposta sumária à sua questão estimule o apetite dos seus leitores pelo meu novo livro. ■

## Leia mais

- **Jesuíta africano pede a renúncia do presidente da Nigéria.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia de 26-5-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2GDhED3>.

- **Francisco fala de feminismo à rede teológica moral mundial.** Reportagem publicada nas Notícias do Dia de 24-3-2017, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/2KGtChC>.



# A “Igreja em saída” de Bergoglio: adesões e resistências do clero brasileiro

Para Oscar Beozzo, a grande novidade do pontificado é a proposta pastoral, mas que nem sempre é bem aceita e compreendida

João Vitor Santos

O professor Oscar Beozzo elenca vários avanços de Francisco nesses cinco anos de pontificado. Entretanto, aponta como central a perspectiva da “Igreja em saída”. Ele destaca que o Papa “quer uma Igreja em saída, que aceite sujar pés e mãos para socorrer os necessitados e que seja um hospital de campanha para os feridos nas vicissitudes da vida”. E acrescenta, na entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**: “[esse Papa] recolocou o exercício da política como imprescindível, qualificando-a, na linha de Pio XII e Paulo VI: A política é uma das formas mais elevadas da caridade, do amor!”. Partindo desse ponto, Beozzo analisa a recepção desses cinco anos de Francisco na Igreja brasileira. Recorda que a passagem do Papa pela Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro revelou o espírito do novo sucessor do trono de Pedro. A simplicidade e a necessidade de estar entre o povo trouxeram uma adesão entusiasmada.

Porém, com o passar do tempo, percebeu-se que há fraturas nessa adesão. “O entusiasmo com Francisco foi menor entre parte do clero mais jovem e seminaristas instados a sair da zona de conforto dos seminários e sacristias e lançar-se na aventura missionária a serviço dos pobres e excluídos”, aponta. Como consequência, o clero se torna pouco hábil para fazer a “Igreja em saída” na prática.

ca. “Encontram-se, por formação e por prática pastoral, distantes, de certa forma, dos problemas econômicos, sociais e políticos e carentes de instrumentos de análise, para compreender as causas da atual crise”, completa. Para o professor, tal resistência se dá porque grande parte desse clero é advindo de nunciaturas de pontificados anteriores. “Os bispos são respeitosos em relação ao Papa, mas têm dificuldade em percorrer os novos caminhos, em retomar as inspirações maiores do Vaticano II”, aponta, indicando que a mudança é um processo em desenvolvimento.

**José Oscar Beozzo** é doutor em História Social pela Universidade de São Paulo - USP, mestre em Sociologia da Religião e especialista em Comunicação Social pela Université Catholique de Louvain, na Bélgica. Ainda possui especialização em História do Brasil pela Faculdade Auxilium de Filosofia, Ciências e Letras, de São Paulo, e graduação em Ciências Políticas e Sociais pela Université Catholique de Louvain, em Teologia pela Pontificia Università Gregoriana, de Roma, e em Filosofia pelo Seminário Central do Ipiranga/Seminário Central de Aparecida. Atualmente coordena o Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular - CESEP.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-Line – Quais os avanços e os limites de Francisco nesses seus cinco anos de pontificado?**

**Oscar Beozzo** – Entre os avanços, o principal foi colocar os pobres,

os descartados pelo sistema, os que se encontram à margem, os estigmatizados, no centro de sua atuação pastoral. Seu gesto de ir à Ilha de Lampedusa<sup>1</sup>, aonde chegam os mi-

grantes da África, e silenciosamente lançar flores no mar onde mais 20

Conjuntura da Semana especial sobre o tema, em <http://bit.ly/ihulampedusa>. Veja também nossa reportagem especial sobre refugiados, intitulada *Mundo em Fuga*, publicada na edição 429 da **IHU On-Line**, em 15-10-2013. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>1</sup> **Lampedusa**: para saber mais sobre Lampedusa, confira a

mil migrantes morreram afogados, ou o de trazer famílias de refugiados da guerra na Síria para serem acolhidos no Vaticano<sup>2</sup> falam muito de suas prioridades.

Insiste com as igrejas particulares para que reassumam, na linha do Vaticano II<sup>3</sup>, seu protagonismo e responsabilidades nas questões mais candentes do mundo de hoje e da Igreja.

### Acolher e não excluir

Coloca como obrigação da comunidade eclesial “acompanhar, discernir e integrar a fragilidade” e desafia a tratar as dificuldades e tropeços na vida dos casais e da família em chave pastoral, com ênfase na misericórdia e não em exclusões e condenações. Assim, quer uma Igreja em saída, que aceite sujar pés e mãos para socorrer os necessitados e que seja um hospital de campanha para os feridos nas vicissitudes da vida.

### Construir pontes e não muros

As migrações explodiram em todo o mundo, por conta de guerras e conflitos políticos, por conta da crise econômica e desastres climáticos, como secas prolongadas, inundações, desertificação de extensas

áreas. A reação aos refugiados e migrantes por parte dos governos tem oscilado entre acolhida mais ou menos restritiva e agressiva política de fechar fronteiras, construir barreiras e muros, expulsar os indocumentados. Em sua viagem ao México<sup>4</sup>, em plena campanha eleitoral nos Estados Unidos e diante da proposta do então candidato Donald Trump<sup>5</sup> de construir um muro na fronteira entre os dois países, o papa Francisco foi enfático: devemos construir pontes, e não erguer muros entre as nações e povos.

### O diálogo e a paz a qualquer custo

O Papa também se empenhou para abrir portas para o diálogo. Convidou o presidente da Autoridade Palestina, Mahmoud Abbas<sup>6</sup>, o presidente de Israel, Shimon Peres<sup>7</sup>, líderes religiosos judeus, muçulmanos e cristãos a se comprometerem com o diálogo e a reconciliação e a orarem juntos pela Paz nos Jardins do Vaticano. Ajudou a intermediar o diálogo entre Cuba e Estados Unidos<sup>8</sup>, para que reatassem, depois de 60 anos, as relações diplomáticas, facilitassem as visitas para o reencontro entre familiares e que fossem suspensos os aspectos mais onerosos para a população no em-

bargo comercial como o que pesava sobre os medicamentos, alimentos ou remessa de recursos às famílias. Deu importante contribuição para os acordos de paz entre o governo e as Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia - FARC<sup>9</sup> na Colômbia, pondo um ponto final a mais de seis décadas de guerra civil, com milhares de mortos e mais de sete milhões de pessoas deslocadas das zonas de conflito armado.

Além disso, vem se empenhando para que o impasse entre governo e oposição na Venezuela seja superado e que países deixem de intervir para agravar a situação e exacerbar os conflitos. Com paciência vem tentando um diálogo para superar a ruptura promovida pelo governo chinês após a revolução de 1949 e amenizar a difícil situação dos católicos no país.

### Vaticano II, inspiração e compromisso

Retomou as grandes intuições do Vaticano da Igreja, como povo de Deus, o protagonismo dos leigos, a presença da Igreja no mundo, o diálogo ecumênico e inter-religioso, a centralidade da palavra de Deus, condenando uma igreja autorreferencial, centrada no clero e afastada das alegrias e esperanças, das tristezas e angústias dos homens e mulheres de hoje, sobretudo dos pobres.

### O cuidado com a casa comum

Causou grande impacto dentro, mas talvez mais ainda fora da Igreja com sua encíclica *Laudato Si'*<sup>10</sup>,

2 O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou diversos textos sobre esse assunto. Entre eles *Vaticano acolhe outras três famílias de refugiados sírios, duas cristãs e uma muçulmana*, disponível em <http://bit.ly/2IkETax>. Saiba mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da IHU On-Line)

3 **Concílio Vaticano II**: convocado no dia 11-11-1962 pelo papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarara a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. A revista **IHU On-Line** publicou na edição 297 o tema de capa *Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II*, de 15-6-2009, disponível em <https://goo.gl/GVTuEO>, bem como a edição 401, de 3-9-2012, intitulada *Concílio Vaticano II. 50 anos depois*, disponível em <https://goo.gl/5l5nsM>, e a edição 425, de 1-7-2013, intitulada *O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo*, disponível em <https://goo.gl/8MDxOM>. Em 2015, o Instituto Humanitas Unisinos - IHU promoveu o colóquio *O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade*. As repercussões do evento podem ser conferidas na revista **IHU On-Line** 466, de 1-6-2015, disponível em <https://goo.gl/LiJPrZ>. (Nota da IHU On-Line)

4 O IHU, na seção Notícias do Dia, em seu sítio, publicou diversos textos acerca da viagem. Entre eles *Viagem ao México. Francisco está cumprindo as expectativas*, disponível em <http://bit.ly/2Kscufw>. Saiba mais em [ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.unisinos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da IHU On-Line)

5 **Donald Trump** (1946): Donald John Trump é um empresário, ex-apresentador de reality show e atual presidente dos Estados Unidos. Na eleição de 2016, Trump foi eleito o 45º presidente norte-americano pelo Partido Republicano, ao derrotar a candidata democrata Hillary Clinton no número de delegados do colégio eleitoral; no entanto, perdeu o voto popular. Entre suas bandeiras estão o protecionismo norte-americano, por onde passam questões econômicas e sociais, como a relação com imigrantes nos Estados Unidos. Trump é presidente do conglomerado The Trump Organization e fundador da Trump Entertainment Resorts. Sua carreira, exposição de marcas, vida pessoal, riqueza e modo de se pronunciar contribuíram para torná-lo famoso. (Nota da IHU On-Line)

6 **Mahmoud Abbas** [Mahmoud Zeidan Abbas] (1935): é presidente da Autoridade Nacional Palestina desde janeiro de 2005. Foi um dos fundadores, junto com Yasser Arafat, da organização Fatah. Desempenhou também funções como primeiro-ministro da Autoridade Nacional Palestina entre março e outubro de 2003. (Nota da IHU On-Line)

7 **Shimon Peres** (1923): político israelense. Foi primeiro-ministro de Israel nos períodos de 1984 a 1986 e 1995 a 1996, e cofundador do Partido Trabalhista israelense, em 1968. Em junho de 2007 foi eleito presidente de Israel. (Nota da IHU On-Line)

8 O IHU, na seção Notícias do Dia em seu sítio, publicou diversos textos sobre o episódio. Entre eles *EUA - Cuba. Papa Francisco, figura-chave*, disponível em <http://bit.ly/2GnQzDU>. (Nota da IHU On-Line)

9 **FARC**: Forças Armadas Revolucionárias da Colômbia, foi criada em 1964 como uma guerrilha-revolucionária do Partido Comunista Colombiano. As FARC são a mais antiga e uma das mais capacitadas e melhor-equipadas forças insurgentes do continente sul-americano. Foi durante a Conferência da Sétima Guerrilha, realizada em 1982 que a denominação Ejército del Pueblo ou Ejército do Povo (EP) foi adicionada ao nome oficial do grupo. (Nota da IHU On-Line)

10 **Laudato Si'** (português: Louvado sejas; subtítulo: “Sobre o Cuidado da Casa Comum”): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso

sobre o cuidado com a casa comum. Acolheu a contribuição de cientistas e universidades, o aporte de outras Igrejas cristãs, como o empenho do Patriarca Ecumênico Bartolomeu de Constantinopla<sup>11</sup>, de um místico muçulmano sufi, de poetas e filósofos, mostrando o quanto a sobrevivência do planeta e da própria vida é um empenho que pode e deve unir toda a humanidade.

### Terra, trabalho e teto e os movimentos sociais

Papa Francisco buscou estabelecer um diálogo com os Movimentos Sociais de todo o mundo, convidando-os para encontros e instando-os a buscar saídas para uma globalização que vem gerando exclusão e indiferença frente aos sofrimentos e angústias das maiorias. No primeiro encontro, em outubro de 2014, em Roma<sup>12</sup>, ficaram célebres as três palavras evocadas, para definir os instrumentos necessários para garantir a vida e dignidade das pessoas: Terra, Trabalho e Teto. No segundo encontro, de 7 a 9 de julho de 2015, em Santa Cruz de la Sierra<sup>13</sup>, na Bolívia, foram publicados um manifesto, um decálogo e um compromisso. Francisco destacou dentre os frutos desse encontro: colocar a economia a serviço dos povos, construir a paz, a justiça e defender a Mãe Terra. Acrescentou: “falamos da necessidade de uma mudança para que a vida seja digna, uma mudança de estruturas; além disto, de como vocês, os movimentos populares, são semeadores desta mudança, promotores de um processo em que convergem milhares de pequenas e grandes

ações concatenadas em modo criativo, como em uma poesia; por isto quis vos chamar “poetas sociais”; e temos também elencado algumas tarefas imprescindíveis para caminhar em direção a uma alternativa humana diante da globalização da indiferença.

No terceiro encontro, encerrado pelo Papa no Vaticano no dia 5 de novembro de 2016, quis aprofundar o intercâmbio entre os movimentos sociais e as Igrejas nacionais. Denunciou o “terrorismo” de um sistema econômico a serviço do lucro e acumulação de uns poucos e a ditadura econômica global que levanta muros entre classes sociais e países. Insistiu na construção de pontes e do amor e na busca de caminhos para enfrentar o drama dos migrantes, refugiados e deslocados. Recolocou o exercício da política como imprescindível, qualificando-a, na linha de Pio XII<sup>14</sup> e Paulo VI<sup>15</sup>: A política é uma das formas mais elevadas da caridade, do amor!

### IHU On-Line – Em que medida podemos afirmar que a Igreja no Brasil compreende e adere ao ministério de Bergoglio?

**Oscar Beozzo** – Houve uma alegre acolhida da mensagem libertadora do papa Francisco, da sua proximidade com o povo, simplicidade de vida e atitudes, experimentadas logo no início do seu pontificado com a sua vinda para a Jornada Mundial da Juventude no Rio de Janeiro, em julho de 2013. *A Evangelii Gaudium*<sup>16</sup> e a *Laudato Si'* provo-

caram impacto favorável e fizeram renascer muitas esperanças. A Exortação *Amoris Laetitia*<sup>17</sup> já suscitou mais controvérsia e reação aberta de setores conservadores.

O entusiasmo com Francisco foi menor entre parte do clero mais jovem e seminaristas instados a sair da zona de conforto dos seminários e sacristias e lançar-se na aventura missionária a serviço dos pobres e excluídos. Tem que se tomar em consideração o fato de que em 01/04/2018, dos 476 bispos do Brasil entre eméritos e em função, grosso modo, 50% foram nomeados por João Paulo II<sup>18</sup> e 25% por Bento XVI<sup>19</sup>. O restante se divide entre 41 eméritos que vêm do pontificado de João XXIII<sup>20</sup> (2) e Paulo VI (39) e os 81 nomeados por Francisco. Ou seja, cerca de 16% do episcopado. Se tomarmos em conta, os bispos com responsabilidades pastorais, cerca de 25%, um quarto do episcopado foi nomeado pelo papa Francisco.

O perfil das nomeações de João Paulo II e de Bento XVI era distinto do pretendido hoje por Francisco no seu projeto de Igreja em saída. Os bispos são respeitosos em relação ao

59

o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das mulheres na Igreja. Ainda crítica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. (Nota da **IHU On-Line**)

**17 Amoris Laetitia** (a “Alegria do Amor”): é uma exortação apostólica do papa Francisco, publicada em 8 de abril de 2016. Possui nove capítulos e tem como base os resultados de dois Sinodos dos Bispos sobre a Família ocorridos em 2014 e 2015. Para saber mais, leia a edição *Amoris Laetitia e a ética do possível. Limites e possibilidades de um documento sobre ‘a família’, hoje*, disponível em <http://bit.ly/1SseNSc>. (Nota da **IHU On-Line**)

**18 Papa João Paulo II** (1920-2005): Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica Romana e soberano da Cidade do Vaticano de 16 de outubro de 1978 até sua morte. Teve o terceiro maior pontificado documentado da história, reinando por 26 anos, depois dos papas São Pedro, que reinou por cerca de trinta e sete anos, e Pio IX, que reinou por trinta e um anos. Foi o único Papa eslavo e polaco até a sua morte, e o primeiro Papa não italiano desde o neerlandês Papa Adriano VI em 1522. João Paulo II foi aclamado como um dos líderes mais influentes do século XX. Com um pontificado de perfil conservador e centralizador, teve papel fundamental para o fim do comunismo na Polónia e talvez em toda a Europa, bem como significante na melhora das relações da Igreja Católica com o judaísmo, Islã, Igreja Ortodoxa, religiões orientais e a Comunhão Anglicana. (Nota da **IHU On-Line**)

**19 Bento XVI**, nascido **Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma. Foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e sete dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

**20 Papa João XXIII** (1881-1963): nascido Angelo Giuseppe Roncalli. Foi Papa de 28-10-1958 até a data da sua morte. Considerado um papa de transição, depois do longo pontificado de Pio XII, convocou o Concílio Vaticano II. Conhecido como o “Papa Bom”, João XXIII foi canonizado em 2013 pelo Papa Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

*Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ>. (Nota da **IHU On-Line**)

**11 Bartolomeu I - Igreja Ortodoxa** (1940): é um religioso grego (e um cidadão turco), o atual Patriarca de Constantinopla, principal bispo da Igreja Ortodoxa, desde o ano de 1991. (Nota da **IHU On-Line**)

**12 O IHU**, na seção Notícia do Dia, no seu sítio, publicou inúmeros textos sobre o encontro. Entre eles *Papa Francisco e o encontro (censurado) com os movimentos sociais mundiais*, disponível em <http://bit.ly/2IHqJQr>. Leia mais em [ihu.usinissos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.usinissos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

**13 O IHU** publicou a íntegra do discurso. Acesse em <http://bit.ly/2KHqdyZ>. O IHU também publicou uma série de análises sobre o discurso. Entre eles *A força política dos Movimentos Populares Unidos*, artigo Frei Marcos Sassatelli, publicado nas Notícias do Dia de 24-6-2016, disponível em <http://bit.ly/2s0Oys8>. Leia mais em [ihu.usinissos.br/maisnoticias/noticias](http://ihu.usinissos.br/maisnoticias/noticias). (Nota da **IHU On-Line**)

**14 Papa Pio XII** (1876-1958): nascido Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli, foi eleito Papa no dia 2 de março de 1939. (Nota da **IHU On-Line**)

**15 Papa Paulo VI**: nascido Giovanni Battista Enrico Antonio Maria Montini, Paulo VI foi o Sumo Pontífice da Igreja Católica Apostólica de 21 de junho de 1963 até 1978, ano de sua morte. Sucedeu ao Ppapa João XXIII, que convocou o Concílio Vaticano II, e decidiu continuar os trabalhos do predecessor. Promoveu melhorias nas relações ecumênicas com os Ortodoxos, Anglicanos e Protestantes, o que resultou em diversos encontros e acordos históricos. (Nota da **IHU On-Line**)

**16 Evangelii Gaudium**: Alegria do Evangelho (em português), é a primeira Exortação Apostólica pós-Sinodal escrita pelo papa Francisco. Foi publicada no encerramento do Ano da Fé, no dia 24 de novembro do ano de 2013. Como a maioria das exortações apostólicas, foi escrita após uma reunião do Sinodo dos Bispos, neste caso, a XIII Assembleia Geral Ordinária sobre A Nova Evangelização para a transmissão da fé cristã. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã, mas fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia),

Papa, mas têm dificuldade em percorrer os novos caminhos, em retomar as inspirações maiores do Vaticano II, a herança das Conferências do episcopado latino-americano de Medellín<sup>21</sup> a Aparecida<sup>22</sup> e a tradição do empenho social e político da Igreja do Brasil em favor da causa dos pobres e excluídos. Estão mais voltados para a administração interna da Igreja. Sentem-se mais comprometidos com a formação do clero do que dos leigos e leigas, mais preocupados com a liturgia e os sacramentos, a moral e os bons costumes. Encontram-se, por formação e por prática pastoral, distantes, de certa forma, dos problemas econômicos, sociais e políticos e carentes de instrumentos de análise, para compreender as causas da atual crise. Ficam à mercê dos noticiários das redes de televisão e da opinião de jornais ou revistas. Acodem os pobres, como parte das obras de misericórdia e da caridade, sem se interrogar sobre as causas estruturais dessa situação e as maneiras para se buscar uma saída em aliança com os movimentos sociais. Têm dificuldade para compreender e lidar com as próprias pastorais sociais da Igreja, deixando por vezes de incentivá-las e chegando até a proibi-las em suas dioceses.

**IHU On-Line – No Brasil, especialmente durante a ditadura militar, a Igreja teve um protagonismo nos enfrentamentos para assegurar direitos humanos. Hoje, diante dos desafios propostos pelo Papa para que saia de si mesma, como observa a atuação da Igreja diante de problemas como crise política, econômica e social, além de di-**

21 **Segunda Conferência Geral do Episcopado Latino-americano:** realizou-se em Medellín, na Colômbia no período de 24 de agosto a 6 de setembro de 1968. A Conferência foi convocada pelo Papa Paulo VI para aplicar os ensinamentos do Concílio Vaticano II às necessidades da Igreja presente na América Latina. A temática proposta foi "A Igreja na presente transformação da América Latina à luz do Concílio Vaticano II". A abertura da Conferência foi feita pelo próprio Papa que marcou a primeira visita de um pontífice à América Latina. (Nota da **IHU On-Line**)

22 **V Conferência Geral do Episcopado da América Latina e do Caribe:** aconteceu de 13 a 31 de maio, em Aparecida, São Paulo. Sobre o tema, confira a edição 224 da revista **IHU On-Line**, de 20-6-2007, intitulada *Os rumos da Igreja na América Latina a partir de Aparecida. Uma análise do Documento Final da V Conferência*, disponível para download em <http://migre.me/11Col>. (Nota da **IHU On-Line**)

## **versas formas de ataques a direitos essenciais?**

**Oscar Beozzo** – O agravamento da situação social e política, com o desmonte das políticas públicas, o congelamento por 20 anos dos investimentos sociais, disparada do desemprego, a violação de territórios indígenas e o aumento de chacinhas no campo e na cidade, a liquidação de direitos trabalhistas e uma proposta de reforma da previdência que mantém e amplia privilégios de magistrados, membros do ministério público, políticos e militares, ao mesmo tempo em que elimina direitos das maiorias e onera os mais vulneráveis, acendeu um sinal de alerta e despertou a Igreja católica e as outras Igrejas cristãs.

Multiplicaram-se os pronunciamentos da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB: sobre a PEC 287/16; sobre a Reforma da Previdência (23/03/17); em defesa dos direitos indígenas e do Conselho Indigenista Missionário - CIMI (22/06/17); aos trabalhadores/as do Brasil (27/04/17); sobre o grave momento nacional (03/05/17). Bispos da Arquidiocese de Belo Horizonte MG (20/03/17) e da Província eclesiástica de Natal, RN (05/04/17) pronunciaram-se no mesmo sentido. A Comissão Brasileira de Justiça e Paz, o Conselho Nacional de Leigos, a Conferência dos Religiosos do Brasil, a Pastoral Operária Nacional, as Comunidades Eclesiais de Base - CEBs do estado de São Paulo, a Ordem franciscana e os dominicanos, Centros, como o Centro de Estudos Bíblicos - CEBI, Centro Ecumênico de Serviços à Evangelização e Educação Popular - CESEEP, Centro Alceu Amoroso Lima para a Liberdade de Petrópolis - CAALL, a Comissão Justiça e Paz da Arquidiocese de Brasília somaram-se às denúncias e protestos.

No campo ecumênico, o Conselho Nacional de Igrejas Cristãs do Brasil - CONIC expressou seu apoio à greve geral de 28 de abril de 2017 contra a reforma trabalhista e da previdência social. Entre as Igrejas evangélicas houve fortes pronunciamentos da

direção geral da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB e das mulheres luteranas nos 500 anos da Reforma; dos Presidentes e Representantes das Igrejas Evangélicas históricas do Brasil (IELB, IPU, IECLB, RENAS, IPB, IMB) em 23/03/17; da Câmara Episcopal da Igreja Episcopal Anglicana (05/04/17).

A grande mídia praticamente ignorou todos esses pronunciamentos, e as Igrejas, por outro lado, perderam nesses últimos anos sua capacidade de mobilização social e muitos dos laços com os movimentos operários, sindicais e populares. Em todo caso, pela primeira vez, todas as centrais sindicais endereçaram um público agradecimento à CNBB pelo apoio da entidade e de mais de uma centena de bispos à greve geral de repúdio às reformas trabalhista e previdenciária.

## **IHU On-Line – Qual a sua leitura sobre as viagens de Francisco, especialmente a países da América Latina, como Chile e Peru mais recentemente? O que o difere de outros pontífices?**

**Oscar Beozzo** – As viagens à América Latina começaram no ano de sua eleição. Veio em 2013, esteve no Brasil para a Jornada Mundial da Juventude (22 a 29 de julho). Em 2015, foi ao Equador, Bolívia e Paraguai (5 a 13 de julho) e depois a Cuba (19 a 22 de setembro), de onde prosseguiu viagem aos Estados Unidos (22 a 27 de setembro). Em 2016, viajou ao México (12 a 18 de fevereiro) e, no caminho, parou em La Habana para encontrar-se com o Patriarca Kiril<sup>23</sup> da Igreja Ortodoxa Russa, quando assinaram declaração conjunta sobre o propósito das duas Igrejas de superarem as divisões seculares, trabalharem pela

23 **Kiril I** (1946): é um bispo ortodoxo russo e patriarca de Moscou e de toda a Rússia e primaz da Igreja Ortodoxa Russa desde 1 de fevereiro de 2009. Antes de se tornar patriarca, Kirilo foi arcebispo (mais tarde metropolitano) de Esmolensco e Caliningrado desde 26 de dezembro de 1984. Kirilo era também presidente do Departamento de Relações Externas da Igreja Ortodoxa Russa e um membro permanente do Santo Sinodo Russo desde novembro de 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

unidade e aprofundarem a cooperação mútua. Foi quando destacou: “O nosso olhar volta-se para as pessoas que se encontram em situações de grande dificuldade, em condições de extrema necessidade e pobreza, enquanto crescem as riquezas materiais da humanidade. Não podemos ficar indiferentes à sorte de milhões de migrantes e refugiados que batem à porta dos países ricos. O consumo desenfreado, como se vê em alguns países mais desenvolvidos, está gradualmente esgotando os recursos do nosso planeta. A crescente desigualdade na distribuição dos bens da Terra aumenta o sentimento de injustiça perante o sistema de relações internacionais que se estabeleceu”. Em 2017, viajou à Colômbia (6 a 11 de setembro). Em 2018, foi ao Chile e ao Peru (15 a 22 de janeiro de 2018). Visitou, ao todo, nove países.

Pela novidade e pela imediata empatia que estabeleceu com as multidões que o acolheram, certamente a viagem ao Brasil foi marcante e projetou uma imagem positiva do Papa para o país, para a América Latina e o mundo. Soube cativar os jovens, parou para orar junto com

um pastor pentecostal e sua comunidade que estavam acolhendo os peregrinos numa favela, entrou imprevistamente numa casa para visitar uma família; estabeleceu um diálogo de alto nível com intelectuais e lideranças de outras igrejas cristãs e religiões.

As visitas a Cuba e a Colômbia foram recebidas como signo do seu firme compromisso com a justiça, a reconciliação e a paz. Mais conflituosa foi sua visita ao Chile. Numa Igreja e sociedade divididas pelo escândalo do Pe. Fernando Karadima<sup>24</sup>, sua defesa do bispo Juan Barros<sup>25</sup>, do grupo União Sacerdotal do citado Karadima, acusado de encobrir abu-

<sup>24</sup> **Miguel Salvador Fernando Karadima Fariña** (1930): padre católico do Chile, condenado pelo Vaticano por crimes de pedofilia. Em 2010, foi revelado ao público a existência de denúncias de que ele cometeu abuso sexual. O processo civil, que foi inicialmente arquivado, acabou reaberto depois que um processo canônico paralelo, finalizado em 16 de janeiro de 2011, o condenou por abuso sexual contra menores com violência e abuso de sua autoridade eclesial. Em 21 de junho de 2011, a Santa Sé rejeitou o último recurso de Fernando Karadima, confirmando sua culpa. As acusações de pedofilia e efebofilia foram confirmadas. O arcebispo de Santiago, Ricardo Ezzati, anunciou a resolução da Santa Sé, confirmando a condenação estabelecida que o considerou culpado de repetidos abusos sexuais e psicológicos. (Nota da **IHU On-Line**)  
<sup>25</sup> **Juan Barros Madrid** (1956): é o atual bispo da diocese de Osorno no Chile. Ele assumiu o cargo em meio a polêmicas e protestos por sua proximidade com o padre Fernando Karadima Fariña, que foi canonicamente condenado por abuso sexual de menores. (Nota da **IHU On-Line**)

sexuais, provocou desconforto, muita controvérsia e empanou outros aspectos da visita.

No Peru, ao contrário, seu encontro com representantes dos povos indígenas no dia 19 de janeiro em Puerto Maldonado foi de grande empatia mútua e de compromissos mútuos para o presente e o futuro: “a Igreja não é alheia aos vossos problemas e à vossa vida, não quer ser estranha ao vosso modo de viver e de vos organizardes. Precisamos que os povos indígenas plasmem culturalmente as Igrejas locais amazônicas. E, a propósito, encheu-me de alegria ouvir um dos textos da *Laudato Si'* ser lido por um diácono permanente da vossa cultura. Ajudai os vossos bispos, ajudai os vossos missionários e as vossas missionárias a fazerem-se um só convosco e assim, dialogando com todos, podeis plasmar uma Igreja com rosto amazônico e uma Igreja com rosto indígena. Com este espírito, convoquei um Sínodo para a Amazônia no ano de 2019, cuja primeira reunião do Conselho Pré-Sinodal se realizará, aqui, hoje de tarde”. ■

## Leia mais

- **“No Brasil, há corpo mole em relação ao Papa Francisco, mas não discordância pública”**. Entrevista com Jose Oscar Beozzo, publicada nas Notícias do Dia de 16-1-2018, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2GnfozT>.
- **“O Vaticano II é o elemento estruturante da teologia de João Batista Libânio”**. Entrevista especial com José Oscar Beozzo, publicada nas Notícias do Dia de 31-1-2014, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2InhtBB>.
- **O retrato de um Brasil muito diferente**. Entrevista especial com José Oscar Beozzo, publicada nas Notícias do Dia de 27-8-2009, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2wKRVZD>.
- **“Pacto das Catacumbas, uma Igreja servidora e pobre”**. Entrevista com José Oscar Beozzo, publicada nas Notícias do Dia de 17-11-2015, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/2IsH5ZE>.
- **O êxito das teologias da libertação e as teologias americanas contemporâneas**. Artigo de José Oscar Beozzo, publicado no Cadernos Teologia Pública, número 93, <http://bit.ly/2ILzZ5W>.
- **Mater et Magistra – 50 Anos**. Artigo de José Oscar Beozzo, publicado no Cadernos Teologia Pública, número 54, disponível em <http://bit.ly/2rLjJcc>.

# O maio de 1968 no Chile

Joana Salém analisa as nuances latino-americanas do ano que sacudiu a segunda metade do século XX

Wagner Fernandes de Azevedo | Edição: João Vitor Santos

62

**A** América Latina, com todas suas particularidades, também viveu sua primavera revolucionária durante e após os movimentos revolucionários ocorridos no ano de 1968. A questão, no entanto, é que não é possível estabelecer uma relação direta de causa e consequência entre as manifestações francesas e as ocorridas no Sul de nosso continente, especialmente no Chile. “Claro que as mobilizações de 1968 insuflaram as esquerdas no Chile. Mas quais camadas e quais classes sociais das esquerdas? O projeto socialista era internacional, a militância marxista formava uma grande rede de rivalidades intelectuais e alianças políticas pelo mundo”, aponta Joana Salém em entrevista por e-mail à **IHU On-Line**.

“No Chile talvez um dos componentes paradoxais dessa influência tenha sido a intensificação do entusiasmo urbano e intelectual consigo mesmo. (...) O que não podemos perder de vista é que o impacto de 1968 para os estudantes da Universidade do Chile é completamente diferente do impacto dos mesmos acontecimentos para os camponeses de Ñuble, para os mapuches da Araucania ou para mineiros de Antofagasta”, complementa.

Dentre os personagens importantes no contexto chileno, Eduardo Frei Montalva ocupa um espaço paradoxal dentro dos movimentos de esquerda. “Eduardo Frei Montalva foi certamente muito mais transformador do que a maioria dos governos chamados ‘bolivarianos’ ou ‘progressistas’ recentes. Ao mesmo

tempo foi um dos políticos mais sistematicamente financiados pela CIA”, descreve Salém. “O reformismo de Frei, financiado pelos Estados Unidos, se mostrou uma fórmula radical e arriscada demais, acabou gerando o efeito oposto do desejado. (...) O governo democrata cristão pretendia criar instrumentos tutelares e canalizar as energias de revolta popular para configurações aceitáveis ao capitalismo chileno. Mas a DC perdeu o controle”, analisa.

**Joana Salém** é graduada em História pela Universidade de São Paulo - USP, mestra em Desenvolvimento Econômico pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp e doutoranda em História Econômica na USP. Atualmente, é pesquisadora visitante na University of California - UCI, Irvine. Especialista em América Latina, investiga a história das reformas agrárias, das esquerdas e das revoluções socialistas latino-americanas, articuladas à história do pensamento marxista, da teoria da dependência e da teoria do desenvolvimento. Entre suas publicações, destacamos *História agrária da revolução cubana: dilemas do socialismo na periferia* (São Paulo: Alameda, 2016) e *Cuba no século XXI: dilemas da revolução* (São Paulo: Elefante, 2017).

A entrevista com Joana Salém foi publicada originalmente na edição 521 da revista IHU On-Line e agora, a pedido da entrevistada, publicamos uma versão reeditada do texto.

**Confira a entrevista.**

**IHU On-line — Como a Unidad Popular<sup>1</sup> construiu sua base de apoio para a eleição de Salvador Allende<sup>2</sup> em 1970?**

<sup>1</sup> **Unidad Popular**: também conhecida pela sigla UP, foi uma coalizão eleitoral de partidos políticos de esquerda

no Chile que levou Salvador Allende à Presidência da República. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>2</sup> **Salvador Allende** (1908-1973): médico e político marxista chileno. Em 1970, foi eleito presidente do Chile pela Unidade Popular, um agrupamento político formado por

## “No Chile talvez um dos componentes paradoxais dessa influência tenha sido a intensificação do entusiasmo urbano e intelectual consigo mesmo”

**Joana Salém** — Uma primeira lembrança sobre as eleições chilenas de 1970 é que Salvador Allende ganhou com apenas 36,6% do eleitorado e menos de 40 mil votos de distância do segundo colocado, o conservador Jorge Alessandri<sup>3</sup>. Ou seja, essa “base de apoio” do Allende não era maioria absoluta. Não havia 2º turno e o Congresso precisava confirmar o candidato vitorioso. Joan Garcés<sup>4</sup>, assessor de Allende na época, narra que entre outubro e novembro de 1970 algumas articulações foram feitas para impedir que o socialista se tornasse presidente, entre a direita chilena, setores militares, a empresa estadunidense International Telephone and Telegraph e a CIA. Mas, naquele momento, o bloco da direita ainda estava muito fragmentado: alguns defendiam um golpe militar, outros uma obstrução pelo Congresso, e enfim o plano fracassou.

Joan Garcés também lembra que o governo da Unidade Popular - UP foi “emoldurado” por dois assassinatos emblemáticos: do general Schneider<sup>5</sup>, em outubro de 1970, e do ge-

neral Prats<sup>6</sup>, em setembro de 1974, ambos líderes do constitucionalismo dentro das Forças Armadas. Allende afinal tomou posse devido a um acordo com o terceiro candidato, Radomiro Tomic<sup>7</sup>, que representava a ala esquerda da Democracia Cristã - DC. Essa aliança com a DC tornou-se uma espécie de fantasma da Unidade Popular, objeto das maiores polêmicas da “via chilena ao socialismo”.

Um segundo ponto é que a base eleitoral de Allende era muito diversa e com trajetórias heterogêneas de luta popular: trabalhadores industriais, estudantes, mineiros, intelectuais, *pobladores* e camponeses de diferentes partes do país. Cada um desses setores carregava consigo memórias coletivas e experiências próprias, crenças e aspirações específicas, correspondentes a um acúmulo histórico de lutas, resistências

e conquistas. Isso é importante para entender que uma multiplicidade de expectativas sociais foi depositada no governo da Unidade Popular, gerando uma tensão crescente entre a criação do poder popular, a ação direta das bases de apoio e a absorção técnico-institucional das demandas “debaixo” pelo governo. Essa tensão talvez seja um dos processos históricos mais estudados da América Latina, porque o drama da “via chilena ao socialismo” condensa problemas até hoje vividos pelas esquerdas.

Por último, naquela conjuntura, a base de apoio de Allende cresceu expressivamente devido à decepção com o governo de Eduardo Frei Montalva<sup>8</sup>. A DC havia prometido uma “revolução em liberdade”, mas não foi capaz de executá-la na velocidade e sentido que seus apoiadores exigiam. Então uma parte dessa insatisfação com o reformismo de Frei se deslocou e se identificou com a retórica revolucionária da Unidade Popular.

**IHU On-line — Como a esquerda chilena estava organizada em relação aos movimentos sociais latino-americanos? Houve aproximação ou distanciamento com a Organização Latino-americana de Solidariedade - OLAS<sup>9</sup>?**

<sup>8</sup> **Eduardo Nicanor Frei Montalva** (1911-1982): filho de um imigrante suíço de classe média, foi político do partido centrista chileno democrata cristão e foi presidente do Chile de 1964 até 1970, sendo o primeiro democrata cristão chefe de Estado das Américas. (Nota da **IHU On-Line**)  
<sup>9</sup> **Organização Latino-Americana de Solidariedade - OLAS**: foi uma organização criada em agosto de 1967 em Cuba, composta por diversos movimentos revolucionários e anti-imperialistas da América Latina que, em maior ou menor medida, compartilhavam as propostas estratégicas da Revolução Cubana. A proposta de criação da OLAS se realizou depois do sucesso da Primera Conferencia Tricon-

socialistas, comunistas e por setores católicos e liberais do Partido Radical e do Partido Social Democrata que conta com grande apoio dos trabalhadores urbanos e camponeses. Governou o país até 11 de setembro de 1973, quando foi deposto por um golpe de estado liderado pelo chefe das Forças Armadas, Augusto Pinochet. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>3</sup> **Jorge Alessandri Rodríguez** (1896-1986): engenheiro, político e empresário chileno, filho de Arturo Alessandri Palma. Foi ministro da fazenda entre 1947 e 1950 e presidente da república entre 1958 e 1964. Disputou a eleição presidencial de 1970, mas perdeu para Salvador Allende, que se tornou o primeiro chefe de estado marxista democraticamente eleito do mundo. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>4</sup> Joan Garcés, *Allende e as armas da política*. São Paulo: Scritta, 1993. (Nota da entrevistada)

<sup>5</sup> **General René Schneider Chereau** (1913-1970): foi o Comandante-em Chefe das Forças Armadas chilenas no período da eleição de Salvador Allende à presidência do Chile, durante o qual foi assassinado numa tentativa de sastrada de sequestro, atribuída ao Projeto Fubelt. O escândalo e a revolta provocada por seu assassinato ajudou Salvador Allende a ser confirmado pelo Congresso Nacional dois dias depois. Schneider criou a doutrina de mútua exclusão político-militar, que se tornou conhecida como

a “Doutrina Schneider”. Considerado um militar constitucionalista, seu assassinato gerou um repúdio generalizado na nação chilena. Antes do golpe em 1973, o General Pinochet faria um tributo ao General Schneider que havia sido morto, disse: “[morreu] porque defendeu nossas instituições democráticas... e os princípios constitucionais e legais que todo militar jura respeitar e obedecer”. Durante os anos iniciais de sua ditadura, Pinochet perdeu os assassinos de Schneider. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>6</sup> **General Carlos Prats González** (1915-1974): foi Comandante-em Chefe do Exército chileno, antecedendo Augusto Pinochet nesse cargo. Foi nomeado Comandante em Chefe das Forças Armadas pelo Presidente Eduardo Frei Montalva, logo após o assassinato de seu antecessor e amigo General René Schneider, tendo sido ratificado no cargo por Salvador Allende, de quem foi também Ministro do Interior, Ministro da Defesa e Vice-presidente da República. Constitucionalista e legalista, recusou-se a participar de qualquer golpe de estado, razão pela qual se viu obrigado a renunciar, abrindo assim o caminho para o sangrento golpe militar de Augusto Pinochet. Morreu no exílio em Buenos Aires. Foi uma das vítimas do regime ditatorial de Pinochet sendo alvo de um atentado a bomba cometido em 1974 pela Dirección de Inteligencia Nacional DINA, a polícia secreta pinochetista, em Buenos Aires, no qual morreu, juntamente com a esposa, Sofia Cuthbert. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>7</sup> **Radomiro Tomic Romero** (1914-1992): foi um político chileno, candidato à presidência da República na eleição de 1970. Advogado da Pontifícia Universidade Católica do Chile. Ele começou sua atividade política nos círculos sociais cristãos da UC. Foi um dos cofundadores da National Falange (futura Democracia Cristã). (Nota da **IHU On-Line**)

**Joana Salém** — “A esquerda” é uma ficção. Existem muitas esquerdas, com prioridades, programas, teorias, métodos e práticas diferentes. A cultura política das esquerdas latino-americanas é extremamente complexa e diversificada. Por isso, as esquerdas chilenas se relacionavam com os movimentos sociais latino-americanos e com a OLAS de maneiras variadas.

O território político propulsor da OLAS e da OSPAAAL era Havana. Em 1967, quando surgiram, Cuba iniciou o movimento de “ofensiva revolucionária”, um dos mais radicalizados esforços coletivos de construção do socialismo até então – ou do que se imaginava que deveria ser o socialismo. A relação das esquerdas chilenas com a revolução cubana era bastante complexa. Por um lado, a revolução cubana era a grande fonte de inspiração para todas as esquerdas do continente, um exemplo que exercia atração implacável sobre o imaginário popular. Por outro lado, a mesma revolução cubana desarmava a tese do “feudalismo” e da necessidade da “etapa burguesa”, adotada pela oficialidade dos Partidos Comunistas. O debate da via chilena entrava nessa frequência: era possível construir o socialismo com recursos institucionais capitalistas? Era desejável?

### Distinções entre Chile e Cuba

O historiador Peter Winn<sup>10</sup> conta que durante o bombardeio ao Palácio de La Moneda em 11 de setembro, Allende carregava a arma que tinha ganhado de presente de Fidel Castro<sup>11</sup>, na qual estaria inscrito: “A

*meu bom amigo Salvador Allende, de Fidel, que por meios diferentes tenta atingir os mesmos objetivos*”<sup>12</sup>. O partido mais *guevarista* da revolução chilena, o MIR, era uma pedra no sapato dos comunistas. A relação entre comunistas chilenos e o *miristas* chegou a ultrapassar a mera rivalidade para tornar-se confronto direto.

Nesse sentido, a solidariedade internacional era ambivalente. Por exemplo, os *miristas* enviavam seus quadros para treinamento guerrilheiro em Cuba e quando voltavam não havia no Chile cenário social compatível com a guerrilha. Os comunistas adotavam uma retórica entusiasta da revolução cubana, mas sem nunca compactuar com sua tática e insistindo na necessidade vital da aliança com a pequena burguesia. Todos queriam propagar a revolução na América Latina, mas cada um da sua maneira, então as expressões da solidariedade eram marcadas pela presença dessas divisões.

### Solidariedades de esquerdas

Por último, diria que as esquerdas chilenas demonstraram sua solidariedade internacional de duas formas, igualmente importantes. Primeiro, no período dos governos da DC e da UP (1964-1973), o Chile tornou-se um território de acolhimento de exilados, um verdadeiro “receptor de perseguidos” no contexto da Guerra Fria. Quando Allende foi eleito, o Brasil e o Paraguai já estavam em ditadura militar e a Argentina vivia uma sucessão de golpes. Não por acaso, entre os perseguidos pelas ditaduras estavam quadros de alto escalão, parte da *intelligentsia* das esquerdas de vários países. Santiago do Chile tornou-se um dos principais destinos de exilados políticos do Cone Sul, uma verdadeira capital das esquerdas sul-americanas. Nesse sentido, a experiência de poder da Unidade Popular foi absolutamente transnacional, contando com a participação direta de brasileiros,

uruguaios, argentinos, paraguaios, bolivianos etc.

Uma segunda forma de solidariedade aconteceu depois do golpe de 1973, quando parte da esquerda chilena articulou as redes internacionais contra a tortura, contra as ditaduras, contra a violação dos direitos humanos. E outra parte, ainda esperançosa na revolução, optou por um ativismo de “ofensiva”, enviando militantes para atuarem diretamente em guerrilhas na Nicarágua, no Peru, na Argentina e outras partes do continente.

### IHU On-line — Qual a importância do Movimento de los Pobladores<sup>13</sup> na história do socialismo chileno? Como o movimento se construiu?

**Joana Salém** — Sobre os movimentos de *pobladores*, recomendo a leitura do novo livro da historiadora brasileira Márcia Cury<sup>14</sup>. A autora dedicou um capítulo à história dos *pobladores* e sua relação com os partidos da esquerda chilena. A tese de Cury é que as experiências da luta por moradia nas periferias de Santiago, intensificadas desde a década de 1950 e culminando em 1970, criaram laços práticos de solidariedade popular entre os “subalternos” que foram pouco a pouco transformando a visão dos partidos de esquerda sobre a luta de classes. Cury mostra que, tradicionalmente, comunistas e socialistas adotavam um esquema político mais rígido, atribuindo à classe operária o papel de “sujeito revolucionário” por definição e secundarizando as lutas sociais que ocorressem fora da esfera produtiva, nos bairros.

Porém, a crescente auto-organização dos sem-casa e a ampla adesão às *tomas* por moradia nas periferias da capital acabaram por deslocar a atenção dos partidos da Unidade Popular para esse lugar “secundário”. Assim, os partidos de esquerda se incorporam, participam e aprendem com a luta dos *pobladores* – cada um com seu reper-

tinental de Solidaridad Revolucionaria, na qual se reuniram mais de quinhentos delegados de organizações revolucionárias da Ásia, África e América Latina. A conferência ocorria em meio à crise dos mísseis cubanos, e o objetivo era ampliar a luta contra o imperialismo norte-americano e expandir a revolução. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>10</sup> **Peter Winn**: é professor de história na Tufts University, especializado em América Latina. Lecionou na Universidade de Princeton durante a década de 1970, onde lecionou Sonia Sotomayor, membro da Suprema Corte dos Estados Unidos, em quatro turmas e onde foi seu orientador de tese. *Veja Antonia Félix, Sonia Sotomayor. O verdadeiro sonho americano* (Berkeley Books, Nova York 2010) em 1944. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>11</sup> **Fidel Alejandro Castro Ruz** (1926-2016): foi um político e revolucionário cubano que governou a República de Cuba como primeiro-ministro de 1959 a 1976 e depois como presidente de 1976 a 2008. Politicamente, era nacionalista e marxista-leninista. Ele também serviu como primeiro-secretário do Partido Comunista de Cuba de 1961 até 2011. Sob sua administração, Cuba tornou-se um Estado socialista autoritário unipartidário, a indústria e os negócios foram nacionalizados, e reformas socialistas foram implementadas em toda a sociedade. Castro morreu

em Havana na noite de 25 de novembro de 2016, aos 90 anos. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>12</sup> Peter Winn, *A revolução chilena*. São Paulo: Ed. Unesp, 2010. (Nota da entrevistada)

<sup>13</sup> Movimento dos colonos, em tradução livre. É um movimento de agricultores que se articula no Chile. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>14</sup> Ver Márcia Cury, *O protagonismo popular: experiências de classe e movimentos sociais na construção do socialismo chileno (1964-1973)*. Campinas: Editora da Unicamp, 2017. (Nota da entrevistada)

tório e programa. Segundo a historiadora, as bases sociais “transformaram” os partidos, da mesma maneira que os partidos influenciaram o processo de politização popular, ou seja, existiu um aprendizado mútuo, cheio de conflitos e contradições. A principal marca desse aprendizado era a possibilidade de uma luta social que inaugurava em si mesma um novo modo de vida e uma nova relação entre território, sociabilidade e poder popular.

Acho que com esse estudo Márcia Cury<sup>15</sup> sugere um debate fundamental para as esquerdas contemporâneas, sobre a importância do cotidiano e dos espaços de reprodução da vida para a razão de ser da esquerda; sobre a militância comunitária, o aprendizado dos partidos com a luta popular auto-organizada e os vínculos de solidariedade tecidos dessa troca.

### IHU On-line — Qual a importância do Massacre de Puerto Montt para a história chilena?

**Joana Salém** — O massacre de Puerto Montt foi uma repressão realizada pelo governo Eduardo Frei Montalva contra *pobladores* em 1969. Embora não fosse um ato de repressão isolado, gerou grande impacto porque 10 pessoas foram mortas, incluindo um bebê. Esse massacre foi um dos símbolos de desgaste sofrido pela retórica da “revolução em liberdade” proposta pela Democracia Cristã, que ia encontrando limites cada vez mais evidentes. O reformismo de Eduardo Frei Montalva, aliás, é um outro tema interessante para reflexão sobre os limites do reformismo na América Latina contemporânea.

Eduardo Frei Montalva foi certamente muito mais transformador do que a maioria dos governos chamados “bolivarianos” ou “progressistas” recentes. Ao mesmo tempo foi um dos políticos

mais sistematicamente financiados pela CIA até aquele período, como está registrado nos documentos desclassificados da própria agência. Naquele contexto, Kennedy<sup>16</sup> tinha alterado a política dos Estados Unidos para América Latina, propondo uma agenda de reformas estruturais de tipo Cepalino, através da plataforma da Aliança para o Progresso. O objetivo era evitar a revolução. Mas o reformismo de Frei, financiado pelos Estados Unidos, se mostrou uma fórmula radical e arriscada demais, acabou gerando o efeito oposto do desejado.

A sociedade chilena possuía uma classe trabalhadora cada vez mais organizada. O próprio governo Frei foi um forte propulsor da organização popular, por exemplo, com a lei de sindicalização camponesa de abril de 1967, que enfim permitiu que os trabalhadores rurais se associassem legalmente. O governo democrata cristão pretendia criar instrumentos tutelares e canalizar as energias de revolta popular para configurações aceitáveis ao capitalismo chileno. Mas a DC perdeu o controle. A sociedade atravessava um processo de empoderamento popular e auto-organização sem precedentes e os mecanismos de tutela não resistiram. Assim, o governo reformista tutelador vestiu sua armadura de governo repressor, para tentar recuperar o controle. O ônus dessa repressão, como comentei, foi pago nas eleições seguintes, quando o projeto mais radical da UP se sintonizou com os anseios populares.

### IHU On-line — Qual foi a importância da Reforma Agrária na disputa política chilena?

**Joana Salém** — Esse é o tema da minha tese de doutorado que

estou desenvolvendo na USP. A reforma agrária teve uma importância transcendental para a história chilena nesse período. Até 1958, os camponeses eram reféns de um sistema eleitoral que favorecia o *cohecho*: os patrões e seus partidos imprimiam as cédulas de votação e assim podiam controlar os votos e arrebatar seus *inquilinos* e empregados. Desde 1958, a cédula passou a ser impressa pelo Estado e os partidos Conservador e Liberal perderam o controle do voto camponês. Por isso, em 1964, a Democracia Cristã foi eleita expressivamente pelo voto camponês, com a promessa da reforma agrária. Só que a promessa da reforma agrária da DC tinha dois destinatários: os Estados Unidos e os camponeses. Como conciliar essas expectativas? Impossível. Os diferentes modelos de reforma agrária produzidos na América Latina nesse período foram se mostrando cada vez mais opostos e inconciliáveis.

Com a lei de reforma agrária de 1967, o governo Frei tentou agradar a todos, gerando uma amplitude legal enorme para a aplicação de uma reforma agrária bastante profunda. Um dos autores da lei, Jacques Chonchol<sup>17</sup>, rompeu com a DC em 1969 e fundou o Movimento de Acción Popular Unitário - Mapu, que integrou a UP com alto poder de direção. Depois, Chonchol foi Ministro da Agricultura de Salvador Allende e passou a ser o executor, num governo socialista, da lei que havia ajudado a formular durante sua atuação em um governo capitalista<sup>18</sup>.

### A reforma agrária de Eduardo Frei

O principal motor da lei de reforma agrária de Eduardo Frei era a expropriação de todas as propriedades maiores que 80 *hectares de riego básico* - HRB, uma unidade que media fertilidade da terra e não correspondia à superfície física. Começa aí a confusão, porque quem conseguia

15 **Márcia Carolina de Oliveira Cury**: historiadora, Doutora em Ciência Política (2013) pela Universidade Estadual de Campinas, com graduação (2004) e mestrado (2007) em História pela Universidade Estadual Paulista - Franca. Foi membro do corpo de editores da Revista História Social. Atua na área de História, com ênfase em História da América, nos seguintes temas: história social, história política, movimentos sociais, classe trabalhadora, partidos políticos, pensamento político, Chile. Dedicou-se também à área de Metodologia de Pesquisa, Iniciação científica, Historiografia e História Contemporânea. (Nota da **IHU On-Line**)

16 **John Kennedy** [John Fitzgerald Kennedy] (1917-1963): foi um político estadunidense que serviu como 35º presidente dos Estados Unidos (1961-1963) e é considerado uma das grandes personalidades do século XX. Ele era conhecido como John F. Kennedy ou Jack Kennedy por seus amigos e popularmente como JFK. Eleito em 1960, Kennedy tornou-se o segundo mais jovem presidente do seu país, depois de Theodore Roosevelt. Ele foi presidente de 1961 até o seu assassinato em 1963. Durante o seu governo houve a Invasão da Baía dos Porcos, a Crise dos mísseis de Cuba, a construção do Muro de Berlim, o início da Corrida espacial, a consolidação do Movimento dos Direitos Civis nos Estados Unidos e os primeiros eventos da Guerra do Vietnã. O presidente Kennedy morreu assassinado em 22 de novembro de 1963 em Dallas, Texas. O ex-fuzileiro naval Lee Harvey Oswald foi preso e acusado do assassinato, mas foi morto dois dias depois, por Jack Ruby e por isso não foi julgado. (Nota da **IHU On-Line**)

17 **Jacques Chonchol Chait**: agrônomo e político chileno que desempenhou um papel importante na reforma agrária realizada sob o governo de Eduardo Frei Montalva e que mais tarde se tornou ministro da Agricultura de Salvador Allende. (Nota da **IHU On-Line**)  
18 Em 2011, fiz uma entrevista com Jacques Chonchol sobre a revolução agrária cubana, que foi publicada com o título “Jacques Chonchol em Cuba: reforma agrária e revolução em 1961”. Ver *Revista Moura* nº 7, São Paulo, 2012. Disponível em: <http://bit.ly/2jsb09L>. (Nota da entrevistada)

convencer os camponeses que uma propriedade com 300 hectares físicos não era expropriável pela lei, porque tinha 70 HRB? Centenas de *tomas* ocorreram nessas circunstâncias. Os técnicos mostravam as tabelas de conversão de hectares físicos em HRB e muitos camponeses se recusavam a aceitar, era uma linguagem técnica alienígena, que nada tinha a ver com o universo cultural deles.

O governo Allende, quando eleito, não mexeu na lei, mas foi aplicá-la até suas últimas consequências, inclusive expropriando sem direito à reserva patrimonial as propriedades “mal exploradas”. Outro problema é que a lei não dizia com exatidão o que era uma propriedade “mal explorada” e esse conceito dependia de técnicos do Estado locais, que eram filiados a partidos políticos. Mais um flanco de conflitos sem fim. No fim das contas, a DC expropriou 3,5 milhões de hectares em cinco anos e a UP expropriou 5,3 milhões em três anos. Somadas, 43% das terras agrícolas chilenas foram expropriadas em um processo revolucionário pacífico e sem paralelo na história mundial.

Como novidade, a UP introduziu dois decretos: um que criava uma nova forma de propriedade (os Centros de Reforma Agrária) para substituir os assentamentos. E outro que criava os Conselhos Camponeses, para integrar territorialmente diferentes organizações de trabalhadores rurais e representá-las perante o governo. Os dilemas da “via chilena ao socialismo” se expressaram de maneira aguda no campo: a pequena burguesia agrária era uma aliada ou uma inimiga? As *tomas* ilegais de terras, organizadas pelos camponeses com a esquerda revolucionária, eram construtivas ou destrutivas para a estratégia socialista?

### Foco de estudos

Minha pesquisa de doutorado tem como foco os programas educacionais de capacitação técnica, formação política e alfabetização camponesa no contexto da reforma agrária e as decisões sobre as formas de propriedade individuais ou coletivas. Quero associar a história econômica à história cultural no contexto da transição

socialista. Estou investigando a participação de Paulo Freire<sup>19</sup> na coordenação dos programas de alfabetização do governo Frei, as aplicações do seu método no campo, as divergências com os métodos de assistência técnica e extensão rural e, em suma, como as contradições políticas e sociais da “via chilena ao socialismo” se expressaram em termos de *batalhas pedagógicas e epistemológicas* no campo.

### IHU On-line — As mobilizações sociais de 1968 ao redor do mundo influenciaram positivamente ou negativamente a ascensão do governo Allende? Como?

**Joana Salém** — No fim dos anos 1980, o historiador Gabriel Salazar<sup>20</sup> escreveu um trabalho chamado *De la generación chilena de '68: omnipotencia, anomia, movimiento social?*. Nesse artigo, ele queria desvendar qual seria o papel da geração de 1968 no processo de democratização que se abria nos anos 1990, a partir de uma análise das memórias e da autopercepção daquela geração sobre si mesma. Salazar estava participando de um debate entre seus pares, já que ele mesmo é praticamente da mesma geração e se propôs a criticar alguns colegas e defender abertamente uma posição política radical sobre os rumos do país.

Nesse texto, o historiador critica o que ele chamou de uma “pesada autoimagem” da geração de 1968, isto é, uma espécie de enamoramento narcísico que explicaria a intensidade do “voluntarismo histórico” com que a juventude de esquerda se lançou a uma tarefa autoatribuída: ser vanguarda revolucionária e “lutar até as últimas consequências”. Salazar enfatizou que a ideia da “infalibilidade dos

líderes”, o sentimento de onipotência e a sobrevalorização das próprias capacidades foram componentes tóxicos dessa cultura política geracional. Sua crítica ao vanguardismo em termos políticos tinha a mesma embocadura da sua crítica às metanarrativas estruturalistas em termos historiográficos. Ele propôs a recuperação do que chama de “historicidade popular”, pois “a vanguarda marcava ritmos que, por sua velocidade, só podiam ser seguidos cegamente pelas bases, submetendo o povo a solavancos” (p. 100).

Claro que as mobilizações de 1968 insuflaram as esquerdas no Chile. Mas quais camadas e quais classes sociais das esquerdas? O projeto socialista era internacional, a militância marxista formava uma grande rede de rivalidades intelectuais e alianças políticas pelo mundo. Mas pensando no argumento do Salazar, no Chile talvez um dos componentes paradoxais dessa influência tenha sido a intensificação do entusiasmo urbano e intelectual consigo mesmo. A ampliação de uma “autoimagem pesada” das vanguardas, a expansão de um sentimento paradoxal de responsabilidade, que misturava no mesmo projeto uma solidariedade profunda com os destinos do “povo” e uma espécie de “narcisismo geracional”. Seria um tema interessante de pesquisa investigar como as vanguardas partidárias tratavam os acontecimentos de 1968 nas suas liturgias e formações para as “bases”. Não saberia responder. O que não podemos perder de vista é que o impacto de 1968 para os estudantes da Universidade do Chile é completamente diferente do impacto dos mesmos acontecimentos para os camponeses de Ñuble, para os mapuches da Araucanía ou para mineiros de Antofagasta.

### IHU On-line — Como estavam organizados esses movimentos sociais no golpe militar de 1973? Como se deu a resistência?

**Joana Salém** — No famoso filme de Patricio Guzmán<sup>21</sup>, *A Batalha do*

<sup>19</sup> Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista *IHU On-Line*, de 11-6-2007, teve como título *Paulo Freire: pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>20</sup> Gabriel Salazar Vergara (1936): historiador chileno. Ele é conhecido no Chile por seu estudo da história social e interpretações de movimentos sociais, particularmente os recentes protestos estudantis de 2006 e 2011-12. (Nota da *IHU On-Line*)

<sup>21</sup> Patricio Guzmán Lozanes (1941): diretor de cinema chileno, especializado em documentários. Dirigiu o filme *Salvador Allende*, sobre o ex-presidente chileno Salvador Allende, e *Nostalgia da Luz*, uma de suas obras mais pre-

*Chile: a luta de um povo sem armas*, são mostradas algumas cenas de militares entrando em casas de bairros pobres, em sindicatos e fábricas para recolher supostas armas armazenadas pela população em 1973. Era a aplicação da Lei de Controle de Armas, aprovada pelo próprio governo Allende, depois da incorporação de militares no gabinete, em outubro de 1972. A verdade é que nem o MIR nem os setores radicais do Partido Socialista, que defendiam resistência armada, estavam preparados.

Existiam alguns armamentos escondidos de agrupamentos pequenos, mas eram basicamente para autodefesa local, uso pessoal, nada compatível com a artilharia pesada de um exército. Por um lado, a ideia de uma “etapa armada” era retórica e pouco efetiva. Ou seja, se os setores revolucionários tinham razão em termos discursivos, porque foi impossível conciliar a transição socialista com a institucionalidade burguesa, eles não desenvolveram a capacidade político-técnica de fazer valer suas próprias proposições. O que restava era a confiança na indisciplina dos soldados, que poderiam criar um motim contra a ordem golpista.

Mas no fim, o respeito às hierarquias militares, que era um argumento de Salvador Allende em defesa da capacidade institucional do Estado de contornar a crise dentro da Constituição, serviu exatamente para consolidar o golpe. Os soldados indisciplinados foram rapidamente executados, não houve resistência armada significativa da população. Salazar, dentro de sua posição crítica ao vanguardismo, escreve que o golpe gerou um “caos disciplinar” nas esquerdas, pois as bases dos partidos esperavam receber ordens que chegaram defasadas e uma cultura partidária legalista colapsou diante da ausência da lei. Os movimentos populares, na sua dimensão de disputa aberta e sindical, foram solapados, mas na sua dimensão de resistência silenciosa, cotidiana

miadas, em que mostra o deserto do Atacama como o centro de dois tipos de pesquisa bem distintos: por um lado, é a sede de importantes estudos astronômicos, e por outro é local em que parentes de desaparecidos políticos do regime militar do Chile realizam buscas por restos mortais de seus familiares. (Nota da **IHU On-Line**)

e constante, estiveram ativos ao longo de toda a ditadura.

**IHU On-line — Como compreender a alternância de poder nas últimas quatro eleições entre Michelle Bachelet<sup>22</sup> e Sebastián Piñera<sup>23</sup> na presidência do Chile?**

**Joana Salém** — A alternância entre Bachelet e Piñera pode ser entendida a partir do sistema que os chilenos chamam de duopólio, resultado da Constituição de 1980 e das regras eleitorais criadas pelo próprio regime Pinochet<sup>24</sup>. Essas regras favorecem a criação de dois blocos moderados, que têm tonalidades de esquerda ou direita, mas efetivamente não pretendem mudar muito as regras do jogo que os estabiliza no poder.

Durante o primeiro governo de Bachelet, a Concertación alcançou a maioria necessária para mudar algumas regras da Constituição e optou por não fazê-lo. Enfim, são as duas faces do mesmo sistema. Embora tenham diferenças, nenhum deles se propõe a alterar a Constituição de 1980 de maneira profunda, como indica o aparente abandono da iniciativa de reforma constitucional do governo Bachelet em 2016-2017.

**IHU On-line — É reconhecida a força do movimento estudantil chileno, a ponto de inspirar os movimentos de ocupação de**

<sup>22</sup> Michelle Bachelet [Verónica Michelle Bachelet Jeria] (1951): médica e política chilena. É a atual presidente da República do Chile, eleita em 2006. Desde 2008, é também presidente da União de Nações Sul-Americanas. Membro do Partido Socialista do Chile, ela ocupou o lugar de ministra da Saúde no governo de Ricardo Lagos, entre 2000 e 2002, e mais tarde, o de ministra da Defesa, sendo a primeira mulher a exercer este cargo na América Latina. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>23</sup> Miguel Juan Sebastián Piñera Echenique (1949): é um economista, empresário e político chileno. Foi membro do partido de centro-direita Renovación Nacional pelo qual foi eleito presidente do Chile. Assumiu o cargo em 11 de março de 2010, sucedendo Michelle Bachelet, ao qual abandonou em 11 de março de 2014. É novamente o atual presidente do Chile, desde 11 de março de 2018. (Nota da **IHU On-Line**)

<sup>24</sup> Augusto Pinochet (1915-2006): general do exército chileno, governante do Chile após chegar ao poder em 11 de setembro de 1973, pelo Decreto Lei Nº 806 editado pela junta militar (Conselho do Chile), que foi estabelecida para governar o Chile após a deposição e suicídio de Salvador Allende, e posteriormente tornado senador vitalício de seu país, cargo que foi criado exclusivamente para ele, por ter sido um ex-governante. Governou o Chile entre 1973 e 1990, depois de liderar a junta militar que derrubou o governo de Salvador Allende. (Nota da **IHU On-Line**)

**escolas e universidades no Brasil. Apesar desse contexto, você afirma que a democracia chilena vive sob o espectro de Pinochet. Como essas contradições se formaram? Qual a possibilidade de síntese desse conflito?**

**Joana Salém** — As contradições na educação chilena são fruto de uma política educacional de Pinochet, aperfeiçoada pelos governos democráticos, em que o Estado é subsidiário, a responsabilidade de educar é constitucionalmente entregue à iniciativa privada e os setores empresariais e públicos de ensino têm fronteiras pouco definidas. Recentemente chamou a atenção a notícia sobre a gratuidade das universidades públicas, aprovada nos últimos dias do governo Bachelet. Mas pouco se falou que essa gratuidade não é universal e está condicionada ao crescimento do Produto Interno Bruto - PIB, além de não romper com a lógica do Estado subsidiário. Claro que pode ser considerado um “avanço” no direito de estudar dos mais pobres, mas dentro da mesma ordem constitucional da ditadura e com limites evidentes.

O problema educacional chileno é tão importante no conjunto de disputas sociais que os estudantes da geração de 2011 têm sido protagonistas da ruptura das novas esquerdas com a Concertación, através dessa ferramenta heterogênea chamada Frente Ampla, que conquistou 20 deputados nas últimas eleições. As tensões de classe dentro da nova esquerda continuam e é preciso refletir sobre elas.

Como romper com a ordem pinochetista? Com quais estratégias e movimentos? Alguns setores da Frente Ampla consideram problemático que a articulação de um discurso estudantil mais elitista ganhe projeção sobre as lutas dos sem-terra, dos mapuches, dos trabalhadores e camponeses. O debate sobre as tensões das classes sociais dentro das esquerdas não pode ser ignorado e tem desdobramentos políticos decisivos. ■

# O papel do African Renaissance na inserção da África do Sul no continente

Anselmo Otavio

“O *African Renaissance* diz respeito à construção de uma nova interação entre África do Sul, África e o mundo, onde os países industrializados, interessados pelos recursos naturais existentes no continente, auxiliariam na resolução dos desafios existentes no continente, como, por exemplo, na busca pelo desenvolvimento”, escreve Anselmo Otavio.

**Anselmo Otavio** é professor doutor do curso de Relações Internacionais da Unisinos e Pesquisador do CEBRAFRICA/UFRGS.

**Eis o artigo.**

## Introdução

No mês de abril de 2018 completaram-se vinte anos do discurso intitulado *The African Renaissance, South Africa and the World*. Proferido por Thabo Mbeki na Universidade das Nações Unidas no ano de 1998, este discurso voltava-se não apenas à proposta sul-africana de interação com o mundo, mas, fundamentalmente, à resolução de um dos principais desafios da política externa sul-africana: a inserção regional. É pautado nesta maior aproximação entre África do Sul e continente africano que o artigo busca analisar, de modo comparativo, os impactos das administrações Mandela (1994-1998) e Mbeki (1999-2008) na inserção sul-africana no continente.

## Mandela e os desafios à integração regional

O rompimento com a política externa que até então guiava a atuação de Pretoria no âmbito internacional foi um dos principais objetivos da administração Mandela. Embora no âmbito regional houvesse o desejo da inserção sul-africana, e, ainda que admitido na OUA e na Comunidade de Desenvolvimento da África Austral (SADC), em verdade o que se viu foi a dificuldade em intensificar as relações com os países africanos. Um primeiro exemplo dessa dificuldade pode ser encontrado na interação com a Nigéria, país que entrava na década de 1990 diante do golpe militar efetivado por Sani Abacha em 1993. Neste episódio, Pretoria buscou o isolamento regional da Nigéria, fato não consubstanciado, uma vez que a ação sul-africana foi interpretada como unilateral e autoritária, qualidades que remetiam à política externa desenvolvida pelo regime *apartheid*.

Um segundo exemplo refere-se à existência de constantes conflitos de interesses entre a África do Sul e o Zimbábue. Neste caso, destaca-se a criação e, sobretudo, a função do Órgão de Política, Defesa e Segurança (OPDS), onde Pretoria defendia a submissão desta a SADC, enquanto Harare objetivava a independência do OPDS. Por fim, um terceiro exemplo diz respeito à Guerra Civil no Lesoto, cuja entrada de militares das Forças Armadas sul-africanas, esta legitimada pela SADC (Operação Boleas), acabou por remeter a um passado marcado por intervenções realizadas pela África do Sul durante o regime racista, bem como à tentativa de Malan (1948-1954) em englobar o Lesoto ao território sul-africano, objetivo este não alcançado.

## O *African Renaissance* e a priorização da África

Além da adoção dos pontos defendidos por Mandela, a administração Mbeki foi marcada pela busca em difundir o *African Renaissance*. Grosso modo, esta doutrina diz respeito à construção de uma nova interação entre África do Sul, África e o mundo, onde os países industrializados, interessados pelos recursos naturais existentes no continente, auxiliariam na resolução dos de-

## “O rompimento com a política externa que até então guiava a atuação de Pretoria no âmbito internacional foi um dos principais objetivos da administração Mandela”

safios existentes no continente, como, por exemplo, na busca pelo desenvolvimento, e, em contrapartida, os países africanos passariam a adotar políticas que respeitassem a democracia, os direitos humanos, o respeito ao meio ambiente, dentre outras.

No âmbito regional, a consubstanciação da responsabilidade mútua pode ser encontrada na criação da NEPAD, esta voltada à dinamização do desempenho econômico do continente. Uma segunda iniciativa refere-se à transição da OUA em UA, evento marcado pela adoção de pontos defendidos pelo *African Renaissance*, tais como o respeito aos direitos humanos, a democracia e a boa governança. Por fim, um terceiro exemplo diz respeito à *quiet diplomacy*, esta entendida como “uma tática e uma estratégia de engajamento dos beligerantes por trás dos bastidores com o objetivo de levá-los a um acordo negociado” (LANDSBERG, 2005, p. 734, tradução nossa). Neste caso, destaca-se a atuação sul-africana no Zimbábue, tanto na aproximação entre Inglaterra e Zimbábue, bem como entre o partido governista e a oposição. Em tais mediações os resultados esperados não foram alcançados, porém, a priorização da negociação ao invés da crítica, e a negativa às sanções diplomáticas e econômicas impostas pela Comunidade Internacional ao Zimbábue, foram escolhas vistas como respeitadas à solidariedade africana.

Se por um lado as três iniciativas anteriores representaram a consubstanciação do *African Renaissance*, por outro, elas se tornaram peças importantes na elevação desta doutrina para um novo patamar, no caso, para a criação da Agenda Africana. Grosso modo, a Agenda Africana pode ser entendida como a fase de continuidade e intensificação do *African Renaissance*. Continuidade, uma vez que se mantém fiel ao incentivo à criação e adoção de sistemas democráticos pelos países africanos, à busca pela paz e segurança do continente, à criação de meios que levem ao crescimento econômico dos países africanos, dentre outros objetivos defendidos por esta doutrina de renovação africana. Intensificação, visto que se buscou potencializar a interação entre a África do Sul e os países africanos. Reflexo disso pode ser encontrado na formação de estratégias entre Pretoria e países como Argélia, Nigéria, Gana, Tanzânia, Moçambique, Botsuana, entre outros; bem como no estímulo a empresas sul-africanas investirem cada vez mais no continente africano.

### Considerações Finais

Se durante a administração Mandela (1994-1998) tornou-se claro o desafio em garantir a melhor inserção da África do Sul no continente, este exemplificado nos episódios relacionados à interação sul-africana junto à Nigéria, ao OPDS e à intervenção militar no Lesoto, ao longo da administração Mbeki ficou claro a maior intensificação da relação entre África do Sul e o continente africano. Exemplo disso pôde ser constatado na transformação da OUA em UA, na criação da NEPAD, no uso da *quiet diplomacy* e na criação da Agenda Africana, esta que passou a estimular empresas sul-africanas a investirem no continente africano.

#### Bibliografia

LANDSBERG, C. Toward a Developmental Foreign Policy? Challenges for South Africa's Diplomacy in the Second Decade of Liberation. *Social Research*, [S.l.], v. 72, n. 3, p. 723-757, 2005.

MBEKI, T. *Speech by Deputy President Thabo Mbeki at the United Nations University: The African Renaissance, South Africa and the World*. [S.l.], 9 Apr. 1998.

#### Expediente

Coordenador do curso de Relações Internacionais da Unisinos: Prof. Ms. Álvaro Augusto Stumpf Paes Leme

Editor: Prof. Dr. Bruno Lima Rocha

# A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval

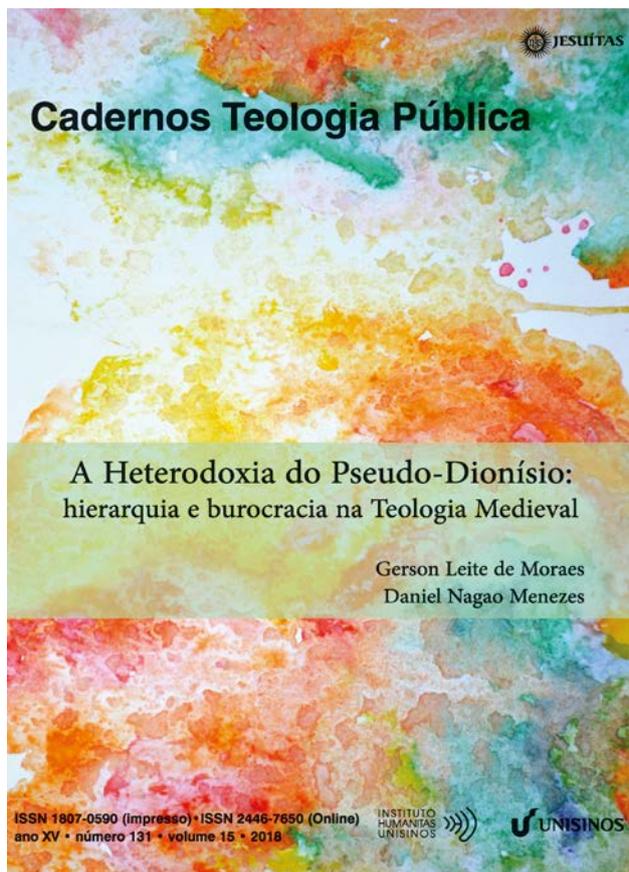
A edição 131 do Cadernos Teologia Pública traz o texto de Gerson Leite de Moraes e Daniel Nagao Menezes, ambos professores da Universidade Presbiteriana Mackenzie, em que discutem a produção teórica de Pseudo-Dionísio, importante autor para a mística cristã ocidental durante a Idade Média. Intitulado *A Heterodoxia do Pseudo-Dionísio: hierarquia e burocracia na Teologia Medieval* o texto tem por finalidade descrever o papel desses escritos na Teologia Política Medieval e demonstrar como a noção

de hierarquia não está presente na oikonomia trinitária dos primeiros séculos da Igreja cristã.

“A obra do Pseudo-Dionísio representa uma fusão entre o cristianismo e o neoplatonismo, em que ficam evidentes as influências de Plotino e Proclo, lídimos representantes de releituras de Platão. Seu valor se mostra tanto no campo teológico, quanto no filosófico, sendo que a união de tais campos possibilita a construção de uma teologia política. Na Teologia, é de suma importância a distinção feita entre a Teologia Positiva, também chamada de catafática (do grego, katáphasis = afirmação), e a Teologia Negativa, ou apofática (do grego, apóphasis = negação). Vale ressaltar que a ideia de hierarquia está presente no Pseudo-Dionísio, mas isto não significa que esteja ocorrendo uma perfeita tradução do pensamento ortodoxo da Igreja e, por isso, talvez a tese de Agamben fique prejudicada”, ponderam os autores.

Acesse a íntegra do artigo em PDF através do link <http://bit.ly/2rCsVxY>.

Esta e outras edições dos Cadernos IHU Ideias também podem ser obtidas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos – IHU, no campus São Leopoldo da Unisinos (Av. Unisinos, 950), ou solicitadas pelo endereço [humanitas@unisinos.br](mailto:humanitas@unisinos.br). Informações pelo telefone (51) 3590-8213.



Outras edições em [www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores](http://www.ihuonline.unisinos.br/edicoes-anteriores)



## E sopra um vento de ar puro... Os dois anos de Papa Francisco em debate

Edição 465 – Ano XV – 18-5-2015

*O jesuíta argentino que chegou ao Vaticano com ares de novidade tem conquistado fiéis do mundo todo, caiu nas graças da imprensa, mas também tem mexido com a Igreja, suscitando resistências e contrariedades. Assim tem sido Jorge Mario Bergoglio, o Papa Francisco. Entender o pontificado desse bispo que veio lá “do fim do mundo”, depois de dois anos de pontificado, é o tema em debate da revista IHU On-Line publicada em maio de 2015.*



## O ECOmenismo de Laudato Si'

Edição 469 – Ano XV – 3-8-2015

*Frente ao paradigma tecnocrático dominante, a Carta Encíclica do Papa Francisco Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum, coloca em causa o lugar do ser humano na contemporaneidade. O texto se inscreve no contexto da realização da 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas – COP 21, a ser realizada em Paris, de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015. A edição 469 da revista IHU On-Line debate o documento pontifício no contexto das mudanças climáticas que desafiam o cuidado da casa comum.*



## Amoris Laetitia e a 'ética do possível'

Edição 483 – Ano XVI – 18-4-2016

*Após dois anos de intenso debate, que também foi tenso, o papa Francisco publicou, no dia 8 de abril, a Exortação Apostólica Amoris Laetitia. Sobre amor na família. O documento foi amplamente debatido, comentado, enaltecido por uns, e criticado, dura ou suavemente, por outros, nas Notícias do Dia, diariamente atualizadas e publicadas pela página eletrônica do Instituto Humanitas Unisinos - IHU e agora é discutido nas páginas da presente edição da revista IHU On-Line. Pesquisadores e pesquisadoras, do Brasil e do exterior, participam deste painel sobre o texto.*



**A reinvenção política no Brasil contemporâneo  
à luz das experiências latino-americanas**  
**28 de maio de 2018 (segunda-feira) – das 8h30min às 18h**

**Conferencistas confirmados**

Prof. Dr. Eduardo Gudynas – Centro Latino Americano de Ecología Social – CLAES – Uruguai

Prof. Dr. Pablo Miguez – Universidad de Buenos Aires – UBA – Argentina

Prof. Dr. Pablo Ortellado – USP

Raúl Zibechi – Uruguai

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU

Campus Unisinos – São Leopoldo

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



**05 de junho (terça-feira)**



**19h30min às 22h** – Dos. La máquina de la teología política y el lugar del pensamiento. Obra de Roberto Esposito. Apresentação da obra pelo **Prof. Dr. José Roque Junges – Unisinos**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos – São Leopoldo

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



**07 de junho (quinta-feira)**



**17h30min às 19h** – Desigualdade. O que pode ser feito?

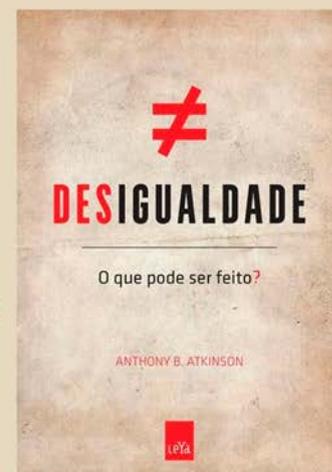
Obra de Anthony B. Atkinson.

Apresentação da obra pelo

**Prof. MS Márcio Eloir Schweig – Unisinos**

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU  
Campus Unisinos - São Leopoldo

[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br)



[ihu.unisinos.br](http://ihu.unisinos.br) | [ihuonline.unisinos.br](http://ihuonline.unisinos.br)

[twitter.com/\\_ihu](https://twitter.com/_ihu)

[bit.ly/faceihu](https://bit.ly/faceihu)

[bit.ly/instaihu](https://bit.ly/instaihu)

[bit.ly/youtubehiu](https://bit.ly/youtubehiu)

[medium.com/@\\_ihu](https://medium.com/@_ihu)